



KARINA SAINZ BORG

NOITE EM CARACAS





Noite em Caracas

Karina Sainz Borgo

Tradução de Livia Deorsola



Copyright © Karina Sainz Borgo, 2019

TÍTULO ORIGINAL

La Hija de la Española

PREPARAÇÃO

Elisa Menezes

REVISÃO

Carolina Rodrigues

Juliana Pitanga

ARTE DE CAPA

Lola Vaz

REVISÃO DE E-BOOK

Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0503-3

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)

[Aviso](#)
[Agradecimentos](#)
[Sobre a autora](#)
[Leia também](#)

*Às mulheres e aos homens que me antecederam.
E aos que virão.*

*Porque todas as histórias de mar são políticas, e nós, fragmentos de algo que busca
uma terra.*

Ai, nada pode te intimidar, poeta,
Nem o vento nos arames. [...]
Levanta a cabeça
Mas que tenha sentido
O que escreves.

YOLANDA PANTIN, “El hueso pélvico”

Legaram-me coragem. Não fui valente.

JORGE LUIS BORGES, “O remorso”

Eu mesmo, como tu, fui educado no desterro.

SÓFOCLES

Enterramos a minha mãe com suas coisas: o vestido azul, os sapatos pretos baixos e os óculos multifocais. Não podíamos nos despedir de outro jeito. Não podíamos apagar aquelas peças de sua fisionomia. Teria sido como devolvê-la incompleta à terra. Sepultamos tudo, porque depois de sua morte já não nos sobrava nada. Nem sequer tínhamos uma à outra. Naquele dia, caímos abatidas pelo cansaço. Ela, em sua caixa de madeira; eu, na cadeira sem braço de uma capela em ruínas, a única disponível das cinco ou seis que procurei para fazer o velório e que pude contratar apenas por três horas. Mais que funerárias, a cidade tinha fornos. As pessoas entravam e saíam delas como os pães que rareavam nas prateleiras e que choviam, duros, em nossa memória, com a recordação da fome.

Se ainda falo daquele dia no plural é por hábito, porque a liga dos anos nos soldou como partes de uma espada com a qual defendemos uma à outra. Enquanto eu redigia a inscrição para seu túmulo, entendi que a primeira morte acontece na linguagem, nesse ato de arrancar os sujeitos do presente para instalá-los no passado. Transformá-los em ações acabadas. Coisas que começaram e terminaram em um tempo extinto. Aquilo que foi e não será mais. A verdade era esta: minha mãe só existiria quando conjugada de outra forma. Ao enterrá-la, concluía-se minha infância de filha sem filhos. Naquela cidade em estado terminal, tínhamos perdido tudo, inclusive as palavras no tempo presente.

Seis pessoas compareceram ao velório da minha mãe. Ana foi a primeira. Chegou arrastando os pés, com o braço apoiado em Julio, seu marido. Ana parecia atravessar um túnel escuro que desembocava no mundo que nós, os outros, habitávamos. Meses antes, tinha se submetido a um tratamento com benzodiazepina. O efeito começava a se dissipar. Mal lhe restavam comprimidos suficientes para completar a dose diária. Assim como o pão, o Alprazolam estava se tornando escasso e o desânimo abria caminho com a mesma força do desespero dos que viam desaparecer tudo de que precisavam: as pessoas, os lugares, os amigos, as lembranças, a comida, a calma, a paz, a sensatez. “Perder” se tornou um verbo equalizador que os Filhos da Revolução usaram contra nós.

Ana e eu nos conhecemos na Faculdade de Letras. Desde então, compartilhamos uma sincronia em nossos próprios infernos. Desta vez também. Quando minha mãe ingressou na Unidade de Cuidados Paliativos, os Filhos da Revolução prenderam Santiago, o irmão de Ana. Naquele dia dezenas de

estudantes foram presos. Acabaram com as costas em carne viva por causa do chumbo grosso, espancados em uma esquina ou perfurados pelo cano de um fuzil. A Santiago coube A Tumba, uma combinação das três coisas aplicadas em doses ao longo do tempo.

Passou mais de um mês naquela prisão escavada cinco andares sob a superfície. Não havia sons nem janelas, tampouco luz natural ou ventilação. Ouviam-se apenas a passagem e o estrépito dos trilhos do metrô sobre a cabeça. Santiago ocupava uma das sete celas isoladas, dispostas uma depois da outra, de modo que ele não conseguia ver nem saber quem mais estava detido ao seu lado. Cada calabouço media dois por três metros. O chão e as paredes eram brancos. Brancos também eram as camas e as grades, através das quais era passada uma bandeja com alimentos. Jamais davam talheres: se queriam comer, só com as mãos.

Ana não tinha notícias de Santiago havia semanas. Nem sequer recebia mais o telefonema pelo qual pagavam quantias semanais de dinheiro; tampouco a danificada prova de vida que lhe chegava em forma de fotos, por meio de um número de celular que nunca era o mesmo.

Não sabemos se está vivo ou morto. “Não sabemos nada dele”, me contou Julio bem baixinho, afastando-se da cadeira ocupada por Ana, que ficou olhando os próprios pés por trinta minutos. Em todo esse tempo, ela levantou a cabeça para fazer três perguntas.

— Que horas vão enterrar a Adelaida?

— Às duas e meia.

— Humm — murmurou. — Onde?

— No cemitério de La Guairita, na parte velha. Minha mãe comprou o lote faz muito tempo. Tem uma vista bonita.

— Sei... — Ana parecia fazer um esforço a mais, como se pronunciar aquelas palavras fosse uma tarefa hercúlea. — Você quer ficar com a gente hoje enquanto passa o momento mais difícil?

— Vou a Ocumare amanhã bem cedo para ver as minhas tias e deixar umas coisas para elas — menti. — Mas agradeço. As coisas não estão nada fáceis para você também.

— É.

Ana me deu um beijo no rosto e foi embora.

Quem quer velar o morto de outra pessoa quando pressente que logo terá que velar o seu?

Apareceram duas professoras aposentadas com quem minha mãe ainda mantinha contato: María Jesús e Florencia. Prestaram suas condolências e também foram embora logo, conscientes de que nada do que disseram corrigiria a morte de uma mulher jovem demais para desaparecer. Saíram de lá apertando o passo, como se tentassem abrir vantagem contra a parca antes que esta também fosse atrás delas. Não chegou nem uma só coroa de flores à funerária, fora a minha. Um arranjo de cravos brancos que mal cobria a metade superior do caixão.

As duas irmãs da minha mãe, minhas tias Amelia e Clara, não apareceram. Eram gêmeas. Uma era gorda, e a outra, magérrima. Uma comia sem parar e a outra consumia no café da manhã uma xicarazinha de feijão-preto enquanto dava tragos em um cigarro de palha. Moravam em Ocumare de la Costa, um povoado do estado de Aragua, próximo à baía de Cata e de Choroní. Esse lugar, onde a água azul banha a areia branca, separado de Caracas por rodovias intransitáveis, caindo aos pedaços.

Aos oitenta anos, as tias Amelia e Clara, em toda a sua vida, tinham viajado, no máximo, apenas para Caracas. Não saíram daquele lugarejo nem sequer para ir à formatura de mamãe, a primeira universitária da família Falcón. Brilhava, linda, naquelas fotos, de pé, na aula magna da Universidade Central da Venezuela: os olhos muito maquiados, os cabelos armados amassados sob o capelo, ela segurando o diploma com as mãos rígidas e um sorriso solitário, como o de uma mulher com raiva. Minha mãe guardava aquela fotografia junto com seu histórico acadêmico de licenciada em Educação e o anúncio que minhas tias tinham posto no *El Aragüeño*, o jornal local, para que todo mundo soubesse que as Falcón tinham uma profissional na família.

Víamos pouco as minhas tias. Uma ou duas vezes ao ano. Viajávamos até o povoado e lá ficávamos nos meses de julho e agosto, e às vezes no Carnaval ou na Semana Santa. Dávamos uma mão na pensão e também ajudávamos a aliviar o peso financeiro. Minha mãe lhes deixava algum dinheiro e aproveitava para pegar no pé delas: de uma para que parasse de comer, e da outra para que comesse. Elas nos acolhiam com cafés da manhã que me davam náuseas: carne-seca, torresmo frito, tomate, abacate e café de *guarapo*, uma bebida com canela e rapadura que elas coavam com uma meia de pano e com a qual me perseguiram pela casa toda. Não foram poucos os desmaios que a poção provocou em mim, dos quais elas me despertavam com suas queixas de matronas amalucadas.

— Adelaida, filha, se minha mãe visse esta menina, tão magrela e fraquinha, lhe daria três arepas com manteiga! — dizia minha tia Amelia, a gorda. — O que está fazendo com essa criança? Ela parece uma manjuba frita. Espere aqui, minha filha. Já volto... Não saia daqui, mocinha!

— Amelia, deixe a menina. Só porque você tem fome o tempo todo não significa que os outros também tenham — retrucava minha tia Clara lá do quintal, enquanto observava os pés de manga, fumando um cigarro.

— Tia, o que você está fazendo aí fora? Entre, já vamos comer.

— Espere, estou vendo se os sem-vergonhas do terreno vizinho vêm derrubar as mangas com uma vara. Outro dia levaram três sacolas.

— Pronto, aqui. Coma só uma se quiser, mas ainda têm mais três — dizia minha tia Amelia, voltando da cozinha com um prato com dois bolinhos de farinha recheados de picadinho de torresmo frito. — Você está precisando. Coma, coma, minha filha, que vão esfriar!

Depois de lavar a louça, as três se sentavam no quintal para jogar bingo até que chegasse a praga, aquelas nuvens de pernilongos que apareciam pontualmente às seis da tarde e que espantávamos com a fumaça desprendida pelas folhas secas em contato com o fogo. Fazíamos uma fogueira e nos juntávamos para vê-la arder sob o sol apagado da tarde. Então uma das duas, algumas vezes Clara, e outras, Amelia, remexia-se na poltrona de palha e, resmungando, dizia a palavra mágica: “Defunto.”

Assim se referiam ao meu pai, um estudante de engenharia cujos planos de casamento evaporaram da mente quando minha mãe contou que esperava um bebê. A julgar pela raiva que minhas tias destilavam, qualquer um diria que ele também as tinha abandonado. As duas o mencionavam muito mais do que minha mãe, que nunca pronunciou o seu nome na minha frente. Pois nunca mais se soube do meu pai. Pelo menos foi isso o que ela me disse. Essa explicação me pareceu mais do que razoável para que sua ausência não fosse sentida. Se ele nunca quis saber de nós, por que esperaríamos algo da parte dele?

Nunca achei que a nossa família fosse grande. A família éramos minha mãe e eu. Nossa árvore genealógica começava e terminava em nós duas. Juntas, formávamos um junco, uma espécie de planta dessas que são capazes de crescer em qualquer lugar. Éramos pequenas e venenosas, quase nervadas, para que não doesse se por acaso nos arrancassem um pedaço ou mesmo a raiz inteira. Éramos feitas para resistir. Nosso mundo se apoiava no equilíbrio que ambas fôssemos capazes de manter. O resto era algo excepcional, acrescentado, e por isso

dispensável: não esperávamos ninguém, nos bastávamos uma à outra.

Demolição. Essa foi a sensação que tive enquanto digitava o número de telefone da pensão das Falcón no dia do velório de minha mãe. Demoraram a atender. Duas mulheres achacadiças naquele casarão dificilmente conseguiam transpor a distância que ia do quintal até a sala, onde conservavam um pequeno telefone de ficha que ninguém mais usava, mas que ainda dava linha e recebia chamadas. Minhas tias dirigiam a pensão fazia trinta anos. Em todo aquele tempo não tinham trocado um quadro sequer. Elas eram assim, inverossímeis, como os ipês-rosas pintados em telas cheias de poeira que decoravam aquelas paredes cobertas de gordura e terra.

Depois de várias tentativas, por fim atenderam. Receberam a notícia da morte da minha mãe com um ânimo obscuro e poucas palavras. As duas falaram comigo ao telefone. Primeiro Clara, a magra, e depois Amelia, a gorda. Pediram que eu atrasasse o enterro, ao menos pelo tempo que demorariam para comprar uma passagem para o próximo ônibus que sairia de Ocumare para Caracas. Três horas de viagem em uma estrada cheia de buracos e delinquentes as separavam da capital. Aquelas condições, somadas à velhice e às enfermidades — diabete, uma, e artrite, a outra —, as tinham fustigado. Para mim isso já era motivo suficiente para dissuadi-las da viagem. Despedi-me delas com a promessa de que iria vê-las — menti — e que juntas celebraríamos uma missa de sétimo dia na capela do povoado. Concordaram de má vontade. Desliguei o telefone com uma certeza: o mundo, tal como eu conhecia, tinha começado a desmoronar.

* * *

Já quase no fim da manhã, duas vizinhas do prédio se aproximaram para me dar os pêsames e, de quebra, desenrolar o repertório de consolações. Algo tão inútil quanto jogar migalha aos pombos. María, a enfermeira do sexto andar, começou a falar da vida eterna. Gloria, da cobertura, parecia mais interessada em saber o que ia ser de mim, agora que estava “sozinha”. Porque, claro, aquele apartamento era grande demais para uma mulher sem filhos. Porque, claro, do jeito que as coisas andavam, eu já teria que pensar em alugar pelo menos um dos quartos. Que hoje paga-se em dólar, e, bom, isso se eu desse sorte de conseguir

alguém conhecido. Gente decente, que paga em dia. Porque tem muito marginal por aí, dizia Gloria. E, como a solidão não é algo bom e você agora está sozinha, é melhor ter gente por perto, pelo menos para o caso de uma emergência, não é? Você deve ter algum conhecido para quem alugar o quarto, não é, querida? E se não tiver, claro, ela dizia ter uma prima distante que fazia tempo que queria se mudar para a cidade. Que boa oportunidade, não é mesmo? Ela se muda para sua casa e assim você ganha um extra. Não é uma boa ideia?, me alfinetou diante do caixão fechado da minha mãe, que tinha acabado de morrer. Porque, eu já devia saber, com esta inflação, pagar os médicos e o enterro e o lote do cemitério. Porque tudo isso deve ter lhe custado uma fortuna, não? Alguma coisa você deve ter guardado, com certeza, mas, com as suas tias já tão idosas e morando tão longe, você vai precisar de ganhos adicionais. Por isso vou lhe colocar em contato com a minha prima, para que você faça bom uso desse quarto.

Gloria não parou de falar de dinheiro nem por um instante sequer. Algo em seus olhinhos de roedor insistia em detectar que fatia ela podia usufruir da minha situação, ou pelo menos descobrir como melhorar a dela a partir da minha. Todos nós vivíamos assim na época: olhando o que havia na sacola de compras do outro e farejando se o vizinho trazia algo que estava em falta para buscar o mesmo item onde ele tinha conseguido. Todos nós nos transformamos em suspeitos e vigias, disfarçávamos a depredação sob a solidariedade.

As mulheres foram embora às duas horas, uma farta de escutar as indiscrições da outra, e a outra cansada de não conseguir averiguar o que seria de meus bens, agora que minha mãe já não estava mais aqui.

Viver tinha se transformado em sair para caçar e voltar vivo. Nisso consistia nossas ações mais elementares, inclusive a de sepultar nossos mortos.

— O aluguel da capela vai lhe custar cinco mil bolívares fortes.

— Cinco milhões de bolívares da moeda antiga, é o que o senhor está querendo dizer.

— Sim, isso — disse o funcionário da funerária, modulando a vozinha. — Como a senhora trouxe a certidão de óbito, fica mais barato. Do contrário, custaria sete mil bolívares fortes, somando a emissão do documento.

— Sete milhões de bolívares na moeda antiga, não?

— Sim, isso.

— Entendi.

— A senhora vai ou não contratar o serviço? — soltou com certa exasperação.

— O senhor acha que consigo decidir?

— Isso é a senhora que sabe.

Pagar o velório foi ainda mais complicado que custear os últimos dias da minha mãe na clínica. O sistema bancário era uma ficção. Os caras da funerária não tinham maquininha de cartão, também não aceitavam transferências e eu não tinha dinheiro vivo suficiente para completar o valor que me pediam, algo em torno de duas mil vezes o meu salário. Se tivesse, também não o teriam aceitado. Naqueles dias ninguém queria notas. Eram papéis sem valor. Era preciso dispor de grandes maços para comprar qualquer coisa, de uma garrafa de refrigerante — se houvesse — a uma caixa de chicletes, que então se conseguia, às vezes, por dez ou 12 vezes o valor original. O dinheiro se tornou uma escala urbanística. Eram necessárias duas torres de notas de cem para comprar, quando havia, uma garrafa de óleo de cozinha; às vezes três, para 250 gramas de queijo. Arranha-céus sem valor; era isto a moeda nacional: um conto da carochinha. Poucos meses depois aconteceu o contrário: o dinheiro desapareceu. Aí já não tínhamos nada para entregar em troca do pouco que se conseguia.

Optei pela solução mais simples: tirei da carteira a última nota de cinquenta euros que havia comprado meses antes no mercado negro e a estendi ao gerente da funerária, que se lançou sobre ela com os olhos espantados. Provavelmente conseguiria trocá-la por vinte vezes seu valor oficial, ou até mesmo trinta, por causa do modo como eu o tinha pagado. Cinquenta euros, um quarto do que tinha sobrado de minhas economias, que eu guardava enroladas em uma calcinha furada, na tentativa de despistar quem pudesse entrar em casa para nos roubar. O trabalho freelancer para uma editora mexicana radicada na Espanha — me pagavam em moeda estrangeira — e a rescisão paga com atraso dos manuscritos corrigidos permitiram, a mim e à minha mãe, ir vivendo. Mas as últimas semanas nos fulminaram. A clínica nos cobrava por tudo aquilo que não tinha e que devíamos comprar no mercado negro, por três ou quatro vezes o valor original: das seringas e bolsas de soro até as gazes e o algodão que um enfermeiro com aspecto de açougueiro me oferecia, depois de me pedir uma quantidade de dinheiro exorbitante, quase sempre maior do que o valor que tínhamos combinado.

Tudo desaparecia quase com a mesma velocidade com a que minha mãe perdia a vida, deitada em uma cama com lençóis que eu tinha que levar lavados de casa todos os dias e que pareciam se derreter com os humores de um quarto compartilhado com três outros doentes. Não havia uma só clínica na cidade que não tivesse listas de espera para ocupar um lugar. As pessoas ficavam doentes e

morriam com tanta rapidez quanto perdiam o juízo. Nunca pensei em colocar a minha mãe em um hospital público; seria como levá-la para morrer jogada em um corredor cheio de delinquentes crivados por balas. Nossa vida, nosso dinheiro, nossas forças estavam se acabando. Até mesmo o dia estava mais curto. Estar na rua às seis da tarde era uma maneira estúpida de rifar a existência. Qualquer coisa podia nos matar: um disparo, um sequestro, um assalto. Os apagões duravam horas e conectavam o pôr do sol a uma escuridão perpétua.

Às duas da tarde os funcionários da funerária apareceram na capela. Dois sujeitos vestidos com ternos escuros, confeccionados com um tecido vulgar. Os homenzarrões pegaram o caixão e o jogaram sem cuidado dentro de um Ford Zephyr ano 95 transformado em carro funerário. Eu mesma peguei a coroa de flores e a coloquei sobre o caixão, para deixar claro que aquilo era minha mãe, e não uma bandeja de mortadela. Em um lugar no qual a morte se equiparava às baixas ocasionadas por uma peste, o cadáver de Adelaida Falcón, minha mãe, era isto: um presunto, um corpo sem vida que se amontoava junto a muitos outros. Aqueles homens a tratavam como o resto: sem compaixão.

Sentei no assento do passageiro e olhei o motorista de esguelha. Tinha os cabelos grisalhos e a pele marcada dos morenos quando envelhecem. “Vamos para qual cemitério? La Guairita?” Assenti. Não trocamos mais nenhuma palavra. Deixei que o vento quente da cidade me tocasse, com seu odor ácido e enjoativo, cheirando a cascas de laranja que apodrecem dentro de um saco de lixo sob o sol. Demoramos o dobro do tempo usual para atravessar a rodovia, a mesma que havia cinquenta anos prestava serviço a uma cidade cuja população tinha triplicado em relação a quando ela tinha sido originalmente projetada.

O Ford Zephyr não tinha amortecedores, então a via, repleta de buracos, se tornou um novo calvário. O caixão de minha mãe chacoalhava na cabine sem correias que o segurassem. Enquanto eu olhava pelo retrovisor a caixa de laminado — não pude pagar por uma de madeira —, pensei no quanto eu teria gostado de dar à minha mãe um funeral digno. Ela deve ter pensado a mesma coisa muitas vezes. Deve ter desejado me dar coisas melhores: uma lancheira mais bonitinha, como as cor-de-rosa com detalhes dourados que as meninas trocavam a cada mês de outubro, e não aquela de plástico azul-turquesa que ela limpava bem em todos os setembros; uma casa maior, com jardim, na parte leste da cidade, e não aquele apartamento-gaiola na zona oeste. Nunca questionei nada que viesse da minha mãe, porque sabia o quanto tinha lhe custado. Quantas aulas particulares precisou dar para pagar meus estudos em um colégio

particular, ou minhas festas de aniversário com bolo, gelatina e refrigerantes servidos em copos de plástico? Ela nunca me disse. Não precisou explicar de onde vinha o dinheiro que sustentava a casa, porque eu via seu trabalho diariamente.

Minha mãe dava aulas às terças, quartas e quintas-feiras de cada semana. Durante as férias, aquelas aulas se transformavam em sessões diárias para os estudantes que tinham provas em setembro, para não reprovar no curso. Às quinze para as quatro, minha mãe retirava a toalha de lona da mesa de jantar. Colocava lápis, um apontador, várias folhas sulfites, um prato com bolachas Maria e uma jarra de água com dois copos de vidro. Vi passar muitas crianças lá em casa. Todas tinham a mesma expressão anêmica, carentes de vida e de interesse. Meninos e meninas gordos, desnutridos pelas toneladas de chocolate e televisão com que preenchiam as tardes de uma cidade que foi ficando sem parques para brincar. Cresci em um lugar repleto de balanços e escorregadores de metal oxidado que ninguém usava por medo da violência, que naquele tempo nem em sonho alcançaria as dimensões que adquiriu com o passar dos anos.

Ela resumia para seus alunos a lição básica: sujeito, verbo e predicado, e então os complementos diretos, indiretos e circunstanciais. Não havia jeito de eles acertarem, a não ser depois de muita insistência, e às vezes nem assim. Foram tantos anos corrigindo provas escritas a lápis, preparando as aulas da manhã e supervisionando os deveres de seus alunos das tardes que minha mãe foi perdendo a visão. No fim de seus dias, mal conseguia ficar longe daqueles óculos de lentes grossas e moldura perolada. Era incapaz de fazer alguma coisa sem eles. Embora a leitura diária do jornal tenha se tornado cada vez mais lenta e difícil, jamais renunciou a ela. Parecia-lhe um gesto civilizado.

Adelaida Falcón, minha mãe, era uma mulher culta. A biblioteca de nossa casa era formada por livros do Círculo de Leitores, aquela coleção de clássicos universais e contemporâneos, com suas capas duras de cores vivas que usei mil vezes enquanto estudava Letras e que acabei assumindo como meus. Aqueles volumes exerciam uma fascinação poderosa sobre mim, mais que as lancheiras cor-de-rosa que minhas colegas estreavam a cada mês de outubro.

Quando chegamos ao cemitério, a cova com duas fossas já estava aberta. Uma para ela, outra para mim. Minha mãe tinha comprado o lote anos antes. Olhando para aquele buraco de argila, pensei em uma frase de Juan Gabriel Vásquez, que li em uma das provas que tive que corrigir semanas antes: “Pertencemos ao lugar onde estão enterrados nossos mortos.” Ao observar o gramado ao redor da sepultura, entendi que meu único morto me atava a uma terra que expulsava os seus com a mesma força com a qual os devorava. Aquela não era uma nação, era uma trituradora.

Os funcionários tiraram a minha mãe do Ford Zephyr e a acomodaram em sua sepultura, usando uma roldana com umas correias velhas, cheias de rebites. Ao menos não aconteceria o mesmo que à minha avó Consuelo. Eu era muito pequena, mas ainda me lembro. Foi em Ocumare. Fazia calor, um calor mais úmido e salgado do que o desta tarde sem mar. Minha língua estava em carne viva por causa dos cafés *aguarapados* e me distraía mordiscando as papilas abrasadas por aquela beberagem que minhas tias me obrigavam a tomar entre uma Ave-Maria e outra. Os coveiros da cidadezinha baixavam o caixão da avó Consuelo com duas cordas de sisal desfiadas, parecidas com estas, mas ainda mais finas. A arca deslizou de modo desigual e, com a batida, se abriu como um pistache. A vovó, dura, chocou-se com o vidro, então o cortejo passou do responso ao grito. Dois jovens tentaram endireitá-la, fechar o caixão e seguir adiante, mas tudo se complicou. Minhas tias davam voltas ao redor da cova, levando as mãos à cabeça e recitando toda a cúpula da Igreja católica. São Pedro, São Paulo, Virgem Santíssima, Virgem Puríssima, Rainha dos Anjos, Rainha dos Patriarcas, Rainha dos Profetas, Rainha dos Apóstolos, Rainha dos Mártires, Rainha dos Confessores, Rainha das Virgens. Rogai por nós.

Minha avó, uma mulher sem ternura em cujos pés da sepultura algum engraçadinho acabou plantando um pé de pimenta, morreu em uma cama, chamando por suas oito irmãs mortas. Oito mulheres vestidas de preto. Ela as viu ao lado do mosqueteiro sob o qual ela se afundava enquanto dava suas últimas ordens, ao menos foi isso que minha mãe me contou. Mamãe, ao contrário, não dispunha de uma corte de parentes em quem mandar sentada em seu trono, envolta por almofadões e escarradeiras. Tinha só a mim.

Um padre incapaz de usar o “de que” corretamente recitou de cor um missal

pela alma de Adelaida Falcón, minha mãe. Os funcionários jogaram pás cheias de argila misturada com pedras e selaram a cova com uma placa de cimento, aquele entrepiso que nos separaria até que voltássemos a nos juntar sob a terra de uma cidade onde até mesmo as flores são roubadas. Virei-me. Despedi-me do padre e dos funcionários com um aceno. Um deles, um moreno magro com olhos de cobra, sugeriu que eu me apressasse. Até aquele dia da semana já tinham acontecido assaltos à mão armada em três enterros. E a senhora não vai querer passar por nenhum susto, disse, olhando para as minhas pernas. Não entendi se aquilo era um conselho ou uma ameaça.

Eu fazia menção de subir no Ford Zephyr, mas a todo momento desistia. Não podia deixá-la ali. Não podia ir embora pensando que em pouco tempo algum ladrão abriria a sepultura da minha mãe para roubar seus óculos, ou os sapatos ou os ossos, que estavam em alta naqueles dias em que a bruxaria tinha se tornado a religião nacional. País sem dentes que degola galinhas. Nesse instante, pela primeira vez em meses, chorei com o corpo todo, com espasmos de medo e dor. Chorava por ela. Por mim. Pela única coisa que tínhamos sido. Por aquele lugar sem lei no qual, ao cair da tarde, Adelaida Falcón, minha mãe, continuaria à mercê dos vivos. Chorei pensando em seu corpo, sepultado sob uma terra que nunca nos traria paz. Quando me sentei ao lado do motorista, eu não queria morrer: já estava morta.

O lote ficava muito distante da saída do cemitério. Para voltar para a estrada principal, era preciso pegar um atalho que parecia um caminho de cabras. Curvas. Pedregulhos. Trilhas sem poda. Aterros sem cancelas. O Ford Zephyr descia agora pelo mesmo caminho pelo qual antes tínhamos subido. O motorista virava bruscamente o volante a cada curva. Apagada, desconectada de mim mesma, eu não dava importância a mais nada. Que morrêssemos ou não. Por fim, ele reduziu a marcha e se inclinou sobre o volante sujo e gorduroso. “Mas que porra é essa?”, disse com a mandíbula desencaixada. O obstáculo se desdobrou diante de nós feito uma avalanche: uma caravana de motocicletas.

Eram vinte ou trinta, todas estacionadas no meio da via, interrompendo a passagem em ambos os sentidos. Os condutores vestiam camisetas vermelhas que a administração pública tinha distribuído nos primeiros anos de governo. Era o uniforme dos Motoqueiros da Pátria, uma infantaria com a qual a Revolução varria qualquer protesto contra o Comandante-Presidente — assim chamavam o líder dos revolucionários depois da quarta vitória eleitoral — e que com o tempo expandiu seus territórios, competências e objetivos. Qualquer um que caísse em

suas mãos se tornava uma vítima... De quê? Isso dependia do dia e da patrulha.

Quando acabou o dinheiro para financiar os Motoqueiros, o Estado decidiu compensá-los com uma gratificação. Não ganhariam o salário revolucionário completo, mas teriam licença para saquear e arrasar sem controle. Eram intocáveis. Ninguém os controlava. Qualquer um com vontade de matar e morrer podia candidatar-se, embora muitos atuassem em seu nome sem ter nem sequer uma conexão com a estrutura original. Chegaram a formar pequenas cooperativas com as que cobravam pedágio em algumas zonas da cidade. Erguiam uma barraca de campanha com três cadeiras e ali passavam o dia, recostados naquelas motos, de onde avistavam a presa e sobre as quais montavam para ir à caça com a pistola apontada.

O motorista e eu não nos olhamos. O grupo de motoqueiros ainda não tinha percebido nossa presença. Estavam todos de pé, ao redor de um altar improvisado feito com duas motos sobre as quais tinham apoiado um caixão fechado. Ali congregados formavam uma roda em torno daquela caixa, golpeando-a com ramos de plantas* e dando cusparadas de álcool. Empinavam, bebiam e cuspiam.

— É um enterro de marginais — disse o motorista. — Se a senhora é de rezar, reze, minha filha. — E engatou a ré.

O tempo que demorou em dar marcha à ré foi suficiente para ver o que parecia ser o momento mais animado de um sabá. Uma mulher de cabelos desgrenhados, chinelos, calças curtas e camiseta vermelha tinha posto uma menina sobre o caixão, como se montasse em um cavalo. Devia ser a filha do morto, a julgar pelo gesto orgulhoso com que a mulher levantava sua saia e lhe chicoteava as nádegas, enquanto a pequena dançava ao ritmo de uma música estridente. A cada açoite, a menina — de uns doze anos, se muito — se sacudia com mais força, sempre no compasso da canção que emitiam os alto-falantes dos três automóveis e da van estacionados do outro lado da curva. “Tumba-la-casa-mami, pero que tu-tumba-la-casa-mami; tumba-la-casa-mami, pero que tu-tumba-la-casa-mami”, repetia aquele *reggaeton* que enchia o ambiente de um vapor ainda mais denso. Nunca um ato fúnebre teve um chamado tão ardente.

A menina mexia a cintura sem nenhuma expressão no rosto, alheia às zombarias e grosserias, alheia inclusive aos açoites de uma mãe que parecia leiloá-la à mais solvente das feras que rodeavam sua virgem. Cada investida imaginária da mocinha despertava a fome e o pranto de homens e mulheres, que voltavam a

cuspir cachaça ao mesmo tempo em que aplaudiam. O Ford Zephyr já ia longe, mas ainda pude ver como uma segunda menina, mais encorpada, também subia no caixão e se acomodava montada nele, esfregando seu sexo contra a lâmina de latão que ardia abrasada pelo sol e sob a qual alguém, talvez um homem, devia estar repousando, rígido, esperando o apodrecimento.

Em meio ao calor e ao vapor daquela cidade separada do mar por uma montanha, cada célula daquele corpo morto começaria a inchar. A carne e os órgãos, a fermentar. Gases e ácidos. Pústulas e pequenas bolhas estouradas atrairiam as varejeiras, as que nascem nos corpos sem vida e volteiam em torno da merda. Olhei para a menina se esfregando em algo morto, quase criando vermes. Oferecer o sexo como o último tributo a uma vida arrancada a balas. Um convite a se reproduzir, a parir e trazer ao mundo mais e mais de sua estirpe: toneladas de gente cuja vida dura pouco, como a das moscas e das larvas. Seres que sobrevivem e se perpetuam alojados na morte de outros. Eu também alimentarei essas moscas. “Pertencemos ao lugar onde estão enterrados nossos mortos”, pensei.

Por causa da insolação das três da tarde sobre o asfalto, tinha se levantado essa miragem que borra as paisagens em meio ao calor: aquela concentração de homens e mulheres resplandecia como uma grelha de vida e morte. Afastamos daquela via e fomos em direção à estrada por um atalho ainda pior. Eu só pensava no momento em que o sol se esconderia e sua luz se esmaeceria no topo da colina onde eu tinha deixado a minha mãe sozinha. Então voltei a morrer. Jamais consegui ressuscitar das mortes que se acumularam em minha biografia naquela tarde. Naquele dia, me tornei minha única família. A última parte de uma vida que não demorariam em me tirar, a machetadas. A sangue e fogo, como tudo o que acontece nesta cidade.

* No original, *ramazos*. Trata-se de uma prática do curandeirismo local, em geral desempenhada por *santeros*, em que se unge o corpo de uma pessoa com ramos de plantas, às vezes medicinais. No caso, como se trata de uma espécie de velório, os personagens se utilizam da prática como rito de passagem. (N.T.)

Achei que três caixas bastariam para me desfazer dos objetos da minha mãe. Mas me enganei. Precisava de mais. Diante da despensa, inspecionei o que tinha sobrado dos pratos de La Cartuja.* Um punhado de utensílios de mesa, peças soltas com as que três comensais poderiam ter tomado sopa, comido a refeição e a sobremesa de casas modestas. Eram louças adornadas com bordas cor vinho e uma figura campestre no centro. Pouca coisa, uma louça honesta e modesta. Nunca soube de onde tinha saído nem como tinha ido parar em nossa casa.

Em nossa história, não havia casamentos com lista de presentes, tampouco avós com sotaque das Canárias ou perfil andaluz que servissem nessas travessas as torrijas fritas nos dias da Semana Santa. Nós duas púnhamos nelas nossas verduras sem azeite e os frangos tristes dos quais minha mãe arrancava a pele em silêncio. Ao usar aqueles pratos, não homenageávamos ninguém. Não vínhamos de ninguém nem pertencíamos a nada. Minha mãe me contou, já no final de sua agonia, que aquela louça de dezoito peças tinha sido presente da minha avó Consuelo, no dia em que finalmente conseguimos juntar dinheiro para comprar o pequeno apartamento onde, por muito tempo, vivemos como inquilinas. Era o enxoval do reino que inaugurávamos, nós duas, em nossa vida sem jardins.

A louça tinha sido deixada para a vovó Consuelo por sua irmã Berta, uma mulher de olhos de índia e pele negra que se casou com Francisco Rodríguez, nascido na Estremadura, que a pediu em casamento depois de seis meses de sua chegada à Venezuela; foi ele quem ergueu a pensão das Falcón, tijolo por tijolo, sob a canícula das costas de Aragua. Quando ele morreu, todos na cidadezinha começaram a chamar a tia Berta de viúva do *musiú*, aquele apelido pelo qual eram chamados todos os europeus que fizeram a vida no país, nos anos 1940; uma tradução do *monsieur* francês, digamos. Do estremenho, me disse minha mãe, existia apenas uma fotografia, a do dia de seu casamento com Berta Falcón, que então passou a se chamar Berta Rodríguez. Ele, um homem de corpanzil de armário, aparecia vestido com roupas de domingo ao lado de uma mulata poderosa e encorpada, me contou mamãe a respeito da foto que eu jamais cheguei a ver.

Minha mãe e eu comíamos em pratos de gente morta. Quanto teria cozinhado a tia Berta para servir neles a ração diária da pensão? Cozinharia as

refeições do livro de receitas de mulher idosa que se move feito um barco em uma cozinha cheirando a cravo e canela? Dava na mesma, aqueles pratos exalavam apenas uma verdade: minha mãe e eu nos parecíamos unicamente com nós mesmas. Por minhas veias corria um sangue que nunca me ajudaria a fugir. Naquele país em que todos eram feitos de alguém mais, nós não tínhamos ninguém. Aquela terra era nossa única biografia.

Antes de envolvê-lo em uma folha de jornal, olhei para o açucareiro que jamais chegamos a usar e que ficou largado como um objeto inútil. Nunca adoçamos nada do que levávamos à boca. Nossa aparência magricela se parecia à da árvore que vigorava no quintal de terra da pensão das Falcón e da qual se desprendiam umas frutas escuras e ácidas. Nós as chamávamos de “ameixas de ossinhos”, por causa da pouca carne e da enorme semente. Seu centro as distinguia do resto das frutas. Era uma espécie de seixo, um osso áspero envolvido por uma polpa azeda que dava nome a essas árvores ressecadas e pequenas que uma vez por ano ficavam carregadas do milagre de seu fruto.

A ameixa de ossinhos crescia nos solos pobres da costa. As crianças subiam nos galhos daquelas árvores e permaneciam posadas sobre eles como corvos, enquanto davam conta de seus frutos. Gente miúda que sorvia o pouco que a terra lhe dava. Quando nossas viagens a Ocumare coincidiam com a temporada, voltávamos com duas ou três sacolas carregadas de ameixas. Eu ficava com a responsabilidade de colher as melhores. Com elas, minhas tias preparavam um doce espesso. Deixavam-nas de molho a noite inteira e então as ferviam na água. O resultado final era um melaço mascavo e escuro formado a partir da raladura do torrão e das ameixas depois que tinham sido cozidas em fogo baixo por horas. Nem todas as ameixas serviam para isso. Era preciso escolher as que pareciam a ponto de cair do galho. Se estavam verdes, melhor nem tocar nelas; as que iam ficando vermelhas tampouco, porque amargavam o caldo. Tinham que ser as maduras, já quase roxas, gordinhas e soltinhas.

Colhê-las exigia um procedimento meticuloso, acompanhado de muitas instruções.

— Aperte assim; olhe bem.

— Se estiver mole como esta, você põe na sacola; as outras você separa e embrulha em folha de jornal.

— Para que amadureçam. Se você não explica direito, Amelia, como quer que ela entenda? Não coma muitas, cuidado que dão dor de barriga.

— Leve a sacola para você.

— Esta não, Amelia, aquela!

Clara e Amelia interrompiam uma à outra. Eu assentia e então me deixavam em paz. Perdia-me pelo corredor, em direção ao quintal. Subia na árvore e começava a arrancar as ameixas. Algumas cediam com facilidade; outras resistiam até que um puxão as fazia cair todas de uma vez. Quando acabava, entregava às minhas tias as mais maduras, perfeitas para o doce em calda que elas preparavam em grandes panelas coalhadas de fruta e melado. Ainda me lembro de seus perfis recortados pelos vapores, uma nuvem que para mim era imensa e que cobria o corpo daquelas mulheres morenas e maciças enquanto vertiam quilos de açúcar na água fervendo e mexiam com força, usando suas colheres de pau.

— Xô daqui, pequena. Se cai um panelão desses na sua cabeça... — dizia uma.

Eu aproveitava a reprimenda para escapulir com a única intenção de resgatar a pequena porção de ameixas escondidas no jardim, todas para mim.

Trepada no galho mais alto da árvore, eu as chupava até a semente. Sorvia e mordiscava até o caroço, no qual sempre estava grudada a carne esverdeada. Comer ameixa de ossinho era um ato de perseverança. Era preciso descascar a pele dura, rasgar e arrancar com os dentes até raspar o coração rochoso. Uma vez polida, passava a semente de um lado da boca para o outro, que nem bala. E ainda que minha mãe me ameaçasse, dizendo que se eu a engolissem cresceria dentro de mim um pé de ameixa no estômago, eu me deliciava, dando fim à sua escassa polpa. Só quando as sementes estavam completamente secas, eu as cuspia, disparando pedrinhas salivadas que caíam a esmo no chão, atingindo apenas os cachorros famintos, que me olhavam como se esperassem que eu compartilhasse com eles o meu lanche. Eu tentava afastá-los, dando golpes no ar. Mas eles, com olhos de poodle esquelético e sarnento, ficavam ali, parados feito estátuas, me vendo comer.

Aquele pé de ameixa também aparecia nos meus sonhos. Às vezes brotava dos bueiros da cidade, outras, da pia do apartamento ou do tanque da pensão das Falcón. Eu não queria nunca mais despertar daquelas imagens. Embelezadas em relação às originais, as árvores dos meus sonhos se revelavam sempre carregadas de ameixas peroladas que se transformavam em lagartas e casulos cristalizados, nos quais eu via uma rara e repugnante beleza. Moviam-se, imperceptíveis, como os músculos dos cavalos que por vezes passavam pela rodovia, aquelas bestas de patas repuxadas de tanto transportar a cana-de-açúcar e o cacau que os vendedores descarregavam no mercado de Ocumare. Era assim que tudo se

passava naquela cidadezinha: como se o século XIX jamais tivesse terminado e o progresso jamais tivesse chegado. Não fosse pela iluminação pública e pelos caminhões de cerveja Polar que iam pela rodovia, ninguém acreditaria que corriam os anos 1980.

Para não me esquecer da imagem daquelas árvores inverossímeis que brotavam em sonhos, eu as desenhava em meu bloco Caribe de cartolinas brancas. Usava giz de cera. Escolhia os tons de rosa e de violeta que encontrava em minha caixa de vinte e quatro lápis. Com o apontador, tirava lascas de resina e as esfregava com a ponta dos dedos no papel, para dar um efeito nebuloso ao resplendor de minhas lagartas. Eu podia demorar horas em cada desenho. Fazia-os quase com a mesma entrega com a que, na vida real, eu mordida e chupava as ameixas de carne ácida e venosa que ainda hoje sopram em minhas lembranças feito uma brisa.

A árvore do quintal da pensão das Falcón era território meu. Sentia-me livre em seus galhos desolados, nos quais eu trepava como um macaco, esse lado da minha infância que em nada se parecia à cidade cheia de medo onde cresci e que com o passar dos anos se transformou em uma massa disforme de alambrados e trancas. Eu gostava de Caracas, mas preferia os dias de cana-de-açúcar e pernilongos de Ocumare àquelas calçadas sujas, sempre cheias de laranjas apodrecidas e água manchada com óleo de motor. Em Ocumare tudo era diferente.

O mar redime e corrige, engole corpos e os expulsa. Mescla-se sem distinção com tudo o que cruza seu caminho, como aquele rio de Ocumare de la Costa que ainda desemboca empurrando sal do oceano com seu passo de água doce. Na beira do mar cresciam as árvores de uva-da-praia, com aquelas bagas pobres com que minha mãe fabricava falsas coroas de miss de interior, enquanto eu sonhava, em segredo, com brincos de lagarta de madrepérola, essa metamorfose à qual se submetiam as ameixas quando atravessavam a membrana da realidade.

* La Cartuja de Sevilla é uma tradicional marca de louças, decoradas com arte da Andaluzia, Espanha. Sua fábrica foi fundada em 1841 por uma família inglesa. (N.T.)

Ouvi disparos. Como no dia anterior, e no anterior a esse e no anterior do anterior a esse. Uma torneira aberta de água suja e chumbo; assim fui separando o dia do enterro da minha mãe dos dias seguintes. No meu quarto, da escrivaninha ao lado da cristaleira, notei que os apartamentos dos edifícios vizinhos estavam às escuras. Era normal que faltasse luz na cidade, por isso achei estranho que na minha casa houvesse energia, e no resto, não. “Está acontecendo alguma coisa aqui”, pensei. Apaguei a luminária imediatamente. Então começaram a soar golpes secos no apartamento de Ramona e Carmelo, moradores do andar de cima. Móveis se chocavam. Cadeiras e mesas arrastadas de um lado para o outro. Telefonei para eles. Ninguém atendeu. Lá fora, a noite e a confusão criavam seu próprio toque de recolher. O país vivia dias obscuros, provavelmente os piores desde a Guerra Federal.*

Imaginei que pudesse ser um assalto, mas como, se ninguém tinha levantado a voz? Aproximei-me da janela da sala. Um contêiner pegava fogo no meio da avenida. O vento ainda arrastava as notas de dinheiro que os vizinhos queimavam em grupo. Gente fraca e cinzenta que se reunia para iluminar a cidade com sua pobreza. Eu estava quase telefonando outra vez para Ramona, quando vi sair da portaria um punhado de homens vestidos com o uniforme da inteligência militar. Eram cinco, com armas compridas penduradas no ombro. Nas mãos, levavam um micro-ondas e a torre de um computador de mesa. Outros arrastavam duas malas. Eu não sabia se estava diante de uma invasão, um roubo ou as duas coisas. Os tipos subiram em um furgão preto e se afastaram na direção da esquina da Pelota. Quando já tinham desaparecido no cruzamento que conduz à rodovia, uma luz do edifício vizinho se acendeu. A essa seguiu-se outra. E outra. E depois outra mais. Um paredão de cegueira e silêncio começou a despertar enquanto um redemoinho de notas em chamas dava voltas, impulsionado pela aceleração do caminhão militar.

Antes que desaparecesse de vez o dinheiro em notas, o Gabinete Revolucionário anunciou, por ordem do Comandante-Presidente, que eliminaria de forma progressiva o papel-moeda. E embora o decreto tivesse por objetivo lutar contra o terrorismo financeiro, ou o que os hierarcas chamavam de terrorismo financeiro, era impossível imprimir mais moeda que substituísse a

anterior. O dinheiro que circulava à força não valia nada, mesmo antes de ser queimado. Um guardanapo tinha mais valor que uma só nota de cem das que ardiam agora sobre as calçadas, como uma premonição.

Em casa havia comida suficiente para dois meses, a reserva que minha mãe e eu fomos acumulando depois dos saques que assolaram o país anos antes e que tinham deixado de ser eventos excepcionais para se tornarem uma rotina. Eu estava disposta a resistir com a despesa de nossos castigos, que aprendi a administrar por intuição. Ninguém me instruiu, o tempo foi me ensinando. A guerra era nosso destino, desde muito antes que soubéssemos que ela chegaria. Minha mãe foi a primeira a intuir isso. Tomou suas medidas e foi nos abastecendo por anos. Se podíamos compraratum, melhor era levar duas latas. Por via das dúvidas. Enchíamos a despensa como se alimentássemos um animal que nos daria de comer para sempre.

* * *

O primeiro saque que conservo na memória aconteceu no dia em que fiz dez anos. Já então vivíamos na parte oeste da cidade. Ficamos isoladas no lado mais violento. Qualquer coisa podia acontecer. Transpassadas pela incerteza, minha mãe e eu vimos cruzar pelotões de militares rumo ao palácio de Miraflores, a sede do governo, a duas quadras de nosso edifício. Umas horas depois, na televisão, vimos enxames de homens e mulheres assaltando as lojas. Alguns carregavam grandes peças de carne bovina sobre os ombros. Corriam sem reparar no sangue ainda fresco que escorria e manchava suas roupas. Outros levavam nas costas televisores e eletrodomésticos subtraídos das vitrines estilhaçadas a pedradas. Cheguei inclusive a ver um homem arrastar um piano pelo meio da avenida Sucre.

Naquele dia, pela televisão, em uma transmissão ao vivo, o ministro do Interior pedia serenidade e civismo. Tudo estava sob controle, assegurou. Depois de poucos segundos fez-se um silêncio incômodo. Do rosto do ministro brotou uma expressão de terror. Ele olhou para um lado, para o outro, e abandonou o palanque do qual se dirigia ao resto da nação. Sua invocação à calma ficou nisto: o plano americano de um púlpito vazio.

O país mudou em menos de um mês. Começamos a ver caminhões de

mudança nos quais viajavam torres de caixões atados com cordas, mas às vezes nem isso. Com o passar dos dias, os corpos começaram a ser envolvidos em bolsas plásticas sem identificação e a ser jogados à Peste, a vala comum onde foram parar centenas de assassinados. Foi a primeira tentativa dos patronos da Revolução de assaltar o poder; também foi a primeira definição de desmancha-prazeres e explosão social que mantenho na memória. Para cantar parabéns, minha mãe fritou em óleo de girassol um bolinho de farinha de milho ao qual ela deu um formato de coração. Aquele pedaço de amor com aspecto de rim exibiu um tom dourado nas bordas e estava macio no centro, onde mamãe fincou uma diminuta vela cor-de-rosa. Cantou “Ay, qué noche tan preciosa”, essa versão nacional, comprida e fanfarrona do “Parabéns a você”, que em outros lugares tem a duração normal de uma canção, e não os dez minutos daquela outra. Depois partiu o coração em quatro partes e as untou com manteiga. Mastigamos em silêncio, com as luzes apagadas e sentadas no chão da sala. Antes de irmos para a cama, uma rajada de metralhadora acrescentou reticências àquela festa sem luzes nem *pinãta*. **

“Feliz aniversário, Adelaida.”

Na manhã seguinte, na estreia da minha segunda década de vida, conheci meu primeiro amor. Na escola, as meninas se apaixonavam por outras fábulas: sapos transformados em cavaleiros, príncipes de rostos afeminados que iam pela praia atrás do canto de uma sereia, lenhadores que com um beijo despertavam as belas adormecidas de cabelos claros e lábios carnudos. Eu não me apaixonei por nenhuma dessas ficções masculinas: tinha me apaixonado por ele. Um soldado morto.

Lembro-me de seu rosto impresso na primeira página de *El Nacional*, o jornal que minha mãe lia, todas as manhãs, de trás para a frente, à mesa de jantar. Não passou um dia de sua vida sem que o comprasse. Ao menos enquanto existia papel para imprimi-lo. Se havia jornal, ela ia até a banca. Naquela manhã, trouxe o jornal junto com um maço de cigarro, três bananas maduras e uma garrafa de água, tudo o que pôde conseguir na mercearia, que fechava a toda hora diante dos rumores de que se aproximava um novo grupo de saqueadores.

Chegou em casa despenteada, com a respiração entrecortada e o jornal debaixo do braço. Deixou-o na mesa e correu ao telefone, para ligar para as irmãs. Enquanto tentava convencê-las de que tudo estava em ordem, coisa que não era verdade, peguei o jornal e o estendi no chão de granito do apartamento.

A fotografia principal que ilustrava a repressão militar e a carnificina nacional tinha se transformado em um pôster que cobria a capa inteira. Então ele apareceu diante de mim. Um soldado jovem tombado sobre uma poça de sangue. Cheguei mais perto para esmiuçar seu rosto. Pareceu-me um ser perfeito, lindo. Com a cabeça caída e pendurada à beira da calçada. Pobre, magro, quase adolescente. O capacete de lado deixava descoberta a cabeça perfurada por uma bala de fuzil. Ali estava: esparramado feito uma fruta. Um príncipe azul com os olhos encharcados de sangue. Poucos dias depois fiquei menstruada. Já era uma mulher: a dona de um belo adormecido que me matava de amor e tristeza ao mesmo tempo. Meu primeiro namorado e meu último boneco da infância, coberto por pedaços de seu cérebro que tinha sido explodido pelo disparo de uma arma de guerra contra sua testa. Sim, com dez anos eu já era viúva. Com dez anos já amava fantasmas.

* Também conhecida como Guerra Larga ou Guerra de los Cinco Años, a Guerra Federal (1859-1863) foi disputada entre forças liberais (ou federalistas) e conservadoras, com respeito aos rumos que a Venezuela devia seguir depois de sua independência, cujo confronto teve início em 1806 e terminou apenas em 1821, na Batalha de Carabobo. (N.T.)

** Pinhata ou pichorra: jogo em que, de olhos vendados, deve-se quebrar um recipiente pendurado — em geral, uma bexiga grande —, cheio de doces. (N.T.)

Passei os olhos pela biblioteca de casa. Na lombada de alguns livros vi os círculos coloridos que, por anos, entediada e sem parques onde brincar, desenhei enquanto minha mãe dava suas lições de sujeito-verbo-predicado. Com a ordem de não sair do meu quarto, me equipava ali, com vários livros. Às vezes eu os lia, às vezes apenas brincava com eles. Desenroscava as tampas dos potes de guache e as pressionava a esmo sobre as folhas encadernadas: *A sangue frio*, com um anel laranja em sua capa cor de telha; *O outono do patriarca*, com amarelo-ovo, para reforçar o mostarda original da capa; *Por quem os sinos dobram...*, com a cor vinho. Quase todos os livros tinham essa marca, como se eu os tivesse marcado a ferro antes de devolvê-los à prateleira para que ficassem à vontade e em silêncio. Por que, com o tempo, aquelas marcas não se apagaram, se tudo o que infligimos não permanece?, me perguntei com *A casa verde* nas mãos.

Abri o armário da minha mãe. Encontrei os sapatos número trinta e seis. Ordenados por pares, adquiriam agora o aspecto de um pelotão de soldados cansados. Inspeccionei os cintos com os quais marcava sua cintura de mulher magra e os cabides em que estavam pendurados seus vestidos. Nada nesses objetos era estridente ou exagerado. Minha mãe era um faquir. Uma mulher discreta e sem lágrimas, que ao me abraçar erguia um céu entre nós, um segundo ventre com cheiro de nicotina e creme hidratante. Adelaida Falcón, minha mãe, fumava e cuidava da pele com o mesmo esmero. Na residência universitária para senhoritas onde passou cinco anos da sua vida, aprendeu a arrumar os cabelos e a se maquiar e também a fumar. Desde então, nunca parou de ler, de regar o rosto com discretos unguentos nem de aspirar seus canudinhos fumegantes disfarçadamente. Aqueles anos tinham sido sua época mais feliz, ela dizia com frequência. Cada vez que pronunciava essas palavras, ardia dentro de mim a pergunta sobre se os anos que tinha vivido comigo tinham sido uma derrocada em relação às vacas gordas da sua juventude.

Remexi no fundo do armário até encontrar a blusa de borboleta-monarca. Era uma peça confeccionada com lantejoulas pretas e douradas. Eu amava aquele pedaço de pano. Tirá-lo do cabide e tocá-lo com a palma da mão era uma das coisas que tornavam excepcionais os escassos metros do mundo que habitávamos, minha mãe e eu. Aquela blusa era a versão estilosa dos casulos perolados dos meus sonhos. Roupas mágicas, feitas de cores e materiais fantásticos.

Estendi-a sobre a cama, me perguntando para que minha mãe a comprara se nunca tinha chegado a usá-la.

— Como você quer que eu coloque isso às oito da manhã? — respondeu ela quando sugeri que a vestisse para uma das reuniões de pais e representantes do colégio. Por mais que eu suplicasse, ela jamais ia àquelas reuniões com essa blusa.

Estudei em um instituto de freiras, o substituto de um outro de mais prestígio, mas no qual não me aceitaram porque, na hora da entrevista, a diretora descobriu que minha mãe não era viúva nem estava casada. E embora ela nunca tenha me contado nada sobre o episódio, entendi que tinha sido um sintoma da doença congênita da classe média venezuelana de então: um enxerto entre as obsessões dos brancos crioulos do século XIX e a deformidade de uma sociedade na qual todos tinham o sangue mestiço ou negro correndo nas veias. Esse país onde as mulheres sempre pariram e criaram sozinhas filhos de homens que nem sequer se deram o trabalho de ir comprar cigarro para não voltar mais. Reconhecê-lo, claro, era parte da penitência. O obstáculo na íngreme escada da ascensão social.

Cresci rodeada de filhas de imigrantes. Meninas de pele morena e olhos claros, a somatória de séculos na vida de alcova de um país mestiço e estranho. Bonito em suas psicopatias. Generoso em beleza e violência, dois dos mais abundantes recursos nacionais. O resultado final era esta nação construída sobre a fenda de suas próprias contradições, a falha tectônica de uma paisagem sempre a ponto de desmoronar em cima de seus habitantes.

Embora menos exclusivo, meu colégio era também uma sentinela para dar compostura a uma sociedade que estava longe de tê-la. Com o passar do tempo, compreendi que aquele lugar era a escala de um mal muito mais profundo, a reserva natural de uma república cosmética. A frivolidade era o menos penoso de seus males. Ninguém queria envelhecer nem parecer pobre. Ocultar, maquiagem. Este era o distintivo da pátria: aparentar. Dava na mesma que houvesse ou não dinheiro, dava na mesma que o país estivesse caindo aos pedaços: o assunto era embelezar, aspirar a uma coroa, ser rainha de algo... do Carnaval, da cidade, do país. A mais alta, a mais bonita, a mais tola. Mesmo na miséria que impera na cidade, ainda consigo perceber traços dessa tara. Nossa monarquia foi sempre assim: a dos mais enfeitados, o mais vistoso ou vistosa. É disso que se tratava aquele assunto que rompeu o fluxo das ondas no cataclismo da vulgaridade. Na época podíamos nos permitir esse tipo de coisa. O petróleo pagava as contas pendentes. Ou era isso que pensávamos.

Fui para a rua. Precisava de absorventes. Podia viver sem açúcar, café ou óleo, mas não sem absorventes. Eram mais valiosos até mesmo que papel higiênico. Comprava-os a preço de ouro de um grupo de mulheres que controlavam os poucos pacotes que chegavam ao supermercado. Eram chamadas de *bachaqueras*, porque agiam com a precisão daqueles insetos.* Andavam em grupo, eram rápidas e levavam tudo por onde passavam. Eram as primeiras a chegar aos comércios e conheciam a melhor forma de ultrapassar as barreiras impostas pelo governo. Conseguiram o que nós não conseguíamos, para nos vender a preços exorbitantes. Se eu estivesse disposta a pagar o triplo do preço, podia conseguir o que quisesse. E foi assim que fiz. Guardei três maços de notas de cem em uma bolsa. Em troca, recebi um pacote com vinte absorventes higiênicos. Até mesmo sangrar custava dinheiro.

Comecei a racionar tudo para não ter que ir atrás das coisas. Não precisava de nada, a não ser de silêncio. Mal abria as janelas. A fumaça dos gases lacrimogêneos com os quais as forças da Revolução reprimiam os manifestantes que protestavam contra os decretos de racionamento impregnava tudo e me fazia vomitar até perder a cor. Vedei todas as janelas com fita adesiva, menos as do banheiro e a da cozinha, as únicas que não davam para a rua. Fiz o possível para não deixar entrar nada vindo de fora.

Atendi apenas os telefonemas da editora, que me deu uma semana de licença por causa da minha perda. Isso tinha me obrigado a atrasar a correção de um monte de provas impressas, que teria sido bom eu liberar, mas não me sentia capaz de revisá-las. O dinheiro me fazia falta, mas não tinha como ganhá-lo. Não havia conexão para fazer transferências bancárias. A internet funcionava aos trancos e barrancos. Era lenta e ruim. Todo o dinheiro que eu tinha depositado em bolívars em uma conta de poupança havia sido usado para pagar o tratamento da minha mãe. Dos meus pagamentos como editora, tampouco restava muito, com um agravante: por imposição dos Filhos da Revolução, a moeda estrangeira tinha se tornado ilegal. Possuí-la equivalia a um delito de traição à pátria.

Quando liguei meu celular, saltaram três mensagens de texto, todas da Ana. Uma para saber como eu estava e duas daquelas que se enviam para todos os

contatos da agenda. Tinham se passado outros quinze dias sem notícia do seu irmão Santiago e por isso ela nos pedia que assinássemos um abaixo-assinado para solicitar sua libertação. Não respondi nenhuma. Não podia fazer nada por ela, e ela também não podia fazer nada por mim. Estávamos condenadas, como todo o país, a nos ignorar. Era a culpa do sobrevivente, algo parecido ao que sofriam os que iam embora do país, uma sensação de desonra e vergonha: abrir mão do sofrimento era outra forma de traição.

Os Filhos da Revolução conseguiram chegar bastante longe. Separaram-nos entre dois lados de uma linha. Quem tem e quem não tem. Quem vai embora e quem fica. Em quem confiar e de quem desconfiar. Ergueram a repreensão como mais uma das divisões que tinham criado em uma sociedade que já as tinha. Eu não vivia bem, mas se havia uma certeza era a de que sempre podia ficar pior. Não habitar a mesma faixa dos moribundos me condenava a ficar calada por decoro.

* Na Venezuela, *bachacos* é como são chamadas as formigas do tipo saúva, conhecidas por seu grande poder de destruição em uma lavoura. Na linguagem popular, *bachaqueros* são as pessoas que, no país, trabalham no mercado negro de produtos e mantimentos. (N.T.)

Em meio às rajadas de bala noturnas, notei a ausência do barulho da caixa d'água da casa da Aurora Peralta, a vizinha. Eu não a via desde que minha mãe começou com os cuidados paliativos. Achei estranho não escutar o incômodo ruído do mecanismo, que a cada noite perpassava as paredes do quarto e invadia meu sonho como um rumor de esgoto.

Eu sabia muito pouco dela. Só que era tímida, meio sem graça, e que todos a chamavam de “a filha da espanhola”. Sua mãe, Julia, era uma galega que comandava um pequeno restaurante em La Candelaria, aquela zona de Caracas onde se concentravam os bares de imigrantes espanhóis. Iam então para lá muitos vindos da Galícia e das Canárias, além de um italiano ou outro.

Quase todos os clientes eram homens. Iam para beber garrafas de cerveja que sorviam sem vontade. Mesmo num calor infernal, beliscavam ensopados de grão-de-bico com espinafre, lentilhas com linguiça ou miúdos com arroz. A Casa Peralta era o melhor lugar da cidade para comer feijões-brancos à marinheira. A julgar pela quantidade de comensais, devia ser verdade.

Julia foi uma das muitas mulheres que viveram do ofício que exerciam antes de chegar ao país: cozinheiras, costureiras, lavradoras ou enfermeiras. A maioria delas, no entanto, começou a trabalhar como empregada doméstica para a burguesia local dos anos 1950 ou 1960, e outras abriram seus pequenos empórios e negócios. Era gente que só tinha uma coisa da qual viver: suas mãos. Também chegaram gráficos, livreiros e alguns professores que se incorporaram a nossas vidas com aqueles zês sonoros que cortavam o ar em cada conversa e que acabaram por adotar nosso cecear.

Aurora Peralta, como sua mãe, vivia de cozinhar para os outros. Por algum tempo, e com a morte de Julia, ela tocou o restaurante familiar. Depois o vendeu para montar uma confeitaria que transferiu para sua casa. Alugar um espaço era oneroso e inseguro, qualquer um podia atacar com uma pistola na mão um funcionário e levar tudo, ou até mesmo descarregar dois disparos contra o infeliz que no momento tivesse acesso ao caixa.

Tínhamos apenas nove anos de diferença, mas ela já parecia uma anciã. Veio em casa umas duas vezes, com algum biscoito recém-tirado do forno. Do mesmo modo que sua mãe, ela me parecia afável e generosa. Algo em sua vida se assemelhava à minha. Também não tinha pai. Ou ao menos foi o que concluí,

ao ver que os dias daquelas mulheres se pareciam aos nossos. A vida de ambas começava e terminava no binômio que formavam uma mãe e sua filha. Achei estranha a ausência de Aurora Peralta no velório de minha mãe. Eu mesma lhe contei como mamãe estava mal, quando ela perguntou por sua saúde. Deduzi que a falta de farinha, ovos e açúcar tinha posto em xeque seu negócio, que ela estava passando por dificuldades ou que tivesse voltado para a Espanha, se é que lhe sobravam familiares vivos lá. Em seguida me esqueci de Aurora Peralta, como se se tratasse de uma lâmpada queimada. Estava ocupada demais em completar uma segunda gestação. Alimentar-me apenas do que a presença ainda viva da minha mãe podia me dar. Nem precisava nem queria nada mais. Ninguém se ocuparia de mim, e eu não me ocuparia de ninguém. Se as coisas piorassem, eu defenderia meu direito à vida passando por cima do direito dos outros. Ou eles ou eu. Não havia ninguém naquele país com suficiente generosidade para me dar um tiro de misericórdia. Não vendariam meus olhos; tampouco me poriam um cigarro na boca. Nem uma só pessoa sentiria compaixão por mim quando chegasse a hora.

As coisas de mamãe já estavam distribuídas em caixas, postas ao lado da biblioteca. Parecia uma bagagem que o tempo tinha feito às nossas costas. Eu resistia em doar ou dar de presente tudo aquilo. Não ia dar àquele maldito país uma só lasca, uma só folha de papel ou pedaço de pano de nossas vidas.

Os dias foram se acumulando como os mortos nas manchetes de jornal. Os Filhos da Revolução esticavam a corda. Davam motivos para as pessoas saírem à rua ao mesmo tempo que limpavam as calçadas com a repressão dos corpos do Estado e a eficácia de suas células armadas, que atuavam em grupo e com o rosto coberto.

Ninguém estava completamente seguro em sua casa. Lá fora, na selva, os métodos para neutralizar o oponente alcançaram um grau de perfeição altíssimo. Naquele país, a única coisa que funcionava era a máquina de matar e roubar, a engenharia da pilhagem. Eu os vi crescer e formar parte da paisagem, à qual se acomodaram como algo natural: uma presença camuflada na desordem e no caos, protegida e alimentada pela Revolução.

Quase todas as milícias eram compostas por civis. Agiam sob a proteção da polícia. Começaram congregando-se junto aos lixões da Plaza del Comandante, que até então ainda chamávamos por seu nome original: Plaza Miranda, uma homenagem ao único prócer realmente liberal de nossa Guerra da Independência e que morreu, como todos os homens bons e justos, longe do país ao qual havia entregado tudo. Esse foi o lugar que os Filhos da Revolução escolheram para erguer seu novo comando... Filhos? E por que não “bastardos”? “Os Bastardos da Revolução”, pensei ao ver um grupo de mulheres obesas, todas vestidas de vermelho. Pareciam uma família. Um gineceu de ninfas corpulentas: pais e irmãos que na verdade eram mães e irmãs. Vestais armadas com baldes e paus: a feminilidade em seu mais amplo e pavoroso esplendor.

Um comboio com dez militares sem rosto — eles o tapavam com uma máscara escura arrematada com um sorriso de caveira — estava acampado junto às mulheres desde o primeiro dia. Conforme as semanas iam passando, chegavam outros. Acudiam cada vez mais Motoqueiros da Pátria. Era impossível reconhecê-los. Usavam máscaras típicas das tropas de choque. Peças que ocultavam a metade do rosto com o maxilar de um esqueleto e a outra metade com uma lona de borracha com furos na altura dos olhos. Que problema tinha

serem reconhecidos, se a lei estava em suas mãos?

Diferentemente deles, as mulheres agiam com a cara descoberta, brandindo suas dentaduras de cão bravo. Brigavam com mais força. Batiam com o punho fechado. Uma vez que conseguiam enfraquecer seu oponente, o arrastavam pelo chão e lhe tiravam tudo. Poderia se dizer que ali todos desempenhavam com gosto seu trabalho, embora eu não conseguisse entender que salário podia chegar a ser tão alto para que a fúria deles nunca terminasse. O que recebiam em troca daquele emprego em tempo integral de arrebentar cabeças como se fossem melões? Estávamos com os dias contados.

Uma caixa caiu da prateleira mais alta do armário e bateu na minha testa. Peguei-a do chão. “Sapataria Teseo”, li. Minha mãe gostava dessas caixas. Eram rígidas e de boa qualidade, como quase tudo naquela loja batizada com o nome do proprietário, Teseo, um italiano cujo rosto parecia retirado com cinzel de uma enorme pedra de mármore. “*Ah, carissima bambina*”, dizia o sapateiro do bairro enquanto apertava minhas bochechas até deixá-las vermelhas que nem mangas maduras. A ladainha era quase sempre a mesma, essa mescla de italiano e espanhol que seu Teseo jamais corrigiu, apesar de seus mais de vinte anos na Venezuela.

As pessoas o chamavam “seu Teseo”, como se seu aspecto o eximisse de ser chamado apenas pelo nome de batismo. Era alto, de olhos claros e sorriso perfeito — os dentes grandes e quadrados. Em seus quase cinquenta anos, mantinha um porte de galã: maxilar marcado, nariz de estátua e o cabelo penteado para trás com gomalina. Estava sempre cheirando a água-de-colônia e usava um relógio de pulso quase tão grande como suas mãos imensas de Netuno. Nunca vi uma ruga em suas camisas e calças. Sua roupa parecia combinar com a sapataria da qual era dono e único vendedor, e que ocupava o térreo de um dos edifícios construídos nos anos 1950, maravilhas feitas de granito e mosaicos que impunham a ordem naquela nação, com a intenção de se livrar de amontoados de homens a cavalo. Aquela urbanização foi uma tentativa de selar a montaria do progresso sobre o lombo de um país sem lei.

Seu negócio, uma loja sóbria e elegante, estava bem em frente ao bloco de apartamentos onde minha mãe e eu vivíamos. O piso inteiro era coberto por um carpete bege. Suas vitrines exibiam mocassins e sapatos de salto, móveis envidraçados sobre os quais ele dispunha com esmero meias e calçadeiras de metal. A caixa registradora com rolinho de papel que cuspiu faturas causava em mim um fascínio absoluto. Mas não era esse o meu artefato preferido na loja. Outro objeto tragava toda a minha atenção: uma fotografia do papa João Paulo II que ficava no centro da porta que separava a loja do depósito. A imagem parecia ter viajado no tempo, como se tivesse mantido fixo o instante em que o pontífice pegava a mão de um jovem de batina escura.

Enquanto minha mãe pedia sapatos cujo número nunca era compatível com seu tamanho, e Teseo ia de um lado para o outro da loja para trazer o que

melhor lhe coubesse, eu estudava com afincos aquele retrato. Um papa, ou melhor, o Papa. “Tubérculo santo”, pensei. Que relação podia existir, para além da fé, entre seu Teseo, um padre jovem, e aquele chanceler da Santa Glória de Deus na Terra — uma típica frase dita por minhas tias —, aquele homem que presidia as missas dominicais da televisão no canal oficial? (O Estado, desvinculado dos Filhos da Revolução naqueles anos, não tinha declarado guerra à Igreja.) “O Vaticano”, pensava eu, “fica tão longe.”

— O senhor é parente do Papa? — perguntei.

Depois de soltar uma gargalhada saborosa, Teseo me explicou a história. O jovem sacerdote a quem João Paulo II cumprimentava era Paolo, seu irmão mais novo. Ampliado e posto numa moldura dourada, o instantâneo tinha sido feito no dia da ordenação de Paolo como padre.

O italiano contava tudo aquilo com uma solenidade especial, como se a batina do irmão e o cargo que ele ocupava no Vaticano o tivessem feito crescer na escala social, uma ascensão invisível que separava sua sapataria no centro de uma cidade do terceiro mundo daquele outro, no qual habitava seu irmão. Ali começava o fio vermelho do destino que dava sentido a seus esmerados modos, a antecipação do progresso representado em seu negócio e que o distinguia de outros imigrantes.

Como Teseo, tinham chegado à cidade homens e mulheres vindos de Santiago, Madri, Canárias, Barcelona, Sevilha, Nápoles, Berlim...; gente que em seus países tinha sido esquecida e que vivia agora amalgamada entre nós. *Musiús*, todos. Teseo não tinha nada a ver com aqueles padeiros de Funchal, jardineiros de Madeira ou os pedreiros napolitanos, gente de mãos também grossas, ainda que maltratadas e despeladas pelo trabalho com a terra, o cimento e a farinha. Gente que quebrava pedras, assava cilindros de pães e construía um lugar que em parte já era seu.

Homens como Teseo tinham desembarcado na Venezuela em um momento no qual tudo estava por ser feito, ao mesmo tempo que deixavam para trás as ruínas do lugar onde tinham nascido. As ruas de Caracas ecoavam aquelas vozes e sotaques dos que haviam cruzado o Atlântico, esse mar no qual alguém sempre diz adeus. Suas palavras e nomes se uniam ao barulho do *miamorseo* — *mi reina*, *mi amor*, *mi vida* — que nós usávamos e que eles acabaram assumindo. Inventaram remendos de nação: a que formavam as suas e a nossa. Juntos éramos tudo isso que compreendemos como próprio, a soma das costas que separam um oceano.

— Adelaida, meu *amore*, por que você gosta d'*aquella* foto? — uma vez me perguntou Teseo em seu castelhano inventado.

— Porque gosto de Roma.

— E *perché*?

— Porque está do outro lado do mar e eu nunca cruzei o mar.

Teseo segurava uma calçadeira de metal que caiu no chão de repente.

— Do outro lado do mar... — repetiu.

— Seu Teseo, desculpe — disse minha mãe, que já fazia um tempo estava caminhando de um lado para o outro da loja com um par de mocassins azuis nos pés —, acho que preciso de um número maior, por favor. Sinto o pé direito apertado.

— Tem que ser maior, dona Adelaida. Agora mesmo... *Dall'altro lato del mare. Dall'altro lato del mare!* — Nós o escutamos repetir enquanto ele se dirigia ao depósito.

Voltou depois de cinco minutos com o mesmo modelo, mas um número maior. Minha mãe provou o pé esquerdo, depois o outro. Caminhou algumas vezes diante do espelho. Tirou os sapatos. Colocou-os de lado e olhou para mim.

— O que acha? — disse olhando-me nos olhos.

Soltei um assovio bobo de galanteio e levantei o polegar.

— Vou levá-los.

O italiano estalou os dedos, soltou um “Bravo!” e foi até o caixa. Teclou um número, apertou um botão e então a bandeja cheia de moedas e papéis empilhados por cor e denominação saltou. Minha mãe retirou suas notas e as entregou ao italiano. Ele devolveu o troco, em notas de vinte, aquelas verdes, impressas com o rosto de Páez, o general díscolo da Guerra Federal, o homem que aprendeu sozinho a escutar Wagner.

— Se não ficarem confortáveis, pode trocar os sapatos quando quiser, Adelaida.

— Obrigada, Teseo. Adelaida, filha, despeça-se.

— Tchau, seu Teseo.

— Tchau, mocinha... E lembre-se: *dall'altro lato del mare* — disse, com um sorriso. — Repita comigo: *dall'altro lato del mare*.

— *Dall'altro lato del mare*.

Então ele voltou a sorrir com aqueles dentes de cal.

Minha mãe e eu saímos à rua de mãos dadas. Ela com a sacola em que estavam os sapatos e eu com a sensação de ter cometido uma imprudência.

— Adelaida, filha, o que te disse o Teseo?

— *Dall'altro lato del mare.*

— Isso eu sei. Mas por que ele disse isso?

— Porque ele vive em dois lugares ao mesmo tempo, mamãe. A família dele vive lá, e ele, aqui. Você não viu o padre da foto?

— Sim, vi. O que é que tem?

— É o irmão dele, mamãe, que trabalha com o Papa. — Ela me olhou, sem encontrar muita lógica em meus argumentos. — Então, é isso, mamãe: seu Teseo tem duas casas. Uma aqui e a outra do outro lado do mar... Sacou?

— Sim, filha. Sim.

* * *

Nasci e cresci em um país que recebeu homens e mulheres de outra terra. Alfaiates, padeiros, pedreiros, encanadores, vendedores, comerciantes. Espanhóis, portugueses, italianos e alguns alemães que foram procurar no fim do mundo um lugar onde inventar o gelo de novo. Mas a cidade começou a se esvaziar. Os filhos daqueles imigrantes, gente que não se parecia muito com seus sobrenomes, empreendiam a volta para buscar nos países de outros a linhagem com a qual foi construída a sua. Eu, ao contrário, não tinha nada disso.

Abri a caixa impressa com o logo daquela loja. Dentro, resplandecia um par de sapatos de salto ainda sem estrear.

Um homem baleado passou por mim sobre uma maca sem lençóis que dois enfermeiros empurravam a toda velocidade.

— Vamos, vamos, vamos, senão não dá tempo! — gritavam na mesma hora em que um cheiro ferroso invadia meu nariz. Aquilo não era um aroma: era uma advertência.

Avancei pelos corredores da clínica Sagrario com a boca feito um revólver: quente e carregada, procurando contra quem disparar. Havia três semanas que Clara Baltasar não aparecia para trabalhar na prefeitura. Três mulheres a tinham surpreendido a umas duas quadras do edifício municipal, a arrastaram para dentro de um jipe de vidros escuros e lhe desferiram murros e tapas. Deixaram-na como um trapo sangrento no portão de sua casa, como se fosse uma mensagem. “Da próxima vez não volta viva.” Era isso que aquilo significava. A compaixão como outra forma de crueldade. Não matar para prolongar a agonia.

— Criminosos comuns. Mas ninguém viu nada, ninguém ouviu nada — disse um vigia da prefeitura, um homem de bigodinho perfilado que falava com os lábios para dentro, apertados que nem um ânus, aquela expressão de falsa discrição que as pessoas põem na cara. A cicatriz da vergonha e do medo.

Foi difícil encontrar Clara Baltasar. Uma enfermeira que parecia estar sem dormir havia semanas me recebeu com um maço de papéis escurecidos nas mãos.

— Procura por quem?

— Por Clara Baltasar.

— Humm. — Olhou os papéis por alguns minutos. — Está na UTI. A senhora é parente?

— Não.

— Então não pode subir.

— Mas ela... Como ela está?

— Não posso dar essa informação.

— Está... mal?

— Está viva — disse antes de desaparecer pelo corredor de lajotas imundas.

Longas filas de pessoas preenchiam as escadas da clínica Sagrario. Gente maltrapilha e sem expressão. Homens, mulheres e crianças que esperavam sua vez na antessala da morte. Todos exibiam a sua magreza, castigados pela fome de dias, acomodados em algo parecido com a fúria dos que já não se lembram de

alguma vez ter vivido melhor.

Havia três grupos. Os que esperavam para pedir a vez em uma lista de espera de cuidados ambulatoriais; aqueles que aguardavam para solicitar uma cirurgia mais complexa e aqueles que, tendo seu retorno permitido, cumpriam em silêncio uma vigília até que alguém os atendesse ou os conduzisse a algum lugar diferente do corredor repleto de gente que acampava ali havia semanas.

A paisagem, algo pior que a da clínica onde morreu minha mãe, estava carregada de babas e fluidos, um cheiro flatulento de seres em estado de decomposição. De vez em quando passava um enfermeiro com uma pasta cheia de papéis e lia em voz alta: “Amador Rodríguez”, “Carmen Pérez”, “Amor Pernaleté”... Alguns levantavam a mão e erguiam a cabeça, outros se punham de pé para pedir uma explicação sobre por que chamavam uns e não outros. Os atrasados eram os piores. Desconectados de si mesmos, como eletrodomésticos avariados. Um, dois, três, quatro, cinco dias, seis, sete, oito, nove, dez. “Pegue seu número.” “Volte amanhã.” “Agora não, amanhã.” Os enfermeiros, vestidos com macacão de tecido azul puído, davam ordens para que as pessoas voltassem para seus lugares e aguardassem. Vir de tão longe para morrer esperando.

“Nos prometeram que tudo seria mais rápido”, disse uma mulher à sua filha.

Prometeram. Que nunca ninguém mais roubaria, que tudo seria para o povo, que cada qual teria a casa de seus sonhos, que nada de mau voltaria a acontecer. Prometeram até dizer chega. As pregações não atendidas se descompuseram sob o calor do ressentimento que as alimentava. Nada do que acontecia era de responsabilidade dos Filhos da Revolução. Se as padarias estavam vazias, o culpado era o padeiro. Se a farmácia estava desprovida, o farmacêutico seria o responsável. Se chegávamos em casa exaustos e famintos, com dois ovos em uma sacola, a culpa seria de quem, neste dia, tinha conseguido o ovo que nos faltava. Com a fome se desatou a longa lista de ódios e medos. Flagramo-nos desejando mal ao inocente e ao algoz. Éramos incapazes de distingui-los.

Começou a crescer dentro de nós uma energia desorganizada e perigosa. E com ela a vontade de linchar quem nos subjugava, de cuspir no militar contrabandista que revendia os alimentos regulados no mercado negro ou no esperto que pretendia nos tirar um litro de leite nas longas filas que se formavam às segundas-feiras à porta de todos os supermercados. Ficávamos felizes com coisas funestas: a morte súbita de algum hierarca afogado sem explicação no rio mais bravo das planícies centrais, ou a explosão em pedaços de algum fiscal corrupto, assim que uma bomba escondida sob o assento de seu quatro por

quatro luxuoso vir à tona ao dar partida no automóvel. Esquecemo-nos da compaixão, porque ansiávamos por cobrar o espólio daquilo que não ia bem.

No rosto daqueles homens e mulheres se desenhava uma expressão que comecei a reconhecer no meu ao me olhar no espelho: uma fenda no meio dos olhos. Os dias se pareciam mais à intendência de uma guerra do que à vida: algodão, gazes, medicamentos, camas sujas, bisturis cegos, papel higiênico. Comer ou se tratar, nada mais. A pessoa seguinte na fila era sempre um potencial inimigo, alguém que possuía algo mais. Os que sobreviviam lutavam a dentadas pelas sobras. Naquela cidade sem desenlaces, brigávamos por um lugar para morrer.

Subi pelas escadas ao sétimo andar. Como na clínica onde morreu minha mãe, ali os elevadores também não estavam funcionando. Em todos os andares do edifício encontrei moribundos e feridos, crianças com fissuras no rosto ou idosos com pressão alta. Juntavam-se uns e outros na desgraça.

Na sala de espera da UTI, havia duas moças. Tinham a minha idade, mas pareciam forçadas a envelhecer. Descansavam sobre uma fileira de cadeiras de plástico azul. Tinham consigo cobertores, alimentos envoltos em papel laminado e sacos com lençóis dobrados. A mesma cena que eu tinha vivido algumas semanas antes; elas tinham levantado o próprio hospital de campanha, a guerra sem tanques daqueles que acodem para ver morrer os seus. Caminhei até a mais jovem. A outra dormia com a cabeça apoiada em seu ombro. Deduzi que eram irmãs.

— Você é filha da Clara Baltasar?

— Quem é você? O que quer?

— Meu nome é Adelaida Falcón.

— Humm...

— Sua mãe me ajudou a juntar dinheiro para pagar o tratamento da minha. Fui procurá-la na prefeitura. Me disseram que estava aqui.

— Não sei do que você está falando.

— Só queria agradecer.

— Saia daqui — disse ela, levantando-se e acordando a outra.

— O que está acontecendo, Leda? Quem é essa? — perguntou a irmã, esfregando os olhos.

— Eu me chamo Adelaida Falcón... Sua mãe, Clara Baltasar, me ajudou a juntar dinheiro para pagar o tratamento da minha mãe... — repeti.

— Vá embora, por favor. Não conhecemos essa senhora. Não sabemos de

quem está falando.

— Eu só vim para dizer à Clara que minha mãe morreu. Trouxe isto. — Estendi duas caixas de antibióticos.

Olharam-se sem dizer nada. Deixei os antibióticos na única cadeira vazia. Dei a volta e me afastei.

Clara Baltasar, a assistente social que conseguia ajudar um doente terminal ao mesmo tempo que obtinha comida para outra família, estava morta, ou quase, por causa de uma surra que os comandos revolucionários lhe deram como punição exemplar. Deixei para ela os medicamentos que minha mãe não tinha chegado a usar.

Desci os sete andares pelas escadas. Ao chegar à Emergência, uma mulher gritava aos prantos. Era a filha do homem baleado que dois enfermeiros carregavam sobre uma maca sem lençol. Tinha morrido antes de chegar à sala de cirurgia. Nos desmatavam. Nos matavam feito cachorros.

Era minha quinta visita à padaria em três dias, mas o padeiro me tratou como se nunca tivesse me visto. A farinha não tinha chegado também nesta semana. Ao meu lado, duas mulheres carregavam sacolas que excediam em muito a ração diária de fome pela qual fazíamos fila para, mesmo assim, não conseguirmos nem sequer uma baguete. Saíram com os pães que outros, ainda que esperassem ou madrugassem, não podiam levar às suas casas.

Subi a avenida Baralt pensando nas rãs brancas que se aderiam como pedras aos mosqueteiros da pensão das Falcón em Ocumare de la Costa. Criaturas que conservei na memória como uma lembrança ruim e que agora ressuscitavam na minha mente como arrotos do coração. Éramos parecidas, elas e eu. Fêmeas de pele feia que desovam em meio ao vendaval.

Cheguei à porta da minha casa arrastando os pés. Girei a chave, mas a fechadura resistia. Empurrei-a para a frente e para trás. Sacudi o postigo, puxei a maçaneta, insisti. A fechadura tinha uns arranhões. Tinham-na trocado. Então me vieram à mente os colchonetes, as noites de acampamento, as motocicletas, os caixões, os hematomas, as surras com baldes e paus. Uma lança de medo me atravessou e me dei conta de que já era tarde demais. A casa! O único objetivo delas era invadir cada um dos apartamentos da torre. O grupo de mulheres que havia dias permanecia na Plaza Miranda era, na verdade, um comando de invasão. “Malditas!” Pus a mão entre as minhas pernas. Me senti úmida. Tentei conter as gotas de urina e manter a calma.

Me agachei, procurando sombras ou passos. Nada. Era incapaz de intuir algo sob aquele mínimo halo de luz. Ainda com as mãos entre as pernas, desci rapidamente até a portaria do edifício e montei guarda. Em pouco tempo apareceu um grupo de cinco mulheres carregadas com sacolas, cabos de vassoura e pacotes de comida selados com o logo do Ministério da Alimentação, uma invenção por meio da qual os Filhos da Revolução davam comida em troca de apoio político.

As mulheres entraram no prédio usando uma chave do molho que tinham nas mãos. Todas vestiam o uniforme das milícias civis: uma camiseta vermelha. Pareciam ter encontrado o lote de menor tamanho. As calças jeans apertadas faziam ressaltar as suas pernas grossas, com pés elefânticos calçados em chinelos de plástico. Eram morenas e tinham os cabelos hirsutos, presos em um cotoco de

fios duros.

Voltei para espiá-las por detrás de um pau d'água e umas samambaias secas abandonadas no mezanino do edifício. Não serviam muito, mas eu tinha que me encobrir com alguma coisa. Sentia o rosto quente e a calcinha gelada. Urinava mais conforme aumentava o meu desespero. O medo me sufocava e me humilhava.

O grupo de mulheres não tinha líder, ao menos não visivelmente. Demoraram mais ou menos uma hora para trasladar seus travesseiros e caixas até a entrada do edifício. Muitas estavam escarranchadas sobre as caixas de alimentos, que às vezes usavam como banqueta e outras quase como espreguiçadeira. Não pareciam ter muita pressa, inclusive davam a impressão de estar fazendo hora. Algumas olhavam celulares dos quais saía uma música estridente, enquanto outras batiam papo, revisando seus problemas.

— Roiner, você sabe, o de Barinas, foi para San Cristóbal.

— E pra quê?

— Pra que vai ser, idiota? Lá a gasolina é mais cara. Com dois galões se compra uma caixa de cerveja. E é mais fácil *bachaquear*. Há menos concorrência.

— Filho da puta, hein? E pra nós nada?

— Cala a boca, te meto a mão na cara, só fala bobagem.

— E o que deram praquele fedorento, lá em Negro Primero?

— Lá não dá mais.

— E por quê?

— Ah, gente, sei lá eu.

— Escuta, Juendy.

— Wendy, minha filha, Wendy..., não Juendy.

— Tá, isso... Você não vai telefonar pra Marechala?

— Calma aí, colega. Que é ela que decide quando temos que levar essas miudezas.

— E que vamo fazer todo esse tempo, me fala?

— O de sempre: esperar.

Ao redor delas erguiam-se montes de paus, colchonetes e quase vinte caixas de comida com o emblema do governo.

Quem recebia aqueles pacotes era obrigado a determinados compromissos: aparecer, sem reclamar, a qualquer ato ou manifestação a favor do regime ou prestar serviços simples, que iam desde a delação de um vizinho até a formação de comandos e grupos de apoio à causa. O que começou sendo um privilégio

para funcionários se expandiu como forma de propaganda, e depois de vigilância. Toda pessoa que colaborasse tinha assegurada uma caixa de alimentos. Não era muito: um litro de óleo de coco, um pacote de macarrão e outro de café. Às vezes, com sorte, davam sardinhas e presunto em conserva. Mas era comida, e a fome apertava.

As mulheres permaneceram ali, monumentais em sua gordura, até que o telefone da Wendy tocou, e ela, depois de soltar monossílabos, ficou em polvorosa.

— Peguem toda essa porra, agora mesmo!

Levantaram as caixas sem fazer muito barulho. Levavam-nas de duas em duas, segurando com as mãos. Nesse momento não havia luz no prédio, então tiveram que subir pelas escadas em vez de pegar o elevador. Eu me escondi em um dos cômodos reservados para o lixo e esperei que subissem ao menos um ou dois andares. De baixo eu não conseguia ver muito bem, mas supus que já estariam no terceiro. Fui até o térreo para checar se não tinham se esquecido de nada que as obrigasse a voltar. Haviam recolhido tudo. Eu as segui, atordoada por aquele odor de vinagre que elas deixavam ao passar. Aquelas mulheres suavam como caminhoneiros. Tinham um cheiro azedo e escuro. Uma mistura de cítricos, cebola e cinzas. Quando chegaram ao quinto andar, o nosso, rezei para continuarem subindo. Aproximei-me o máximo que pude do parapeito e consegui ter certeza. Estavam em frente ao meu apartamento. Minhas esperanças se desfizeram no instante em que as ouvi dar ordens para que abrissem a porta e as deixassem entrar.

Demoraram outros dez minutos para movimentar as caixas do corredor até o apartamento. Estavam cansadas. Tinham carregado aquele peso todo por cinco andares. Eu mal tive tempo de pensar no que fazer. A sede começou a queimar minha boca e minha bexiga estava a ponto de estourar. Quando acabaram de descarregar aquelas coisas e fecharam a porta, apertei as pálpebras. Pus nesse gesto a pouca coragem que percorria meu corpo e subi os degraus.

Toquei a campainha. Uma, duas, três vezes.

Demoraram para responder.

Insisti uma última vez, agora batendo na porta com os nós dos dedos.

Então a porta se abriu. Recebeu-me uma mulher com os cabelos enrolados em um coque. Usava uns chinelos nos quais se viam unhas com esmalte descascado e os dedos grossos, comidos pela frieira.

Vestia a blusa de borboleta com lantejoulas da minha mãe.

— O que você quer? — disse, me olhando nos olhos.

— Eu... Eu...

— Eu o quê, minha filha? O que você tem?

— Eu... sou...

— Ahã. Você é...

— Eu... sou...

Não consegui terminar a frase. Desmaiei.

— O que andou fazendo hoje?

— Ajudei a limpar a *pileta*.^{*}

— A piscina, Adelaida, a piscina.

Um açude de cimento e águas verdes em um jardim de infância de Caracas. Isso era para mim a *pileta*: uma coisa excepcional, um substantivo inventado. Cheguei a pensar, inclusive, que se tratava da única *pileta* do mundo e que essa palavra tinha sido criada só para nomear a piscina do pátio onde brincávamos nós, as crianças da escola preparatória. Às vezes ficava cheia de larvas minúsculas, elásticas e fluorescentes. Eu perdia meia hora da brincadeira para vê-las se retorcer na água empoçada.

— Adelaida, venha! Deixe já essa piscina!

Verónica, minha professora, era chilena e tinha vindo de Santiago para Caracas com o marido e os dois filhos. A ditadura de Pinochet os obrigou a tomar a decisão de ir embora, conforme ela nos explicou uma vez enquanto supervisionava nosso lanche da manhã.

— Quem é Pinochet? — perguntei com um sanduíche de maionese nas mãos.

— Um presidente.

Achei aquela explicação absurda. O que tinha a ver um presidente de um país com a decisão de outros, assim, do nada, de empacotar suas coisas e ir embora para sempre?

Verónica devia ter a mesma idade da minha mãe. Seu rosto parecia de papel, com uma pele branca e aspecto quebradiço. Os cabelos eram curtos e muito escuros. Havia nela uma tristeza imperceptível que a traía nos momentos menos esperados: enquanto organizávamos as escovas de dentes das crianças do turno da tarde, quando cantava canções sem graça sobre mulheres que se atiravam ao mar para morrer afogadas e sobretudo quando algum pai ou mãe perguntava como estavam “as coisas” no Chile.

— Pois é, lá só pode ir de mal a pior — respondia.

Quem mais parava para conversar com ela era a mãe de Alicia, uma menina que se parecia com o desenho animado de Heidi e falava pouco. Cada vez que alguém caçoava de seu sotaque, entre argentino e venezuelano, pegava a criança

atrevida pelo braço e lhe cravava os dentes. Depois desses episódios, a mãe de Alicia aparecia na escola para se reunir com Verónica e tratar do comportamento de sua filha.

Conversavam por uns minutos e em seguida iam para o pátio do recreio. A mãe de Alicia andava com um passo elegante, realçado por aquela roupa maravilhosa que ela costumava usar, uns *collants* de dança cobertos por uma saia leve que ela levantava para mostrar seus sapatos. Tinha os cabelos negros e brilhantes, sempre presos em um coque.

Era bailarina clássica, mas ganhava a vida no Ballet de Marjorie Flores, que animava os intervalos do *Sábado Sensacional*, um programa da tarde dos finais de semana, no qual crianças com algum talento para o canto ou para a recitação desfilavam até alguma estrela internacional que estivesse em turnê pelo país naquela semana e que encerrava o espetáculo, às oito, bem antes do jantar. Ela sempre estava no coro de bailarinas. Interpretava algum solo chamativo, sapateando uma dança folclórica enquanto balançava em seu vestido florido, ou um tango que aprendera em seus dias em Buenos Aires, ou pelo menos era o que Alicia tinha me contado certa vez. Seu pai, um editor e jornalista argentino, conheceu sua mãe em uma das turnês que ela fazia na época pelo sul da América. Casaram-se em pouco tempo e fixaram residência na capital... Mas eu só queria saber das saias da mãe dela.

— Olha, mamãe! É ela, é ela!

— Quem, Adelaida?

— A mãe da Alicia, a que te falei, a do Ballet de Marjorie Flores!

— Adelaida, que nome mais brega para um grupo de dança, meu Deus!

— Vem, vem, que te mostro quem é!

— Vamos ver, espere, me deixe colocar os óculos.

Então esperávamos as duas, plantadas diante da televisão, até que ela aparecia: morena e *criollísima*,** com o sorriso de dentes brancos e os saíões tão típicos das planícies de Arauca.

— Sim, ela é bonitona — concedia mamãe, que um dia nos comprou entradas para vê-la dançar no teatro da cidade.

Minha mãe não conseguiu distingui-la no volumoso coro de cisnes brancos que se movia de um lado para outro em um palco envolto por fumaça artificial. E insistiu que ela não estava lá. Eu, sim, achei que tinha conseguido reconhecê-la entre quatro moças que interpretavam um *pas de quatre* ao ritmo de um oboé.

Na segunda-feira seguinte, na saída da escola, minha mãe ignorou sua timidez e se apresentou para a mãe de Alicia. Fomos juntas, de mãos dadas, para lhe contar que tínhamos assistido à apresentação de *O lago dos cisnes*.

— A senhora é de Ocumare? Eu sou de Maracay, que fica muito perto! — disse a bailarina.

— Sim, do lado — replicou minha mãe.

— Pertinho! Depois do tempo que passei na Argentina, não voltei mais.

— Ah, puxa, Argentina?

— Sim, pois é, meu marido é de Buenos Aires, mas tivemos que ir embora...

Sob o sol do meio-dia, Alicia, ao lado da mãe, e eu, ao lado da minha, presenciamos como se contorceu o rosto de Verónica, que tinha se juntado à conversa.

— Você também teve que ir embora do Chile, não? — disse-lhe a mãe de Alicia.

— Sim, eu também tive que ir embora de lá...

Naquele jardim de infância em que chamávamos as piscinas de *piletas*, Verónica dizia “lá” em vez de dizer Chile ou Santiago, como se apenas a escolha dessa palavra já enfatizasse a distância. “Lá” era um passado. Um lugar de onde pareciam ter saído sob a condição de não o mencionar jamais. Uma palavra que doía como o coto de um braço amputado.

* *Pileta* é o mesmo que piscina. Em alguns países da América Latina, se diz *pileta* (Argentina, Bolívia, Paraguai, Uruguai, por exemplo) e em outros, *piscina*. (N.T.)

** Chama-se *criollo* o descendente de europeus nascido em territórios americanos antes ocupados pela Espanha. *Criollísima* refere-se aos traços físicos da personagem, de pele mais escura, mas não negra. (N.T.)

Acordei junto à porta de casa com uma forte dor de cabeça. Não ouvi nada. Nem um passo, nem uma voz próxima. As vinte famílias que viviam no edifício pareciam ter desaparecido. Minha bolsa estava aberta ao lado dos meus pés. Alguém tinha roubado o pouco que havia nela: as chaves e meu telefone. Na carteira ainda estavam meus documentos. Das notas, nem sinal. Senti um sabor metálico na boca. De casa vinha uma música estridente e familiar: “Tumba-la-casa-mami, tumba-la-casa-mami; pero que tu-tumba-la-casa-mami.” Era o *reggaeton* do cemitério, que agora soava dentro do meu apartamento como se viesse de uma festa de bairro.

Levantei-me com dificuldade, cambaleando naquele corredor sem luz. Tudo cheirava a suor e a lixo. Bati à porta. A música estava tão alta que nem eu conseguia perceber o som dos golpes dos meus dedos. Bati outra vez: nada. Do outro lado, eu ouvia risadas, um tilintar de copos e talheres. Bati com mais força ainda. A mesma mulher atendeu. Continuava vestida com a blusa de borboleta-monarca, agora deformada sobre seu estômago. Tudo nela era excessivo: o tamanho do corpo, seu fedor a suor e a perfume barato. A autoridade que desprendia cada um dos seus músculos e gestos era quase indecente. Então era ela a Marechala. O grau máximo daquele exército de miséria e violência que assolava a cidade.

— Você outra vez, minha filha? Já passou seu desmaio, meu amor?

Ela me olhou de cima a baixo. Tinha um pau de vassoura na mão.

— Eu...

— Sim, ahã, você o quê?

— Eu sou a dona desse apartamento. Esta é a minha casa. Saiam daqui ou eu chamo a polícia.

— Olha só, vida minha, o tombo te deixou burra ou você já era quando nasceu? Nós aqui somos a autoridade: a au-to-ri-da-de.

Eu só conseguia olhar para o buraco no lugar de um dos caninos na boca dela.

— Fora daqui — repeti.

— Não, aqui a única que vai embora é você.

Ignorei o que ela disse e tentei entrar. A Marechala me pegou pelo braço.

— Epa, epa, epa! Muito cuidado, que você sabe bem o que pode te acontecer

se ficar nervosinha.

— Quero meus livros, quero meus pratos, quero minhas coisas.

Ela olhou para mim com olhos de bezerro, desprovidos de qualquer inteligência. Sem parar de pressionar meu braço com a mão, ela levantou a blusa e algumas lantejoulas se soltaram. Tinha um revólver encaixado sobre a barriga, que se esparramava feito uma salsicha graças à faixa de uma malha que asfixiava a circunferência de sua cintura.

— Vida minha, está vendo essa pistola? — disse, mostrando-a com os lábios.
— Se eu quisesse, podia enfiar no seu cu e te arrebentar com um balaço. Posso, não posso? Mas hoje, justo hoje, não vou fazer isso. Se você for embora bem quietinha e não voltar, nós não vamos te incomodar.

— Eu quero meus livros, quero minha louça, quero minha casa. Me devolva!

— Você quer tudo isso? Pois vai ter, espera aí, *mi reina*. Wendy, vem cá.

A mulher chegou à porta arrastando seus chinelos. Sua bermuda deixava à mostra as pernas cheias de crostas.

— Manda.

— A senhorita aqui diz que quer uns pratos e uns livros que são dela. Traz eles!

A Marechala, desafiadora, deixou o pau de vassoura de lado e cruzou os braços enquanto esperava que sua subalterna trouxesse minhas coisas. Mantinha a pistola visível, apertada contra o estômago. A tal da Wendy chegou com uma torre de seis pratos.

— O que faço com isso?

— Dá pra mim. Agora vai pegar os livros. Rápido, que não vamos ficar aqui o dia inteiro com a senhorita, que já está indo. Porque depois disso, você vai se mandar daqui, benzinho.

A Marechala me estendeu a torre de pratos, segurando com as mãos. Só de bater os olhos, vi que não estavam completos.

— Aqui não está a louça inteira. Onde está o resto?

— O quê, minha filha? Ainda está reclamando? Toma aqui seus pratos, moça.

Ela os deixou cair no chão, um por um. Cada um deles se espatifava em pedaços sobre o piso de granito... Crash. Crash. Crash. Crash. E crash.

— Você não queria seus pratos? Pronto.

— Ñora, aqui tem muito livro, não posso carregar tudo isso. Trouxe os que consegui pegar — disse Wendy, que apareceu de novo no batente da porta, com

cinco ou seis volumes.

— Deixa aí e vai pra cozinha, filha. Dá uma olhada no que mais tem para a gente. — A Marechala fez uma pausa dramática e pegou os livros da mão da outra. — Vejamos o que tem aqui: *O outono do... do... do pa... pa... patri...*

— Patriarca.

— Quietinha, o que é que está pensando? Que não sei ler?

— Honestamente? Isso mesmo.

— Olha que sei, moça. Vou te mostrar. Vou ler um poema pra você!

Pegou a edição pela capa, abriu-a e atirou as páginas para os lados.

Os fios da costura estalaram sem esforço entre aquelas manzorras. As páginas se desprenderam como as folhas de uma árvore. Eu a olhei com todo o cansaço e fadiga que habitavam o meu coração. A Marechala ria, se regozijava.

— Olha, olha o que faço com as suas coisas — disse ela, enquanto pisava nos pedaços da louça de La Cartuja. — É isso que fazemos, meu amor, porque temos fome. Fo-me. — Separou a palavra em sílabas outra vez para dar mais efeito à frase com a qual o Comandante justificou aqueles que roubavam, para assim atraí-los a seu corpo eleitoral. “Comigo ninguém nunca mais roubará por fome”, tinha dito. — Você com certeza nunca sentiu isso. Você não sabe, moça, o que é fome. Isso, minha filha: fo-me.

Soltou outra gargalhada e começou a esfregar seu revólver com a mão.

— Esta casa agora é nossa, porque tudo isso sempre foi nosso. Mas vocês tiraram de nós.

Olhei os pratos, as folhas arrancadas, os dedos gordos com as unhas sem esmalte, os chinelos e a blusa da minha mãe. Levantei o olhar, que ela sustentou, orgulhosa. Eu ainda sentia um gosto metálico na boca.

Cuspi nela.

Ela limpou o rosto, sem se alterar, e pegou a pistola. A última coisa de que me lembro foi do som da culatra contra a minha cabeça.

Comemos frango assado com *hallaquitas* de milho. Usamos garfos de plástico e guardanapos de papel áspero, um almoço rápido antes de voltar para Caracas. Fazia calor e as cigarras cantavam feito loucas, chamando a chuva com o roçar de suas patas. O ambiente cheirava a butano, gasolina, óleo de motor e fritura de porco.

— Você não vai mais largar este ovo? Nem para comer? — disse minha mãe, bufando. — Não vai acontecer nada se você o deixar um pouco na mesa, e coma direito, usando os talheres e o guardanapo, faça o favor.

— Se eu soltar, ele pode escorregar e cair. Aí o pintinho que está dentro vai morrer.

— Para que esse pintinho nasça, ele precisa do calor da galinha. Por mais que você o segure entre as mãos, ele não vai crescer.

— Vai crescer, sim. Vou ter um pintinho amarelo, você vai ver.

Deixei de lado parte do frango e mordisquei sem vontade uma *hallaquita*, que ficou pela metade. Recolhemos os pratos de papel e os deixamos em uma lixeira transbordante de restos de carne de porco, *morcilla* e banana frita, sobre os quais os cachorros de rua lançavam-se famintos. Cruzamos uma fila de quinquilharias, onde se vendiam bichos de pelúcia cobertos de gordura e pó, além de bilhetes de loteria e fitas cassete de música folclórica. Parei na frente de um balcão repleto de doces típicos. As moscas e as vespas revoavam sobre as *melcochas*, as compotas de coco, de goiabada com doce de leite e as roscas cobertas de açúcar cristalizado.

— Se você comer um desses doces, vai acabar perdendo um dente. E sabe-se lá com que água ou em que condições são feitos — disse minha mãe, enquanto eu salivava diante de uma barra de caramelo envolta em plástico.

— Não disse que quero. Só estou olhando.

— Vamos fazer um trato: se você largar o ovo e deixá-lo em algum lugar, compro um doce. O que você quiser.

— Não vou deixá-lo.

— Nem mesmo por uma *melcocha*? Ou por um doce de coco? Humm... Você não vai resistir.

— Vou ficar com o pintinho, mamãe.

— Se esse ovo quebrar na viagem, vai ser uma confusão. Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.

— Não quero nenhum pássaro. Quero um pintinho.

Minha mãe me estendeu uma nota de vinte bolívares, aqueles velhos e compridos papéis verdes. Na época, valiam o que diziam valer: vinte bolívares. Não vinte milhões, nem vinte bolívares fortes — com esses acréscimos de zeros, que depois foram cortados para dissimular o pouco que valiam. Do dinheiro que existiu antes dos Filhos da Revolução, aquela nota era a minha preferida. Vinte bolívares de então davam para três ou quatro cafés da manhã. Vários quilos de qualquer coisa. Era uma fortuna.

— Me veja um doce de coco — disse minha mãe a uma mulher sem dentes que assava arepas em uma chapa redonda, ao mesmo tempo que fumava um cigarro com a ponta acesa para dentro.

A mulher pegou o doce. Passou a mão direita pela frente, deixou a nota em um dos lados e terminou de dar forma à massa. Em seguida pôs o doce de coco em um saco de papel marrom. Deu o troco à minha mãe e voltou a sovar a coroa de massa. Tirou da boca o cigarro úmido de saliva, expulsou uma baforada de fumaça e o encaixou outra vez entre os lábios. Minha mãe se virou, olhou para o teto e respirou fundo.

— Se largar o ovo antes de subirmos no ônibus, deixo você comer um pouco disso.

— Não vou largar.

— Adelaida, troco este ovo por este pedaço de doce de coco. Você adora!

— Nem adianta.

Ela guardou o doce na bolsa, me pegou pela mão e começou a caminhar em direção ao ônibus de volta para Caracas. Depois de esperar a nossa vez de subir, tirou o doce e começou a exagerar nas falas gluttonas.

— Humm, parece uma delícia. Que cheiro bom tem.

Mantive-me firme. Nem provei o doce nem abandonei o ovo que tinha encontrado no chão do galinheiro da pensão das Falcón. Queria ver aquele pintinho sair da casca.

Passamos a viagem inteira em silêncio. Minha mãe, esgotada, dormia segurando a bolsa entre as mãos. Eu, rainha tirana e dona do assento da janela, passava em revista os pequenos postos de vendedores ambulantes ao longo da rodovia: bananas-ouro, mexericas e *casabe*, aqueles bolos de mandioca seca banhados em melado de cana-de-açúcar; também observava as flores e os crucifixos das capelas improvisadas para recordar os que perderam a vida em acidentes de trânsito sabe-se lá quanto tempo antes. Naquele país, os mortos nos

ameaçavam por toda parte.

Todo lugar se desenha e se apaga em suas estradas, nos caminhos que vão da periferia ao Centro. Nós íamos do mar à montanha, várias vezes. Atravessávamos os quilômetros que separam umas pessoas de outras. Cruzávamos vales semeados de cana-de-açúcar, ipês-rosas e ipês-amarelos.

Eu ainda segurava meu ovo pálido e pequeno. Mantinha-o entre as mãos, esperando talvez que o calor do meu corpo e a longa viagem dessem à luz um ser vivo.

Minha mãe acordou quando o ônibus estacionava na plataforma do terminal metropolitano. Parecia ter envelhecido ao longo da viagem. Levantou-se do assento com movimentos mecânicos. Perguntou se eu estava com sede. Se precisava ir ao banheiro. Respondi que não para tudo. Pegou a bolsa, conferiu os objetos que levava consigo e me deu um beijo.

Descemos arrastando os pés e puxando pela alça uma bagagem discreta: a pouca roupa que cabia em nossa mala. Entramos num táxi velho, um Dodge desengonçado com faróis quebrados e portas amassadas. Naquela época, não os chamávamos *táxis*, e sim *libres*. O motorista nos deixou na porta do prédio. Minha mãe desceu tudo sozinha: a pequena mala e as bolsas cheias de ameixas. Pagou com uma nota amarrotada.

Esperamos o elevador. Subimos em silêncio pela garganta enferrujada do nosso velho bloco de apartamentos. Uma vez em casa, minha mãe telefonou às minhas tias para dizer que tínhamos chegado bem. Eu, agoniada como estava por causa do ovo, tinha me esquecido de amarrar os cadarços dos meus sapatos. Por um instante, a única vez do dia em que me separei dele, pus o ovo na mesa da cozinha. Agachei-me e comecei a amarrar os sapatos. Quando estava a ponto de fazer o laço, o ovo caiu pesado, sem graça. Estatelou-se perto do meu pé esquerdo. Os mil pedaços de uma casca bege.

A clara inteira se esparramou pelo chão de granito. Na gema amarela, distingi um pontinho vermelho... a pouca vida que pude insuflar com minhas mãos, incapazes de dar à luz alguma coisa. Minha mãe voltou à cozinha e viu os destroços. Os do ovo e os do meu rosto. Tirou da bolsa o doce de coco envolto no saco de papel. Olhou-o com asco e o jogou na lata de lixo.

— Vou ligar o aquecedor do chuveiro. Quando a água estiver quente, tome um banho. Já ajeito tudo isso.

Ela limpou o desastre. Eu entrei no banho. Me esfreguei com uma barra de sabonete verde que cheirava a jasmim, enquanto a água apagava da minha pele as

horas de ônibus. A espera inútil daquela viagem de volta para casa.

— Viva te costuro, viva te costurarei.

Ao entrar em contato com a pele, a agulha ardia e queimava. Me arrancava lágrimas de dor.

— Viva te costuro, viva te costurarei.

— María, está doendo. Ai, está doendo! Para agora. Para!

— Shhh. Você tinha que ter pensado nisso antes. Então fique quieta e me deixe trabalhar. Viva te costuro, viva te costurarei.

Antes de ser enfermeira, María, a vizinha do sexto andar, tinha sonhado em ser modista. Sua mãe vivia de uma confecção de roupas e de reparar as que os outros levavam para arrumar. Fazia maravilhas com pouquíssima coisa, me disse María enquanto enfiava a linha cirúrgica no buraco de uma agulha esterilizada.

— Sabe, adoraria costurar como minha mãe. Ela arrematava a barra de uma calça e a de um vestido de noiva com a mesma graça. Imagine!, naquela cidade não havia tantas lojas como agora.

— María, por favor... Está doendo!

— Você se lembra daquelas ruazinhas estreitas de La Pastora? Lá em cima... Lembra ou não?

— Sim, me lembro. Mas, María... Está doendo!

— Pois então, lá para aqueles lados minha mãe montou um ateliê de costura. Conseguiu uma clientela fixa, sobretudo de noivas, que iam provar os vestidos um dia antes do casamento.

— María, por favor... Por favor, para agora!

— Shhhh. Calma, querida. Fique quieta e escute. Enquanto ela alinhavava os últimos pontos, aos pés da cliente ainda com o vestido de noiva posto, minha mãe repetia: “Viva te costuro, viva te costurarei.” E sabe por que ela fazia isso?

— María, para.

— Shhh, calma, garota, escute a história, que é boa. Minha mãe dizia que se costurasse uma peça de roupa enquanto a pessoa a estivesse vestindo, a pessoa morria. Coisas da roça, você sabe. Então, quando faço algum remendo em alguém, repito sempre esta frase: “Viva te costuro, viva te costurarei.” E o seu conta como remendo. Porque não vamos arrancar sua cabeça para costurá-la, não é?

— María, está doendo...

— Aguarde e aperte bem os dentes, que este é o ponto que mais vai doer. — E afundou pela última vez a agulha cirúrgica na pele. — Viva te costuro, viva te costurarei. Feito, aqui está a cabeça, pronta. Como nova!

Se eu queria viver, tinha que me manter acordada, alerta. María, que insistiu para eu ficar em sua casa, que telefonou para as minhas tias, que graças a Deus não me deixou sair daquele jeito, me deu água com açúcar para eu beber. Apesar da glicose regando o meu cérebro, tive que me agarrar com força no batente da porta antes de sair.

— Garota, aonde você vai? O que vai fazer? Fique aqui.

— Estou bem.

— Não está bem. Aonde vai?

— À polícia.

— Mas nem polícia nem meia polícia, querida! Você vai piorar as coisas. Fique aqui esta noite e amanhã você telefona para as suas tias, e aí vai embora de uma vez. Nem pense em enfrentar essa gente. Vá para Ocumare. Vá para longe. Amanhã virão mais deles. Mas, se você chamar a polícia, vão vir em um segundo. Você não entendeu que essa gente é quem manda? Não entendeu, garota?

— María, não sei como retribuir esse favor. Vou dar um jeito logo.

— Não deve nem tem que me retribuir nada. Só digo uma coisa: daqui você não sai.

— Tenho que resolver isso tudo.

— Fique aqui esta noite. Amanhã você vai aonde quiser. Está com a cabeça machucada. Ao menos espere até que a dor passe. Tenho um quarto desocupado, você se deita lá e amanhã faz o que quiser. Mas aviso desde já: ninguém vai fazer nada contra elas, e quem vai acabar pagando o pato seremos nós. Com elas, virão mais marginais e delinquentes, querida. Vivemos com mais medo do que já vivemos.

— Mais?

— Entenda, Adelaida, que já não existe mais fundo. Nunca vamos conhecer o limite desta desgraça. Fique.

— María, obrigada por tudo... mas não vai me convencer.

— Não procure a polícia. Faça o que quiser, mas não denuncie.

— Adeus, María.

Desci as escadas até o quinto andar e parei diante da porta fechada do apartamento de Aurora Peralta. Inspeicionei a linha de luz sob a porta, tentando adivinhar sombras ou passos. Mais uma vez não vi nada. Me plantei na frente

daquela tábua de madeira pintada de branco. Olhei para a fechadura: nem sinal de violação. Coloquei a mão sobre a maçaneta... e aconteceu um milagre. Não foi necessário forçar a porta, bastou pressioná-la e empurrá-la. Entrei rápido e fechei sem fazer barulho. A janela da sala estava aberta. Através dela entrava um vento insano, mistura de chumbo e motim. Observei uma sala de estar muito parecida com a nossa. Então meus olhos toparam com ela.

Aurora Peralta estava estendida no chão. Tinha os olhos abertos e os lábios roxos. Não sei o que era pior, se a dor na minha cabeça, o medo de vê-la assim ou o temor de acabar me entregando com um grito histérico.

— Aurora! Aurora! Sou eu, sua vizinha! — sussurrei.

Pus um dedo em seu pescoço para averiguar se tinha pulso. Estava dura e fria. Senti ao mesmo tempo nojo e compaixão. Uma serpente de vômito subiu por minha garganta. Corri para a pia da cozinha, idêntica à nossa, e expulsei um suco ácido. Voltei para a sala, com as pernas bambas. Olhei-a de longe. Aurora Peralta era já outro dos muitos corpos frios que habitavam aquela cidade fantasma.

Sobre a bancada, encontrei uma tigela na qual ela havia colocado os ovos que estava batendo para virar clara em neve quando a morte a surpreendeu. A sala de móveis sem estofamento tinha o aspecto de uma mercearia. A imagem fez explodir em mim uma compaixão que nunca senti na vida. Diante do corpo sem vida de Aurora Peralta, vi tecer-se um fio que durante quase trinta anos nos colocou em ambos os lados de uma mesma parede. Sua casa era o reverso da minha. Tínhamos seguido direções opostas sob um mesmo teto. Aurora Peralta era um cadáver, e eu, Adelaida Falcón, a sobrevivente. Unia-nos um estame invisível. Um cordão umbilical imprevisto entre vivos e mortos.

Corri para buscar algo que pudesse cobri-la. Queria esconder aqueles olhos abertos que me olhavam do além. Abri gavetas, procurei lençóis, uma toalha ou alguma toalha de mesa grande o suficiente para que nenhuma de suas extremidades ficasse à vista.

No armário do quarto principal consegui um lençol branco. Na hora de cobri-la, fechei os olhos para não deparar com os dela. Fiquei de pé, percorrendo aquele corpo com o olhar. Então olhei ao meu redor. Que os móveis me contassem tudo aquilo que eu ignorava. Mataram-na? Morreu, simplesmente? Sofreu um infarto? Tudo era confuso e precipitado. Havia uma única certeza: ela estava morta, e eu, viva. Quem se perguntaria agora sobre a morte de Aurora Peralta? Alguém a esperava? Sua família sentiria a falta dela, um amigo, um amante? Ou ela, como eu, tinha suficientes esquecimentos acumulados para que

ninguém notasse sua ausência? Na mesa havia três cartas, duas abertas e uma fechada ao lado de um celular descarregado e do molho de chaves com as quais ela não chegou a trancar a porta. Deve tê-la empurrado num golpe, sem usar o elementar trinco que, em seu juízo perfeito, qualquer um teria usado em uma cidade como aquela, lapso que tinha me permitido entrar apenas pressionando a maçaneta para baixo. Que urgência teria surpreendido aquela mulher para que ela deixasse tudo e se pusesse a bater claras em neve?

A Marechala e suas comparsas a mataram? Tentaram entrar e saíram quando a viram morta? Por que invadiram o meu apartamento, e não este? Passei os olhos por tudo outra vez. Mas naquele apartamento não havia sinais de violência, nem sequer a desordem dos ladrões que procuram dinheiro ou joias. Tudo parecia no lugar. Com exceção, claro, da mulher morta ali dentro. A luz da cozinha permaneceu acesa todo esse tempo. Senti terror, um medo seco e salobro. A comichão de quem deseja, ao mesmo tempo, permanecer e ir embora. Mas para onde? Eu não tinha onde morar. Descartei a opção de ir à polícia e me afoquei àquele refúgio. Pense, pense, pense. Adelaida Falcón, pense.

Onde até pouco tempo antes tinha sido a minha casa, ainda soavam passos, inclusive mais nítidos que os que escutávamos, minha mãe e eu, Aurora Peralta dar quando estava viva. Eu conseguia distinguir as chineladas de Wendy, a gargalhada da Marechala, a trasfega dos que conquistam um território. A lenga-lenga aplastante do “Tu-tumba-la-casa-mami, tumba-la-casa-mami; pero que tu-tumba-la-casa-mami”. A trilha sonora de um pesadelo sobre a qual, entrada a madrugada, tocava com insistência o telefone de casa, que soou sem cessar por ao menos vinte minutos. Quem estaria me procurando e para quê?

Dava para ver melhor a praça Miranda daquela parte da torre. Uma nova patrulha de mulheres tinha substituído a anterior. Eram inclusive mais corpulentas que a Marechala e seu clã. María tinha razão: não lhes custaria nada ocupar os outros apartamentos, houvesse ou não gente dentro. As novas guerreiras da praça estavam acompanhadas por alguns Motociclistas da Pátria. Por ora, isso sim, tinham distração. Brigavam com um grupo de meninos que queimavam uns cartazes alegóricos do Comandante Eterno.

Não demorou a aparecer um comboio de policiais militares e um punhado de pistoleiros. Eu os vi chegar, tumultuosos e sanguinários. Queria gritar, avisar que eram muitos, mas a voz me abandonou. Os atiradores móveis já tinham feito duas vítimas: um casal de juvenzinhos magricelos, estendidos agora sobre o asfalto. Um deles convulsionava e escarrava sangue, como um touro mal

estocado.

Voltei à sala e peguei a única carta sem abrir que permanecia sobre a mesa. Seu remetente era o consulado da Espanha na cidade. Tentei lê-la à contraluz, mas foi impossível. Voltei a atenção para as cartas abertas. Uma, a conta de luz. A outra, também com o selo da bandeira rubro-dourada, uma comunicação na qual o Estado espanhol solicitava uma comprovação de vida de Julia Peralta, sua mãe, para pagar a pensão. Até onde eu sabia, essa senhora tinha morrido havia cinco anos. Dobrei a carta do consulado espanhol e a solicitação da prova de vida ao meio e as escondi na minha calça; peguei as chaves e tranquei a porta.

Aurora Peralta estava morta, mas eu continuava viva.

Nunca presenciei um nascimento. Não concebi nem pari. Não ninei nos braços nenhuma criatura. Não acalmei nenhum pranto, exceto o meu. Em nossa família não nasciam crianças. Morriam, isso sim, mulheres velhas desfeitas no catre de sua autoridade. Reinavam inclusive aos pés da sepultura, como quem morre ao pé de um vulcão. Também não entendia a maternidade como uma situação distinta da que mantínhamos minha mãe e eu: uma relação de intendência e boa governança, uma forma discreta de amor que se manifestava no equilíbrio do mundo que formávamos juntas. Não tinha consciência nem escala do que seria dar à luz, até o dia em que minha mãe me levou para ver aquela tela de Arturo Michelena, um pintor ao qual eu atribuía apenas batalhas e que se alçou diante de mim com a prova irrefutável de que a luz ilumina, clareia o turvo e dota de razão as escuras vísceras do baixo ventre.

Foi sua tela *A jovem mãe* que me fez imaginar, pela primeira vez, o que seria gestar. Eu tinha doze anos, e aquele quadro, mais de um século. Michelena o pintou em 1889, em sua época dourada. Vivia em Paris, tinha ganhado prêmios em vários salões oficiais e inclusive tinha recebido uma medalha na Exposição Universal, a mesma em que foi apresentada a torre Eiffel. Michelena era um pintor acadêmico, um cosmopolita moderado, alguém que estava muito longe de compreender o Salon des Refusés, mas que derramava a luz dos vales valencianos da Venezuela como só sabem fazer aqueles que foram educados sob o deslumbramento do trópico. Essa luz que tudo queima.

Fiquei parada diante desse quadro como se descobrisse uma verdade doméstica: as mães encerram ao mesmo tempo beleza e dilaceração. Na época eu não sabia nada sobre Emma Bovary nem sobre Anna Kariênina, ignorava as suicidas insatisfeitas do mesmo modo que desconhecia as poetisas desafortunadas que me transformaram em leitora. Não tinha lido Miyó Vestri e seu *Órdenes al corazón*, nem tinha ideia da demolição de *Casa o lobo*, de Yolanda Pantin, ou de *Carriel para la fiesta*, de Elisa Lerner. Tinha lido, é verdade, *Ifígenia*, de Teresa de la Parra, mas sem jamais entender o tédio que empurrava aquela senhorita caraquenha a escrever. Não compreendia de jeito nenhum aquelas grandes mulheres que foram tatuadas na minha vida como dívidas, e, no entanto, em frente à tela de Michelena descobri a mulher que já habitava dentro de mim. Não era valente, mas queria ser. Não era bonita, mas cobiçava aquela suavidade

das peles férteis, como a exibida pela mulher que eu tinha diante de mim.

Foi Michelena que fez com que eu enfrentasse o espelho das minhas próprias curvas, quem iluminou a dilaceração do meu corpo com sua jovem mãe tombada na cadeira, uma ninfa quase tirada de *As fiandeiras*, que segurava nos braços um menino grande demais, muito branco e saudável para aquele país castigado pela fome e pela guerra. Olhando o tremor das folhas refletidas na pele, desentranhando as falsas sombras criadas pela paleta do pintor, estudei a silhueta corpulenta daquela mulher e o lento ocaso que supõe dar à luz. Se conhecer é modificar a própria ignorância, naquela manhã recebi uma pedrada: esse raro influxo de beleza que desprendem as mães, seres de perfume tênue, mulheres que brilham sob a luz da manhã.

Minha mãe e eu avançávamos pelo passeio de Los Caobos, o bulevar de um parque afrancesado da capital, que um engenheiro catalão, Maragall, projetou para a Caracas dos anos 1950. Vínhamos de uma apresentação de *Pedro e o Lobo* na sala José Félix Ribas do Teresa Carreño, o maior teatro da nação. Uma ilha naquele país que queria ser diferente de si mesmo. Paramos na frente da fonte de Francisco Narváez, para observar suas ninfas maciças, umas índias talhadas em pedra, parecidas com a estátua da deusa María Lionza. Diferentemente desta, aquelas pareciam mais severas. Na fonte da qual formavam parte, e que o escultor nomeou igual ao país, *Venezuela*, vigorava um grande espelho d'água sobre o qual flutuavam papéis de bala e sacos de batatas desbotados. Uma sopa revolta de folhas e lixo.

— Gostou da Galeria de Arte Nacional? — perguntou minha mãe.

— Aham... — respondi, enquanto sugava com força o canudinho de uma pequena caixinha de suco de pêssgo que ela tinha tirado da bolsa.

— E do que é que você mais gostou? — Ainda com a pergunta na cabeça, fixei a vista nos peitos exagerados das índias de Narváez, e depois olhei para meus sapatos brancos, cheios de buracos.

— A mamãe.

— Qual?

— A do Michelena...

— E por quê? Achei que você fosse gostar dos penetráveis de Soto ou das esculturas de Cruz-Diez.

— São legais, sim. Mas gostei da mamãe. Aquela do vestido e da pérgola.

— Ah, claro — respondeu minha mãe, condescendente. — Por causa do vestido rosa, não é?

— Não. — Fiquei em silêncio, raspando as palavras no pouco de suco da embalagem. — Gostei porque treme.

— Treme?

— Sim — dei outro trago potente. — Se mexe. Treme. É e não é de verdade, entendeu? Existe e não existe... Vai e vem. Não é um desenho. Está viva.

Minha mãe ficou olhando o espelho d'água do parque Los Caobos. As cigarras já ensaiavam seu ruído de seca e a manhã se coava, boba, como um resíduo dominical. O passeio de mármore, que ainda não tinha sido vandalizado, convidava a dormir uma longa sesta. Minha mãe remexeu sua bolsa e tirou dela um maço de lenços de papel, que me estendeu para que eu limpasse a boca.

— É por isso que você gosta do quadro?

— Ahammm... — respondi sem dar mais explicações. — Quando eu nasci, era assim que a gente se via?

— Assim, como?

— Como naquela pintura: grandes, rosadas. Você sabe, assim, parecendo um biscoito.

— Sim, filha. Era assim que a gente se via. — A expressão da minha mãe se retorceu e ela começou a sacudir a saia. Fechou a bolsa e me pegou pela mão.

Dentro da profunda solidão de um parque cheio de ninfas e árvores, algo naquele país começava a nos despojar.

Estudei as saídas para a zona de estacionamento. Também as lixeiras mais próximas e o acesso para as ruas menos transitadas. Precisava me desfazer do corpo de Aurora Peralta sem chamar atenção. Se eu queria me proteger em seu apartamento, não podia cometer nenhum erro. Descartei a opção de avisar a polícia. Era muito mais provável que eu acabasse na cadeia do que alguém acreditasse na minha versão. Esperei até as dez da noite. As rajadas de tiros varriam a rua. Chumbo, puro chumbo. Os corredores estavam desertos. As pessoas permaneciam fechadas em suas casas, temerosas da própria sorte. Três horas antes, a Marechala e sua tropa tinham abandonado o pequeno forte para se juntar à balbúrdia da avenida Urdaneta. Os Filhos da Revolução e seus grupos armados massacravam uma centena de encapuzados que protestava contra o Governo: gente que saía às ruas para que a matassem, porque a fome e a raiva juntas são motivos suficientes para morrer. Era o momento ideal. Não podia perder a oportunidade que me ofereciam a confusão e o desespero dos outros.

Arrastar Aurora até o corredor foi bem mais complicado do que o previsto. Seus sessenta quilos se transformaram em uma tonelada. Não sabia dizer o que era pior: se o peso ou a rigidez. Apertei o botão do elevador. Podia escutá-lo ranger contra as vigas de metal. Subia mais lentamente que nunca pelas entranhas do velho edifício. Quando abri a porta, percebi que o espaço interno era muito pequeno. Deitado, o corpo de Aurora Peralta não entrava. Suas extremidades estavam duras como ganchos. Eu não conseguia dobrá-las nem mudar sua posição. Minhas têmporas palpitavam e minhas mãos tremiam. A camiseta empapada de álcool que eu tinha colocado sobre meu nariz me asfixiava e as luvas de plástico cozinham meus dedos. Às vezes tenho a sensação de não ter sido eu quem fez tudo aquilo.

Exausta, diante do elevador aberto e acompanhada por seu corpo estendido aos meus pés, implorei por uma saída. Arrastá-la degrau por degrau até o térreo teria sido a maneira mais simples de ser descoberta por alguém. Tampouco podia ficar no corredor, esperando ao lado do cadáver. Os doze trabalhos de Hércules pareciam um passatempo diante daquilo. Tinha apenas uma ideia e a ela me afofeguei: a única coisa que podia me manter com vida era aquela mulher morta. Tinha que jogar bem as minhas cartas se pretendia ficar em sua casa.

Empurrei o cadáver de Aurora Peralta de volta ao apartamento. O giro para

mudar a direção do seu corpo e deixar suas pernas em linha reta até a porta aumentou a sensação de espiral e de dificuldade. Uma hora inteira tinha sido consumida na minha primeira tentativa de me desfazer dela, e ainda continuava no mesmo lugar onde havia começado. O som de tiros, explosões e garrafadas me deu coragem. Respirei tão fundo quanto consegui. “Adelaida Falcón, pense.” O desespero injeta criatividade. Levantei o olhar e examinei o apartamento às escuras. Uma mesa com uma máquina de costura ao lado da sacada revelou-se a opção mais prática. Se os homens e as mulheres se matavam nas ruas, o que teria de estranho que um cadáver caísse do quinto andar? Que chovam mortos. Assim, sem metáfora.

Empurrei o móvel até deixá-lo bem colado à janela sobre o parapeito. Levei mais meia hora para conseguir levantar Aurora Peralta do chão. Pus o corpo em uma cadeira e tomei impulso para estendê-la sobre a bancada. A superfície plana me serviria de bandeja. Tombei-a de bruços. Suas pernas estavam duras como pinças. O *rigor mortis* dava-lhe um aspecto de acrobata triste. Eu a empurrei, investindo toda a minha energia, como se em vez de me desfazer de um cadáver, estivesse dando à luz. “*Vino su madre a creer que su hija era la mujer que paría de un ventarrón*”, * cantava minha mãe. Pois assim foi aquilo: um parto.

Quando a cintura de Aurora Peralta ultrapassou o batente da janela, o corpo se inclinou sob o efeito do próprio peso. Vi suas pernas de pau desaparecerem no ar: um vulto sem vida e sem dignidade. Eu não tinha culpa. Você não é culpada, Adelaida, repeti a mim mesma, agachada no chão da sacada. O barulho das motocicletas dos Filhos da Revolução perfurava meus ouvidos. As ameaças e os gritos retumbavam feito perdigotos. “Mata, mata ele! Mata esse demônio! Grava, grava, que estão levando ele!” Se não escutei Aurora Peralta se estatelando contra a calçada, foi graças àquele estrondo.

Queria me debruçar, mas permaneci escondida, cheia de suor e vergonha. Ainda sentia dor por causa dos pontos que María tinha dado na minha cabeça. O calor se colava ao meu rosto. Senti uma corrente de esterco subindo até meu pescoço; algo compacto, endurecido. As coisas tinham alcançado um ponto no qual toda tentativa de remediar o leite derramado comprometia o passo seguinte. Eu não a tinha matado, mas isso não me livrava de ter me sujado de lama.

Eu só queria uma casa. Um lugar para dormir. Um espaço para recompor o rumo e onde lavar minha própria imundice com uma ducha de água limpa. Que a água fizesse seu trabalho. Que lavasse e dissolvesse essa crosta de sujeira que

tinha se formado, feito uma segunda pele sobre a minha. Se eu queria isso, tinha que me apressar. Não podia deixar o corpo de Aurora Peralta às portas do edifício. Qualquer um poderia reconhecê-la. A uns vinte metros da portaria, vi um contêiner em chamas. Se eu conseguisse levá-la até lá, não sobraria rastro de sua história. Um morto a mais na cidade. Mais um. Não aparecem por aí pessoas esquartejadas em malas e lixeiras? Quantos cadáveres enrolados, que ninguém jamais reconhecia e a quem ninguém reclamava, não cobriam a cidade? Gente que morre. E ponto final.

Não sabia se devia continuar com a camiseta empapada de álcool com a qual eu tapava o rosto. Eu precisava dela para suportar o gás lacrimogêneo. Mas, se eu descesse com o rosto coberto, meu aspecto acabaria por me identificar com um dos bandos; o perdedor, claro. A maioria dos que protestavam usava camisetas assim, para resistir horas e horas entre nuvens de gás ardente. Era o uniforme dos que recebiam o castigo: um ímã para os pistoleiros soltos pela rua. Arranquei o trapo no último minuto e saí à rua a toda velocidade. Ao chegar à portaria, uma lufada de gás ardente me abrasou a garganta.

Aurora Peralta tinha aterrissado no asfalto de cabeça. Era difícil reconhecê-la. O cheiro de pneu queimado e gás de pimenta formava uma capa densa, uma neblina ideal para se mover com rapidez. Arrastei o cadáver até o tambor em chamas junto a uma candeia. Estava um pouco mais distante do que eu havia calculado. No caminho encontrei uma garrafa cheia de gasolina, uma bomba caseira que algum infeliz não teve tempo de arremessar. Espalhei o combustível em Aurora. Peguei-a pelos tornozelos, com força, e a arrastei até a barricada. Sua roupa se incendiou ao entrar em contato com o fogo. Uma fogueira de São João, mas no mês de abril.

A estrofe de uma canção cantada em Ocumare e em Choroní todos os dias 23 de junho veio à minha cabeça. Uma letra caipira, que eu escutava ao longe, no saguão da pensão das Falcón. “*Hasta que no suene el plomo, no me voy de aquí. Ay, garabí...*”, ** repetiam os negros do povoado enquanto batiam os tambores, e um enxame de homens e mulheres mexiam os quadris em meio a vapores de suor e cachaça. Minhas tias Clara e Amelia sabiam a letra toda e a cantavam dissimuladamente. Na praia, dançavam todos juntos em roda, bêbados, cotovelo com cotovelo, agitados como larvas, levando um santo de madeira até a praia.

A poucos metros, Aurora Peralta se consumia entre o fogo e as balas. As pessoas corriam de um lado para outro em seu próprio balaio de gatos, uma

bagunça sem nada de pólvora, morte ou loucura. Ali dançamos e nos esfregamos em honra aos mortos. Nós os suamos, os expulsamos como se faz com os demônios e o esterco. Eles vão parar nas fossas sépticas, no lixo que queima fácil, como se fôssemos feitos de um material de pouco valor. “*Hasta que no suene el plomo, no me voy de aquí. Ay, garabí...*” Deixei Aurora Peralta queimando sozinha e comecei a correr.

Estava quase chegando à porta do prédio quando algo me derrubou. Caí com a bochecha no chão. Senti a pele sendo raspada contra o asfalto. Pensei que tinha escorregado por causa do óleo espalhado no pavimento para fazer cair os que fugiam. Só então me dei conta de que alguém tinha me derrubado. Alguém que, com o peso do corpo, fazia pressão sobre a minha cintura, me impedindo de fazer qualquer movimento.

— Parada aí, moça! Parada aí! O que você tá fazendo, hein? Aonde vai?

Tentei me virar, mas aquele corpo não me deixava. De bruços como eu estava, não conseguia ver seu rosto, tampouco adivinhar a qual bando pertencia. Se estava no protesto contra o governo ou ao lado dele. Comecei a me mexer, tentando tirá-lo de cima de mim.

— O que está fazendo, garota?

Quem quer que fosse, não parecia disposto a me bater, ao menos não naquele instante.

— Como o que estou fazendo? Estou me defendendo, lutando, como você.

Eu me mexi até conseguir ficar de boca para cima.

— Lutar, você? Contra o quê? Contra quem?

O rosto daquele que me atacava estava coberto com uma das máscaras dos Filhos da Revolução. Seus olhos me olhavam por detrás da balaclava preta, pintada com o maxilar de um esqueleto. O cheiro de carne queimada começou a se espalhar no ar. Apertando-me com suas pernas e me segurando pelos braços, o caçador apenas tentava me manter imóvel. Redobrei meus esforços, me sacudi, dei chutes e estiquei o tronco, até que consegui livrar um braço. Desferi socos a esmo, me revirei. Por fim enganchei sua máscara com as unhas. Puxei-a com força até deixar seu rosto descoberto. Ele não se opôs, nem sequer resistiu. Me largou por um instante, sem mexer um único músculo do rosto. Se existia um Deus para os canalhas, tinha se colocado ao meu lado. Eu o reconheci na hora. Era o irmão da Ana.

— Santiago! É você, não é?

Ele não respondeu.

— A sua irmã está procurando você feito louca.

— Shhhhhhhh! Disfarça e faz o que eu te disser. Continue me dando socos e resistindo o tempo todo, combinado? — Voltou a cobrir seu rosto com a máscara e se aproximou do meu ouvido. — Para onde posso levar você, para tirar você daqui?

— No conjunto de prédios que está bem atrás de você, a menos de vinte metros.

Santiago me levantou do chão aos empurrões, exagerando e brandindo com a mão uma granada de gás lacrimogêneo que estourou bem perto dali. Depois de poucos segundos, ninguém mais conseguia nos ver. Enquanto um enxame de Motociclistas cruzava a avenida a toda velocidade, esvaziando os canos de suas pistolas contra os edifícios, partimos correndo até a portaria.

— Adeus — disse ele quando chegamos à porta.

Em seguida deu a volta e começou a caminhar em direção à rua.

Lancei-me sobre ele e tentei puxá-lo pelo pescoço, com um abraço. Santiago me afastou com um empurrão.

— Entra na sua casa. Se quer levar um tiro, é por sua conta, mas eu não quero morrer. Se perceberem que eu não rachei sua cabeça, quem vai levar um tiro sou eu.

Uma nova rajada de disparos nos obrigou a deitar no chão.

— Por favor, me escute. Sua irmã está procurando você. Tem que ligar para ela. Se não fizer isso, eu mesma vou fazer!

— Se você fizer isso, vão acabar com a gente. Com ela, comigo e até com você. Então...

Não conseguiu terminar a frase. Um garoto tombou a nossos pés. Não tinha mais do que dezessete anos. Caiu empurrado pela força de uma bomba lacrimogênea que estourou em seu peito. Bem atrás, apareceu alguém da tropa de choque, com uma escopeta nas mãos. Santiago me acertou um soco no estômago, me pegou pelos cabelos e me sacudiu feito um boneco.

— Leva essa daí para o caminhão. Vamos, vamos, vamos, arranca daqui, idiota, arranca! Leva ela para o comando Bolívar! — ordenou o homem a Santiago.

Dobrada sobre o chão, sem ar e com o estômago apertado, ainda pude ver como aquele sujeito vestido de preto passava por nós e se dirigia à sua presa abatida. De cócoras, ele começou a fuçar os bolsos do garoto estendido no asfalto. Roubar os mortos, em vez de lhes dar sepultura.

Mas quem era eu, depois de tudo, para julgar aquele militar.
Filhos do vício, diziam minhas tias, seguindo a canção dedicada a São João.
“Hasta que no suene el plomo, no me voy de aquí. Ay, garabí...”

* Em tradução livre: “Sua mãe chegou a acreditar que sua filha era a mulher que estava dando à luz em um vendaval.” (N.T.)

** Em tradução livre: “Até o chumbo soar, não vou sair daqui. *Ay, garabí ...*” (N.T.)

Eu não sabia onde estava até chegar à portaria do edifício. Mal consegui encaixar a chave na fechadura. Santiago ainda usava aquela máscara com a qual os Filhos da Revolução cobriam o rosto, de modo que não era simples identificar se íamos atrás de alguém ou se estávamos fugindo. A ameaça que infundia aquela peça nos tornava invisível diante de alguns, mas nos deixava vulnerável diante de outros. Alguns meses antes, a roupa associada ao governo teria sido advertência suficiente para abrir passagem com a segurança de que ninguém se atreveria a se aproximar de nós. Mas as coisas tinham mudado. Ninguém pensaria duas vezes antes de atocaiar um membro do regime e linchá-lo com a ajuda de quem quisesse se unir ao açoite. Santiago, um algoz sem armas, era uma vítima barata para quem desejasse devolver a ração de ódio que o Comandante nos tinha legado. Por fim entramos no apartamento. Santiago tirou a máscara e olhou em silêncio para os móveis e as paredes. Vê-lo assim, com o rosto chupado e os olhos enlouquecidos, me causou mais pena que medo. Ele dava voltas ao redor de si mesmo, desorientado. Percorria a sala revirada. Atropelava-se ao falar. Se me bateu, foi para salvar a nossa pele, dizia. Se estava onde estava e fazia o que fazia, era porque...

De pé, diante de suas próprias reticências, Santiago recomeçava a ladainha. Que, se me bateu, foi para salvar a nossa pele. Que aquilo, dizia empunhando a máscara, era um pesadelo. Que em três meses. Que a polícia. Que os comandos.

— Eu disse. Para você ir embora, que se metesse de uma vez dentro do prédio. Por que me seguiu, porra? Agora você também está comprometida até aqui, até aqui, ouviu? — disse enquanto sobrevoava a cabeça com os dedos.

Santiago estava enganado. O nível da cloaca tinha subido muito acima de nossas cabeças. Tinha-nos sepultado. Ele, eu e o resto. Já não éramos um país, éramos uma fossa séptica.

— Quer falar mais baixo? Depois da surra que você me deu, quem tinha que estar gritando feito uma histérica era eu.

— Mas é que você não...

— Sim, já sei, já sei, eu ouvi. Se você não fizesse aquilo, cortavam suas bolas. Mas agora sou eu que peço que siga as minhas regras: o apartamento do lado foi invadido por umas sujeitas que, você já vai ver, não terão problema nenhum em nos expulsar a pontapés ou com o cano de uma pistola afundado nas nossas

costas. Enquanto você estiver aqui, fale o menos possível, e se falar, que seja deste lado da casa. Não acenda nenhuma luz e não abra a porta nem se aproxime dela se alguém bater.

— Mas esta...?

— Não, Santiago, esta não é a minha casa. E sim, tenho muito a explicar. Mas você também. Sua irmã acha que você está morto. Ela não sabe nada de você. Continua pagando para que não o matem, e você nem sequer lhe deu um telefonema. O que está fazendo com esses delinquentes? Achávamos que estava preso. Todos viram quando te levaram da faculdade.

Ele ficou de pé no meio da sala, com aquela máscara nas mãos. Baixei a voz, corri para a parede e grudei nela o ouvido. A Marechala e sua tropa não tinham voltado. Nem tudo estava perdido: ao menos elas não haviam escutado nada, e eu podia aproveitar alguns dias a mais de esconderijo para resolver as coisas. Quando me virei, senti um golpe de cansaço, um abatimento ainda maior do que o que sentira ao arremessar Aurora Peralta pela sacada.

Santiago me olhava, quase tão enlouquecido como eu, com os olhos abertos e sem vida. Observava-me como alguém que tinha se extraviado, havia já muito tempo, para um lugar distante. Pela primeira vez desde que o conhecia, vi em Santiago algo parecido à derrota. O garoto economista, que tudo sabia e tudo podia, tinha se evaporado. Parecia um homem velho. Tinha o rosto esfolado, a pele cheia de crostas de feridas anteriores. Estava tão magro que era possível ver suas veias sobre os poucos músculos que cobriam seus ossos. Vestia uns jeans esfarrapados e uma camiseta vermelha com os olhos do Comandante impressos na altura do peito.

— Santiago, você não vai dizer nada?

Ele levou as mãos à testa e agarrou os cabelos sujos, cheios de sujeira e gordura.

— Adelaida, estou com fome.

Fui à cozinha e voltei com pão de forma, duas ou três fatias que sobraram em um saco quase vazio, também umas bolachas de soda que achei no fundo do armário, e três potes de atum que Aurora tinha deixado sobre o micro-ondas. Santiago mastigou com força. Pulverizava os biscoitos com os molares e sorvia o óleo de girassol do pote de atum. Abri uma lata de cerveja que havia na geladeira. Pareceu um manjar dos deuses.

— Tem umas bananas, caso queira. — Minha única resposta foi o som da massa de pão que ele empurrava, com esforço, pela garganta.

Depois de descascá-las, engoliu de uma só vez as bananas, bebeu o que restava da cerveja e tirou do bolso um maço amarrotado de cigarros.

— Posso? — perguntou, quase com medo.

— Que diferença faz? Com o fedor de lixo que há dentro e fora desta casa, para mim dá no mesmo.

— Você não fuma?

— Não mais, mas deixe para mim as últimas duas tragadas.

Santiago fumou apertando o filtro com a polpa do polegar e do dedo indicador. E só depois de um tempo me ofereceu o resto. Estendeu-o com a mão, enquanto expirava duas colunas de fumaça pelo nariz.

— Quando me levaram para a Tumba, me deixaram preso por um mês inteiro, numa cela sem janelas nem ventilação. Primeiro fiquei sozinho ali. Depois trouxeram mais dois da faculdade. A cada duas horas vinha alguém do Sebin,^{*} os caras da inteligência militar que eles soltam pelas manifestações para prender gente. O homem escolhia um de nós e levava aos empurrões pelo corredor. Devolvia uma hora mais tarde, triturado de murros e com as bolas frouxas feito gelatina.

Comecei a inspecionar minhas mãos. Não conseguia olhar para o rosto dele.

— Não queriam saber se nos conhecíamos ou se estávamos organizados. Nos batiam, só isso. Repetidas vezes. Vamos te matar, seu chupa-rola, vamos te foder, vamos acabar com a sua família, maldito; quem manda se meter nisso? No mais jovem de nós, meteram um tubo no cu. Em mim, o cano de um fuzil. Remexiam, com gosto. Desculpa se não te poupo dos detalhes.

Não respondi, também não fiz nenhum gesto. Tentei não levantar o rosto. Seria eu a primeira pessoa a quem ele contava aquilo?

— Em dois dias foram quatro sessões de porrada em cada um de nós. Em seguida, nos endireitavam um pouco e tiravam fotos de nós com um celular, e aí voltavam a fechar a porta. Tomavam o cuidado de sempre nos surrar no corpo, deixando a cara mais ou menos sem marcas, para mostrar que não estávamos tão mal. Suponho que eram essas as fotos pelas quais a Ana sabia de mim.

Assenti.

— Cobravam dinheiro da minha irmã pelas fotos?

Voltei a assentir.

— E que garantia davam?

— De que você se alimentava.

— Só isso?

— E uma prova de que estava vivo — disse eu, e voltei a me calar. — Falam coisas terríveis da Tumba.

— E todas verdadeiras. Nos tiravam a roupa inteira e nos metiam numas salas brancas, as únicas que tinham grades. Era a melhor tortura que eles faziam. Baixavam o termostato ao mínimo. Nos dava febre. Perdíamos a noção de tudo: do tempo, da fome, da temperatura. A princípio, gritávamos, e muito. Começávamos pedindo um advogado nomeado por um juiz e terminávamos suplicando por água. Nos levavam um copo com um caldinho que, para mim, tinha gosto de água de privada. Os golpes deixam a gente esgotado, desidratado, secam a boca, que fica pastosa. Te batem para acabar com você, para quebrar. O medo dá lucidez e as surras embrutecem. Nessa primeira semana batiam em nós, sempre um de cada vez. Na seguinte, nos juntaram, nós três, numa mesma sala. Abaixaram nossas calças e nos obrigaram a dançar. Depois nos obrigaram a mexer no saco uns dos outros. A essa altura, já não estávamos completamente conscientes do que fazíamos. Quando falavam da minha irmã era ainda pior.

— O que diziam?

— Que sabiam onde ela morava. Que iam estuprá-la. Que iam matá-la. Ela e Julio. Sabiam seus nomes. Me obrigaram a implorar e a pedir perdão, mas dava no mesmo, porque voltavam a me bater logo depois. Com a gente, também chegaram mulheres. Prenderam várias colegas da Economia no mesmo dia em que fui preso. Algumas nunca tinham ido a manifestações antes. Avisamos a elas que ir na linha de frente de um protesto não era a mesma coisa que ir atrás. Não nos deram ouvidos.

— Bateram nelas também?

— Estupraram todas. Quando nos levavam para a “geladeira”, as escutávamos gritar. Nas outras celas, as brancas, era impossível saber de alguma coisa. Ficávamos isolados e sem luz. Começamos a perder a razão. Porque era disso que se tratava, de que esquecêssemos dos dias em que éramos gente. Depois de um mês, nos tiraram da Tumba e nos levaram a um escritório. Chegamos com os olhos vendados. Nos puseram na frente de um documento selado no qual nos acusavam de meia dúzia de delitos: rebelião, instigação e associação ao crime, incêndio e danos, terrorismo... A maioria dos que foram presos naquele dia não chegou a usar de violência. Muitos dos que faziam parte do nosso grupo nem sequer estavam no grosso da manifestação. Foram pegos quando estavam indo embora da marcha, já voltando para suas casas. Esperaram até que estivessem

dispersados para que fosse mais fácil levá-los.

— Santiago, quem os acusava?

— Não sei. Pedimos um promotor de justiça, um advogado, um juiz, alguém que estivesse presente quando tomaram nossos depoimentos. Não houve resposta nem apareceu ninguém. Aquele era um procedimento sumário de um tribunal militar, nos explicaram. “Isso acontece, vocês estão vendo, por se meter em confusões”, nos disse um homem vestido com um uniforme verde. No dia seguinte nos separaram e nos levaram, cada um de nós, a um lugar diferente. Eu fui para o presídio de Dorado, no sul. Fiquei um mês nessa prisão. Jamais pensei que sentiria falta dos caras do Sebin. Ninguém mais tirava fotos de nós com celular; suponho que tinham conseguido outros presos, e extorquir suas famílias já era o suficiente. Nem para isso servíamos mais. Você sabe se a Ana continuou pagando?

— Não tenho certeza, Santiago. Quando minha mãe começou a agonizar, perdi contato com todos. Me dediquei a cuidar dela na clínica. — Ele abriu os olhos de repente. — Sim, minha mãe morreu.

— Eu não sabia. Bom, nem poderia saber... — Ele tirou o pacotinho estropiado de cigarros, pegou o último e o deixou sobre a mesa.

— Ela morreu há umas duas semanas.

— E quem vive hoje, Adelaida? Desde que tudo virou essa merda, quem não morreu?

Santiago se levantou da cadeira.

— Aonde você vai?

— Ao banheiro. Faz um século que não mijo.

* Serviço Bolivariano de Inteligência Nacional. (N.T.)

Olhei para o teto implorando por respostas. Era melhor telefonar para a Ana, para lhe dizer que tinha encontrado seu irmão. Devia? Podia? Passei as mãos por cima daquela mesa à qual jamais havia me sentado para comer e sobre a qual a minha vida transcorria, de repente, como um filme sem edição. Era muito melhor que Ana não soubesse nada do que tinha acontecido. De nada serviria. Ficaria enlouquecida de desespero. Não saber era uma maneira de permanecer a salvo, repeti a mim mesma, para ganhar ânimo e tentar manter a cabeça fria. Ela era minha única amiga. Eu não podia esconder o que sabia; tampouco que eu tinha encontrado Santiago.

Levantei-me da cadeira, disposta a pegar o telefone. Quando escutei Santiago dando a descarga, voltei a me sentar.

* * *

Ana e eu ficamos amigas ao longo do primeiro ano do curso na Faculdade de Humanidades. Nos cruzamos no elevador depois de coincidir em várias matérias introdutórias. Ela aproveitou para se apresentar e de passagem soltou, como só ela sabia fazer, o quanto minhas intervenções em sala de aula a irritavam. Eu usava advérbios demais e falava feito um funcionário público, ela me censurou. Ela, como seu irmão, obedecia ao padrão dos inflexíveis, esse tipo de gente que, de tão chata, acaba sendo adorável. O fato é que, graças à sua influência, corrigi minha mania de acrescentar advérbios a tudo o que dizia, ainda que isso não a eximia de ter se comportado de forma prepotente.

Um círculo comum acabou nos unindo: os horários da universidade, as disciplinas nas quais nos matriculávamos... Mas se alguém me perguntasse por que continuamos sendo amigas por tantos anos, não conseguiria explicar muito bem. A mesma coisa acontece com os casais e os casamentos. Não há muito que escolher e se, ainda por cima, a companhia não incomoda, que seja bem-vinda. Nós duas éramos comedidas e secas como troncos. Não nos sentíamos convocadas a renovar a literatura nacional, como a maioria dos estudantes de Letras. Dedicávamo-nos à edição profissional. Limpeza e precisão, nada mais.

— E você? — me perguntou um dia na lanchonete da faculdade.

— Eu o quê?

— Você manda romances para concursos e essas coisas?

— Não ligo para isso.

— Nem eu — disse ela, fazendo um som de peido com a boca, e caímos na gargalhada.

Dividimos os primeiros trabalhos como revisoras de estilo em jornais que deixaram de existir. Vimos como as coisas foram mudando, como as desvalorizações, protestos e dissensões naufragavam, primeiro nos exibicionismos revolucionários e então na violência sistemática. Vimos os melhores anos do Comandante e, em seguida, a lenta ascensão de seus sucessores; conhecemos as primeiras versões dos Filhos da Revolução e os Motociclistas da Pátria. Vimos como o país se transformava em um espantalho. Depois vieram as semelhanças nos assuntos pessoais. A vida nos foi juntando em circunstâncias parecidas, até completarmos quase dez ou doze anos de amizade. Conheço Ana o suficiente para afirmar algumas coisas. Apenas dois assuntos lhe tiravam o sono: sua mãe, que depois de ficar viúva começou a manifestar surtos de Alzheimer, e Santiago, seu único irmão, dez anos mais jovem que ela.

A lembrança mais nítida que guardo de Santiago é do casamento de Ana e Julio. Ele tinha quinze anos. Perambulava pela igreja com um misto de presunção e apatia. Era um dos melhores alunos da escola, o colégio mais caro da cidade. Ana pagava uma mensalidade escandalosa pela formação no ensino médio do irmão; fazia isso imbuída de um estranho sentido de aposta, como se aquele dinheiro lançasse moedas a uma poupança invisível. “É inteligentíssimo”, dizia a todo momento. Sim, era mesmo, além de arrogante. Ela havia colaborado, e muito, para isso. Ele ficou entre os dez primeiros no vestibular. Cursou ao mesmo tempo economia e contabilidade. Se o país não tivesse se suicidado, aquele garoto provavelmente teria acabado na direção do Banco Central, dizia a irmã. Não houve tempo. Foi preso antes.

Santiago voltou do banheiro, limpando as mãos nas calças. Sentou-se à minha frente, pegou o cigarro que tinha tirado do maço e começou a alisá-lo.

— Um dia apareceu no presídio de Dorado um comando do grupo Herdeiros da Luta Armada. Reuniram os estudantes presos no pátio. Quando já estávamos desidratados e carbonizados pelo sol, chegaram oito sujeitos de capuz e com bolsas cheias de camisetas e máscaras como esta. — Apontou o disfarce de esqueleto sobre a mesa. — Se quiséssemos sair de lá, tínhamos que acompanhá-los. Ninguém pensou em perguntar aonde íamos, qualquer lugar era preferível

àquele.

— Não pensei que você estivesse entre os estudantes das celas comuns.

— Faziam isso com todos. Enviar a pessoa ao Dorado era uma forma de se livrar de gente que já não lhes dava dinheiro. Nos mandaram para morrer, entende? Se você quisesse viver, não podia fechar os olhos, jamais: aquele que não queria matar, queria estuprar. Levavam uns chuços de metal oxidado que eram vendidos a preço de ouro entre os recém-chegados. Atacar ou defender eram duas coisas às quais tínhamos que estar dispostos.

Tentei interrompê-lo.

— Adelaida, me deixe falar. — Ele pegou o isqueiro e acendeu o cigarro. — Quem não nasceu lá dentro, quem não cresceu aprendendo a degolar para viver, não sai inteiro. Era o caso de todos os que estávamos naquele pátio — disse, expulsando outra grossa coluna de fumaça. — Não pensei duas vezes e pedi para ir embora com o grupo que partia naquele mesmo dia. Nunca nos devolveram nossos documentos; entregaram diretamente aos caras do comando. Foram nos chamando um a um. Compararam nossa fisionomia com as cédulas de identidade e nos designaram um número. Eu era o vinte e cinco. Acabei gostando, é a idade que vou completar no próximo ano.

Fiquei calada. Havia tempo que eu preferia não pensar no futuro.

— O que você tem? Acha que não vou chegar lá?

— Não ponha palavras na minha boca.

Fez-se um silêncio incômodo. Durou alguns segundos, e então Santiago continuou seu relato.

— Nos puseram em um ônibus de uma prefeitura próxima. Viajamos por uma noite inteira, com os olhos vendados e os pulsos amarrados por arames. Tombávamos sobre os assentos. Apesar disso, dormi. Não fazia isso havia semanas.

— Aonde levaram vocês?

— Quando nos fizeram descer do ônibus e nos tiraram a venda dos olhos, vi uma paisagem de selva de montanha. A princípio pensei que estávamos no Sul, em Bolívar ou no Amazonas. Pelas conversas entre os chefes, entendi que estávamos na cordilheira central, entre Caracas e Guarenas. Nos detiveram ali por quinze dias. Tudo era precário e não podíamos falar com ninguém. Nos ensinaram coisas básicas. A surrar. A atirar. Nos explicaram, com grandes intervalos, as normas do grupo, entre elas a estrutura do comando, para que não obedecêssemos aos de outras células quando cruzássemos com elas. Uma vez que

tínhamos aprendido o essencial, o sujeito das instruções da cadeia, que aparecia só de vez em quando, voltou a nos reunir. Aquele que desertasse ou abrisse o bico seria rachado ao meio. Para que isso ficasse claro, ele deu como exemplo um rapaz que tinha tentado escapar da última ação armada. Chamou o cara estalando os dedos. O garoto avançou aos tombos. Pegaram-no pelos cabelos e o ajoelharam no meio do pátio, na nossa frente. O infeliz chorava, implorava para não ser morto e se remexia no chão, com as mãos amarradas com cordas. O sujeito o levantou outra vez pelos cabelos. Tirou uma faca que exibiu lentamente, passando-a diante dos nossos olhos. Em seguida o degolou. “Isto é o que vai acontecer com quem pensar em escapar ou delatar uma ação armada.”

— Uma ação armada é o que eles fazem todas as noites?

— Eles chamam qualquer coisa assim: um saque, a dissolução de uma manifestação, uma invasão organizada. Precisam de gente para fazer essas coisas. Por isso nos recrutaram. Nós não atuamos para o governo, e sim para os que são amparados por ele. O que a gente consegue vai parar nas mãos dos chefes, uma mistura de delinquentes, militares e guerrilheiros. Essa gente tem certo nível, se você os compara com os da Tumba.

A conversa de Santiago foi se apagando aos poucos.

— Agora você poderá entender o que eu fazia hoje com esta máscara, não é?

Reparou no cigarro consumido e me olhou.

— Não deixei nada desta vez para você, desculpe — disse, esboçando um sorriso torpe. Voltou a alisar os cabelos e levantou os olhos.

— Não tem mais cerveja mesmo, tem certeza?

Fiz que não com a cabeça. Minhas feridas voltavam a doer.

— Então já sei o que vou fazer agora mesmo.

— O quê?

— Dormir.

Aurora Peralta Teijeiro. Data de nascimento: 15 de maio de 1972. Hora: três e meia da tarde. Lugar: Hospital de la Princesa, distrito de Salamanca, província de Madri. Pai: Fabián Peralta Veiga, natural de Lugo, Galícia. Mãe: Julia Peralta Teijeiro, natural de Lugo, Galícia. Nacionalidade: espanhola. Motivo da solicitação: tramitação de passaporte e documento nacional de identidade do Reino da Espanha. Junto com a cópia literal do registro, vinha uma carta assinada pelo escritório consular da cidade, um informe de rendimentos, uma requisição com a data determinada para o trâmite e um número de telefone para consulta. Restavam ainda duas semanas para a entrevista. A data coincidia com o dia em que se completava um mês da morte da minha mãe, 5 de maio.

Peguei uma toalha limpa e uma manta. Deixei tudo sobre a mesa da sala de jantar. Voltei para o quarto principal, fechei a porta e passei o trinco. Encontrei um fichário vermelho na primeira gaveta da cômoda. Dentro, havia outra certidão de nascimento, de Julia, a mãe de Aurora. Tinha nascido em Viveiro, um povoado da costa de Lugo, em julho de 1954. O original e a cópia do documento estavam junto com a certidão de óbito, emitida em Caracas.

A morte de Julia Peralta aconteceu um pouco antes da minha primeira viagem com Francisco à fronteira. Não fiz muitas viagens, mas a primeira foi uma encomenda do jornal para o qual ele trabalhava na época. Fui contratada como revisora. Com o tempo, acabei fazendo muitas outras coisas. Também descia até o departamento de fotolitos para corrigir alguma legenda ou refazia um telex e telefonava para checar dados que os redatores não tinham tempo de comprovar. Não havia ninguém capaz de resolver tantos assuntos por tão pouco dinheiro. Eu tinha editado quase todas as reportagens de Francisco, o jornalista de política que mais exclusivas tinha conseguido sobre as atividades da guerrilha colombiana. Os editores acharam que a pessoa ideal para o acompanhar nessa viagem era eu, quem mais? Eu devia permanecer na fronteira o tempo que durasse a operação que Francisco ia cobrir. Embora eu tenha perguntado, meus chefes não me deram mais detalhes, apenas me pressionaram para que eu decidisse se ia ou não o quanto antes. Aceitei.

Quando cheguei em casa para fazer as malas, encontrei minha mãe se aprontando para ir ao velório de Julia Peralta.

— Como assim, você vai para a fronteira? Está louca? Está uma confusão por

lá. Você não vai me acompanhar e dar os pêsames à Aurora pela morte da Julia?

— Mamãe, não posso. Por favor, dê a ela os pêsames por mim.

Minha mãe estava vestida de preto. Nunca usava essa cor, fazia com que parecesse da roça. Ela era, claro, mas o luto a fazia se lembrar disso. Era uma verdade que estava grudada em sua pele, como se tivesse vindo em seus genes e se manifestasse de repente.

— Tire isso quando voltar, mamãe — falei antes de ir.

Ela ficou de pé, na sala, olhando para o vestido, como se secretamente me desse razão. Seu rosto seco e sem expressão me pareceu uma ilha de tristeza. Me arrependi de ter dito aquela frase. Dei-lhe um beijo na bochecha e saí de casa.

Cheguei inquieta. Francisco me esperava na cafeteria do Portu, um lugar ao lado do jornal por onde passavam todos os repórteres e era comandado por um homem de bigodes escuros nascido em Funchal. Com exceção dos chefes, podia-se encontrar ali qualquer um dos jornalistas.

Francisco chegou antes. Bebia sem vontade um café puro. Conversamos pouco. Ele parecia não entender muito por que eu tinha sido enfiada naquela viagem, e eu ficava apreensiva com seus ares de repórter estrela. Sentia-me intimidada. Mas lá estávamos nós, fazendo hora e evitando o costume desagradável que têm os desconhecidos de baterem papo, quando o que querem mesmo é ser deixados em paz.

A reportagem que nos levava ao outro extremo do país era perigosa: o sequestro de um proeminente empresário da elite nacional — quando algo assim existia — pela guerrilha. A libertação seria realizada na zona do rio Meta, a cem quilômetros da fronteira. A família tinha ido adiante com as negociações por conta própria, com a mínima intervenção do regime do comandante-presidente, já que na época ele tinha estreitado laços com as forças de libertação colombianas, a quem havia facilitado um corredor de impunidade em troca de lealdade e cooperação armadas, além de algumas regalias nos carregamentos de drogas que o regime lhes permitia transportar pelo leito do rio Orinoco, rumo à Europa.

Francisco tinha garantido para si um salvo-conduto que lhe permitiria acompanhar os contatos militares que participariam da libertação. Meu trabalho consistia em ficar do outro lado da fronteira, preparada para resolver qualquer contingência: desde conseguir dinheiro vivo ou um vale-gasolina para trocá-los nos postos da Guarda Nacional até cuidar do escâner e do computador extra para enviar as fotos e as matérias, assim que estivessem prontas.

— Já estive na fronteira alguma vez?

— Não.

— Sei...

— “Sei” o quê?

— Tente não se fazer notar. Não fale muito com as pessoas e, o mais importante, nem pense em dizer por que está aqui nem para quê.

— Obrigada por me advertir que não convém falar com desconhecidos. Até essa viagem nunca tinha pensado nisso.

— Você vai me agradecer — disse ele, erguendo uma sobrancelha.

— Certamente.

Pedi um café puro.

— Que seja para levar.

— Não, quero na xícara.

Antonio, o português, fez cara de paisagem.

— Não peça nem pense por mim, por favor.

— Como quiser, mas se apresse. Temos que sair antes das onze. Te espero lá fora.

Viajamos por terra durante oito horas até chegar à cidadezinha mais próxima da fronteira com a Colômbia. Francisco falou poucas vezes. Na primeira, para me perguntar em que jornais eu tinha trabalhado antes. Na segunda, para dizer que, como eu, ele também não tinha estudado jornalismo. E, na terceira, para explicar por que os melhores jornalistas nunca pisaram numa faculdade. Eu não tinha me enganado: ele era um babaca.

Passei duas semanas fora da cidade. Nesse tempo descobri que a realidade sempre arruína as certezas. Comprovei isso por causa de duas coisas: porque o governo demonstrou uma capacidade de sabotagem superior à que esperávamos e porque Francisco não era um imbecil completo. A primeira coisa talvez fosse previsível; a segunda, não. Certamente haveria repórteres mais serenos e mais frios. Fotógrafos melhores, quem sabe. Mas até então eu nunca tinha topado com um ser como Francisco. Ele fazia tudo: as fotografias e as matérias. Estava sempre no limite. Contava as coisas com precisão e antes dos outros.

Quando nos despedimos, na cidadezinha a trinta quilômetros da Colômbia, de onde eu devia coordenar o resto da viagem, Francisco me pediu emprestado o livro que eu estive lendo durante o caminho todo.

— Poesia a gente não lê tudo de uma vez, então pode levar — eu lhe disse.

Agradeceu e se foi.

Falávamos por telefone todos os dias. Ele ditava suas matérias e eu as transcrevia. Das catorze que enviou, a todas dei um novo título, o que aumentou o número de telefonemas. Uns eram para me dar bronca, e outros, para organizar a sessão do dia seguinte.

— Vou te ligar lá pelas cinco e, por favor, me pergunte antes de mudar o título. Se são muito longos, faça o favor de me consultar.

— Todos cabem perfeitamente.

— Então por que você os refaz?

— São confusos. Se você tivesse lido Gil de Biedma, o livro que te emprestei, teria compreendido a importância da precisão.

Depois de dez dias entrincheirado em um acampamento em Villavicencio, Francisco continuava sem ter clareza a respeito das intenções do comandante-presidente na operação de resgate. Dávamos por certa a boa-fé do governo, mas algo não ia bem. A data de libertação se arrastou por quinze dias. Em seguida, dois dias mais, e assim até completar um mês sem ter notícias. O país ficou paralisado. Todos esperavam a volta com vida do herdeiro de uma das mais importantes fortunas tradicionais.

Demos como certo que tudo estaria pronto para que, uma vez a vítima em liberdade, os hierarcas da Revolução pudessem estufar o peito por causa da intermediação, mas por fim não aconteceu o que se esperava. Francisco teve que escrever e retratar o oposto de sua grande exclusiva. Fez isso com rigor e desprovido de qualquer emoção.

A fotografia que ele tirou foi a única do corpo sem vida do empresário sequestrado, que os guerrilheiros deixaram jogado a dois quilômetros do posto da fronteira, envolto em um saco de juta manchado de sangue seco. Fazia dias que estava morto. Fizeram a família viajar até ali para recolher um cadáver, depois de pagar quatro milhões de dólares, que foram parar no baú das Forças Marxistas de Libertação Nacional.

No dia seguinte à nossa volta a Caracas, me apresentei no departamento de Fotografia do jornal com uma seleção dos diários de Gil de Biedma.

— Considere como um pedido de desculpas por trocar os títulos — disse.

— Não há motivo. Ficaram melhores, muito melhores. Não te disse isso na ocasião, mas agora posso.

Duas semanas depois, Francisco apareceu na frente da minha mesa de trabalho.

— Vou viajar ao Meta na próxima semana e quero que venha comigo.

— A viagem vai ser tão longa como da outra vez?

— Não. Apenas cinco dias. Não precisa levar tantos escâneres nem transmitir coisas diariamente, mas me sentiria mais confortável se você viesse.

— Tem certeza?

— Tanta certeza como de que não vou mandar títulos de merda. O editor-chefe de Nacional me disse que não havia nenhum problema, embora tenha deixado claro que eu estava levando sua melhor editora...

— Hum...

— Bem, também não se julgue tão importante. Se não quiser, não tem problema. Procuramos outra pessoa.

— Quando você vai?

— Terça-feira que vem. Voltaríamos no sábado.

— Está bem. Estarei lá.

— Seria muito te pedir...?

— O quê?

— Que você levasse mais livros para ler na viagem?

— Sempre levo livros a mais. Vou procurar algum com figuras para você.

Francisco sorriu. Foi a primeira vez que o vi sorrir. Ele tinha quarenta e seis anos, e eu, quase trinta. Ficamos juntos por três anos, o mesmo tempo que lhe restava de vida.

* * *

Examinei a certidão de óbito de Julia Peralta como se fosse um retrato de grupo feito à força, no qual cabíamos todos, apertados e sem sorrir diante das lentes de uma única verdade: as pessoas apanham, adoecem ou são mortas. Pisam no lugar errado. Voam pelos ares ou escorregam por uma escadaria. As pessoas morrem, por culpa delas ou nas mãos de outro. Mas morrem. E isso é a única coisa que importa.

No ano em que Julia Peralta deixou este mundo, descobri a única pessoa que tinha passado pela minha vida como se fosse permanecer nela para sempre.

Eu, que já tinha sido viúva aos dez anos, voltei a sê-lo aos vinte e nove, uma semana antes de me casar com Francisco Salazar Solano, o repórter de quem um grupo de guerrilheiros cobrou a tiros a fotografia com a qual ele tinha ganhado o

Prêmio Ibero-americano de Liberdade de Imprensa: o retrato de como haviam deixado um informante deles depois de descobrirem que ele tinha vazado a informação de como o governo do comandante-presidente dera a ordem de matar o empresário cuja suposta libertação tentava conseguir havia meses. Do mesmo modo que fizeram com este infeliz, fizeram com Francisco, passando-lhe a gravata, essa forma de matar que os guerrilheiros aplicavam aos delatores: abriram sua garganta de cima a baixo e tiraram a língua pela ferida.

Quando conheceu Francisco, minha mãe o examinou dos pés à cabeça. A sorte dele, ela dizia, era ser alto. E ele era. Media quase dois metros, distribuídos em um corpo geométrico e pesado. A primeira vez que fizemos amor, pensei que eu tinha quebrado uma costela. Não foi assim, mas quase. Minha mãe não gostava dele. Reprovava tudo: sua barba malfeita, os quinze anos de diferença entre nós e os dois filhos que ele trazia de um casamento anterior.

— Você é adulta, deve saber o que faz — me respondeu quando lhe disse que íamos viver juntos. — Você vai morar na casa dele? Porque a casa é dele, não sua. Não vai dar uma de corruíra, que cria filhos que não são seus.

Nunca lhe disse nem ela perguntou. Eu já sabia. Por Francisco eu teria ido até o fim do mundo. Assim como acudiam os soldados às trincheiras, embrutecidos por causa da cachaça, que é o gosto que deve ter a paixão quando é excessiva. Se tivesse que escolher uma das fronteiras que cruzamos, ficaria com a da sua pele. Francisco me fotografava com a palma da mão e a ponta dos dedos. Sem palavras era como melhor nos amávamos. Não me concedeu nenhuma, nem sequer para dizer adeus.

Recebi a notícia de sua execução dois dias depois, quando apareceu nas agências o telex do seu assassinato. “O Prêmio de Jornalismo Ibero-americano de Liberdade de Imprensa, Francisco Salazar Solano, crivado e degolado nas margens do Meta, a poucos quilômetros de Puerto Carreño, bem próximo do Amazonas.”

Uma lagoa Estige do asco.

Quem o entregou foi uma de suas fontes. Não o informante que tinha sido descoberto como delator, e sim outro, mais inocente. O garoto que o tinha levado ao descampado onde ele fez sua melhor fotografia, a do delator fotografado por Francisco tal qual o haviam deixado seus algozes: com a cabeça cortada e pendurada entre as mãos, os testículos e o pênis presos na boca. Assim matavam os alcaguetes na fronteira. Gente transformada em rês que alguém mais ofereceria como notícia no dia seguinte, na vitrine dos jornais. O décimo

primeiro mandamento esculpido numa lasca de pedra ou no osso de um pescoço quebrado: não falarás. Assim chegou também Francisco no cemitério, com uma gravata diferente da que ele não teve tempo de usar em nosso casamento.

Mamãe me acompanhou ao funeral. Fez isso em silêncio. E assim, em silêncio, voltamos para casa. Amávamos pessoas mortas. Dias depois, apareceu uma testemunha do que aconteceu no Meta. Outro menino. Eram usados como mensageiros. O garoto se apresentou no posto do comando nacional, procurando pelo capitão encarregado. E lá, diante dos promotores militares, relatou passagens desconexas da matança, conforme tinham lhe ordenado que contasse. Enviavam alguém que não conseguia entender nada do que tinha visto, para que chegasse em sua voz branca a mancha escura da morte.

No fichário vermelho, separados por uma cartolina e dentro de pastas transparentes, encontrei também os papéis de três contas bancárias, duas no país e uma na Espanha. Os recibos e as movimentações de cada uma davam uma ideia bastante clara de onde tinha ido parar a herança que sua mãe deixou para Aurora Peralta. Nas contas nacionais havia o mínimo necessário para viver um mês. Na espanhola, os números estavam longe de ser modestos: um total de quarenta mil euros.

Revirei as pastas cuidadosamente, rastreando senhas, extratos e cadernetas. Encontrei-as em um envelope bege fechado. Aurora Peralta imprimia as movimentações de sua conta, páginas descarregadas da internet que ela marcava com caneta marca-texto e arquivava em ordem cronológica. Conferi como todos os meses o Estado espanhol depositava oitocentos euros de aposentadoria, mais quatrocentos por conta de uma invalidez. Ambos os depósitos em nome de Julia Peralta. Invalidez? Por qual motivo? E por quê? Nunca notei nela nenhuma má-formação evidente. Passei em revista cada gaveta em busca de algo mais. Estava convencida de que Aurora guardava euros em dinheiro vivo. Já não era possível pagar nada em bolívares. Até os criminosos comuns exigiam os pagamentos dos sequestros em moeda estrangeira. Em algum lugar daquela casa deviam estar as notas, mas onde?

Na prateleira superior do armário, atrás de uma caixa com um presépio e enfeites natalinos, encontrei uma caixa de madeira coberta com um pesado álbum de laca e outro um pouco menor, cheio de recortes de jornal: notícias de um atentado ocorrido anos antes e vários obituários de Fabián Peralta Veiga, seu pai, de quem também conservava a certidão de nascimento, emitida no registro civil de Viveiro, em março de 1948. Em outra pasta de plástico, estava um livro de família.* Julia e Fabián Peralta se casaram em Lugo, em junho de 1971, em Viveiro, o povoado onde ambos nasceram. Ficaram casados por dois anos: a certidão de óbito de Fabián Peralta está datada de dezembro de 1973.

Todos os recortes de jornal do álbum davam a mesma notícia, publicada em 21 de dezembro de 1973: a explosão de um Dodge 3700 GT de quase duas toneladas no qual viajava Luis Carrero Blanco, presidente de governo da Espanha. Uma bomba o fez explodir pelos ares em Madri. O escritório em que

trabalhava Fabián Peralta, próximo à igreja de São Jorge, onde o militar ia à missa, recebeu a onda expansiva da carga de explosivos. Fabián Peralta foi morto pelo estilhaço da bomba com que o ETA assassinou o político designado por Franco para gerenciar a nação. A referência à morte do pai de Aurora aparecia publicada, de forma marginal, em uma nota que encabeçava a hemeroteca seguida de três obituários. Por isso Julia sempre teve aquela aparência sombria de viúva em tempo integral, um ar que a filha herdou sem perceber. A morte de Fabián Peralta as tornou velhas de repente e para a vida toda.

Julia sempre usava aqueles vestidos na altura do joelho. Peças de roupa sérias, que a faziam parecer mais velha e realçavam suas canelas grossas e sem tornozelos. A filha absorveu essa estética. Se de criança já parecia uma menina apagada, quando ficou mais velha tampouco conseguiu reunir maiores atributos. Era alguém que dava a impressão de habitar uma fronteira perpétua: nem venezuelana nem espanhola, nem bonita nem feia, nem jovem nem velha. Destinada ao lugar onde vão parar os que não pertencem a nenhuma parte. Aurora Peralta sofria a maldição dos que nascem muito cedo em um lugar e chegam muito tarde ao seguinte.

No álbum de laca preta havia várias fotografias. A primeira era do casamento de Fabián e Julia, uma celebração austera. Ambos aparecem retratados no altar de uma igreja repleta de vitrais e depois diante de uma mesa onde os comensais erguem suas taças, sorrindo. Em outra, o vestido de noiva de Julia Peralta, que era modesto: um modelo sem decote, de manga três quartos e duas longas pences arrematadas por uma saia pesada e com aspecto de toalha de mesa. Fabián vestia um terno de escritório, com uma gravata escura atada com força a um pescoço de frango. Nenhum dos dois sorri, nem sequer olham para a câmera.

A essas fotografias seguiam outros instantâneos, quase todos acompanhados por legendas manuscritas. “Lua de mel, Portugal, 1971.” “Aniversário de Fabián, Madri. Agosto de 1971.” Em uma foto do jovem casal, de pé diante de um conjunto de sala de jantar, Julia usa um vestido que realça a barriga incipiente. “Natal, 1971.” Outra mostra um grupo de pessoas sentadas a uma mesa cheia de pratos. “Jantar de Ano-Novo com Fabián, Paquita, Julia e os avós. Natal de 1971.”

A julgar pelas fotografias, os Peralta viajavam pouco a Lugo. Há poucos instantâneos em Viveiro. Um tem data de fevereiro de 1972; nele aparece Fabián, sorridente diante de uma panela de amêijoas. Restam duas fotografias desses primeiros anos. Fabián e Julia Peralta vestidos com mais elegância do que

a habitual. Ele aparece bem ereto, com um braço sobre o ombro da mulher, que segura um bebê. Uma breve explicação esclarece: “Primeiro mês de Aurora, Madri, junho de 1972.” Logo abaixo, na mesma data, eles três, do lado de fora da igreja de São Jorge. “Batizado de Aurora, Madri, junho de 1972.” Há outra ainda, na entrada da mesma igreja. A pequena está nos braços de uma mulher de cabelos claros. Um personagem que se destaca por certa beleza, ausente no resto das fotos. “Aurora e Paquita”, dizia a legenda escrita com letra cursiva e caprichada.

Três fotografias correspondem ao verão desse ano em Viveiro: uma de Aurora e seu pai em uma praia; outra na qual Fabián segura entre as mãos uma travessa de sardinhas em meio a uma festa, e uma na qual aparece, de novo, a mulher loira, Paquita. Desta vez está de noiva e sorri; um homem sem muitos predicados a toma pela mão. É a única das três imagens que tem legenda: “Enlace de Paquita e José. Verão de 1972.” Há mais duas dos “Primeiros passos de Aurora” e outra de seu pai deitado no gramado de um jardim: “Fabián e Paquita em Guadarrama.”

Algo muda de repente. As imagens do ano de 1973 mostram, todas, a mesma composição, sem Fabián: Julia Peralta quase sempre vestida de preto com Aurora nos braços. Há várias outras. Uma de pessoas reunidas ao redor de travessas de refeições já comidas e nas quais todos sorriem, menos Julia. “Madri, 1974.” A presença de Paquita se repete em quase todas as fotos de grupo desse tempo. Supus que seria a irmã de um dos dois. Em uma delas, Paquita aparece vestida com um traje regional e uma menina pequena nos braços: “Paquita e María José, 1978.” Dessa época há também uma foto de Julia Peralta. Ela destoa em relação ao resto. Tem um tom duro, que sobressai no álbum. Está de uniforme de serviço, com uma saia cinza e um avental branco engomado. Leva os cabelos presos em um coque dentro de uma touca. Ao lado dela, um grupo de sete mulheres aparece vestidas da mesma forma. “Boas-vindas aos novos empregados do Hotel Palace, Madri, 1974.”

Uma cartolina em branco, marcada apenas com uma data, separa o resto das fotografias que correspondem ao capítulo Venezuela. Nelas, está Julia Peralta, um pouco mais cheinha e sem as roupas de luto, de pé em meio ao velho bosque do Parque das Acácias. Há outras três no Parque de Los Caobos. Outra na frente da estátua da Índia, em El Paraíso, e uma na moderna estrutura metálica de Alejandro Otero, na praça Venezuela, uma escultura da qual hoje não sobrou nem uma única lâmina: todas foram roubadas. E outra mais: Julia Peralta de pé

diante de uma *paella* de dimensões exageradas. A mãe de Aurora surge sorridente, o primeiro sorriso genuíno entre todos os seus retratos que vi. Na mão direita, segura uma enorme colher de madeira. Com ela está Betancourt, presidente da República entre 1960 e 1964, um dos patronos da democracia. Na parte de baixo da foto, uma linha escrita à mão explica: “No aniversário de dom Rómulo. Caracas, 1980.” Muitos outros instantâneos estavam incluídos nesse álbum.

Em um deles, Julia e a filha posam à porta da igreja de La Florida, em 1980. No final do álbum, presos com seus quatro ângulos protegidos com papel-cartão, alguns postais assinados por Paquita, que não parou de enviá-los até o ano da morte de Julia.

Eu tinha remexido gavetas em busca de dinheiro e acabei descobrindo a biografia ignorada dessas mulheres com as quais vivi, parede com parede, por anos.

Dentro da caixa de madeira que eu ainda não tinha inspecionado, encontrei um envelope com cartas. Quase todas estavam escritas em papel de seda e se dividiam entre os anos 1974 e 1976. Eram assinadas por Julia e estavam dirigidas a Paquita. Na primeira, a remetente informa sobre a viagem a Caracas a partir de Madri, no outono de 1974, e a chegada a um país que parece inverossímil para seus olhos. “Os besouros pesam meio quilo. Vivemos em uma área muito arborizada. Há araras e papagaios, que todas as manhãs vêm para comer na sacada do apartamento onde nos instalamos por um preço razoável.” Além das anotações domésticas, quase todas relacionadas a assuntos cotidianos, Julia dedicava algumas outras, mais substanciais, sobre esse país onde o sol brilhava o ano todo e as pessoas conseguiam trabalho. Na Venezuela dos anos cinquenta, os europeus emigrados ainda conseguiam trabalho.

As descrições de Julia esbanjavam detalhes, como a cor e o cheiro das frutas, a largura das ruas e das avenidas. “As casas aqui são maiores que na Espanha e todo mundo tem eletrodomésticos. Comprei um liquidificador. Com ele, preparo litros de gaspacho, que guardamos na geladeira para tomar no almoço, que é como chamam aqui a refeição do meio-dia.” Essa é uma das coisas que Julia Peralta mais repete: quantos artefatos e coisas havia para comprar, os mesmos que minha mãe olhava no catálogo de eletrodomésticos da Sears, aquelas enormes lojas às quais íamos aos sábados à tarde, depois de tomar um sorvete na sorveteria Crema Paraíso da avenida Bello Monte.

Na carta seguinte, um mês depois de sua chegada à cidade, em dezembro de

1974, Julia informa à Paquita que entrou em contato com as freiras de uma residência universitária “para senhoritas” do núcleo El Paraíso e que elas tinham aceitado a carta de recomendação do chefe de cozinha do Palace. “A madre Justa é tal qual você me contou. Muito amável e caridosa. Não perdeu nada do sotaque galego, mesmo depois de dez anos, e me disse que, se eu gostar da ideia, posso me encarregar da cozinha das internas.”

Quando estava disposta a ler a carta seguinte, escutei o escândalo da Marechala e suas meninas. Fecharam a porta com força e aos poucos ligaram seus alto-falantes com o eterno *reggaeton* dos dias anteriores. “Tu-tu-tu-tumba-la casa mami, pero que tumba-la casa mami.” Como alguém podia ter composto uma harmonia *pachangosa*^{**} a partir da palavra “tumba”? “Tu-tumba.” Grudei o ouvido na parede; parecia que havia mais gente. As vozes daquelas mulheres se multiplicavam e retumbavam por cima do barulho da música. Devolvi a caixa e os álbuns a seu lugar original, tentando deixá-los na mesma ordem, um gesto que agora me parece absurdo. Quem averiguaria e constataria que tudo estivesse intacto? Eu agia como se Aurora e Julia fossem voltar a qualquer momento para exigir o que lhes pertencia.

Procurei um esconderijo convincente para o fichário vermelho. Só o anúncio da presença da Marechala e sua tropa parecia outorgar-lhes um poder que na verdade não tinham. Meu medo lhes dava o dom de atravessar muros e ver através deles tudo o que eu fazia ou deixava de fazer. Estava aterrorizada. Sob meu teto dormia um garoto de quem eu não sabia nada. Santiago podia ser qualquer coisa: um mártir, um assassino, um delator. Naquele quarto alheio me descobri completamente sozinha. Tinha que fazer algo, e tinha que ser rápido. Passei os olhos pelas paredes marfim e os cravei em uma reprodução da tela da *Imaculada Conceição* de Murillo, a mesma que minhas tias tinham no quarto principal da pensão Falcón. Me aproximei e o retirei. Ao virar o quadro, caiu aos meus pés um envelope cuidadosamente fechado. Estava cheio de notas de vinte e cinquenta euros.

* *Libro de familia* é um documento emitido pelo governo espanhol, no qual se registram as relações de parentesco, nascimentos, mortes e divórcios. É emitido pelo ministério da Justiça do país. (N.T.)

** *Pachanga* é um gênero musical que mistura vários tipos latinos de música: merengue,

rumba, cumbia, entre outros. (N.T.)

Na Encruzilhada, entre Turmero e Palo Negro, erguia-se um reservatório de metal enferrujado, estampando três letras: P.A.N., acrônimo de Produtos Alimentícios Nacionais, a marca criada pela primeira empresa cervejeira da Venezuela para identificar a farinha de milho pré-cozida. Era um produto que por décadas deu de comer ao país, graças às arepas, *hallacas*, *cachapas*, *hallaquitas* e tortas preparadas com aquela mistura, e cujo grão era armazenado no depósito de Remavenca, uma fábrica que se avistava quando ainda faltavam quase duzentos quilômetros para chegar a Ocumare de la Costa. Aquela estrutura tinha sido o celeiro de Aragua, a província onde nasceu minha mãe. Seu produto mais importante, além do rum e da cana-de-açúcar, era aquela farinha, comercializada em pacotes amarelos ilustrados com a estampa de uma mulher de beijos vermelhos, argolas gigantes e um lenço de bolinhas na cabeça. Uma versão local e camponesa, para não dizer hiperbólica, da Carmen Miranda, a atriz que o *South American way* levou aos estúdios da 20th Century Fox — e à mesa de todos os lares da Venezuela.

Pelo menos até a segunda onda de fome e escassez propiciada pelos Filhos da Revolução, quando desapareceu por completo, até se tornar um objeto de luxo, a farinha P.A.N. nutriu os estômagos de milhares de homens e mulheres. A verdadeira democracia habitava aquele milho industrial. A aristocracia e os mais desvalidos se alimentavam igualmente desse amido com o qual nossas lembranças tinham sido assadas.

O invento nasceu do lúpulo com que um cervejeiro alemão regou os tormentos de um país que alternava a bebedeira com a guerra, e que aboliu as *piloneras*, as mulheres que moíam o milho dando golpes com um pedaço de pau contra um grosso pilão de madeira, feito do tronco de uma árvore que vigorava nos jardins ensolarados de fazendas e plantações. Desse ofício nasceram os cantos de pilão, uma reza de suor e pancadas, melodia que acompanhava a moenda bruta e saborosa. Mulheres infelizes que pulverizavam a casca do grão de onde vinha a farinha usada para assar, em fornos a lenha, o pão pobre de um país que ainda sofria de malária. Desde então, essa música ficou em mim feito o ritmo do coração.

Quase sempre pilavam juntas duas mulheres, que conversavam ritmicamente. Daí nasceram essas canções, que pareciam confirmar uma verdade: a tragédia nos

foi dada, como nos foram dados o sol e as árvores carregadas de frutas doces e pesadas. Dessas coisas é que falavam os cantos de pilão: das desventuras e das histórias de mulheres simples que faziam explodir suas penas contra um morteiro de madeira, e cujas letras ainda se conservam; canções que vinham à minha mente sempre que eu passava pela Encruzilhada.

— Adelaida, filha, acorde. Já estamos chegando à fábrica de Remavenca.

Nem era preciso que minha mãe me avisasse, meu coração já tinha detectado aquele cheiro potente de cevada e alimento. Esse aroma de cerveja e pão me deixava feliz. Então eu começava a cantar os versos que tinha aprendido com as velhas de Ocumare.

— *Dale duro a ese pilón... io, io.*

— *Que se acabe de romper* — respondia minha mãe, em voz baixinha.

— *Putá tú y puta tu mai...*

— Essa parte não, Adelaida. Não repita isso!

— *Putá tu abuela y tu tía, io, io...* — dizia, rindo.

— Não, filha. Cante a parte que a tia Amelia ensinou: *Ya me duele la cabeza, io, io, de tanto darle al pilón, io, io, para engordá un cochino e comprá un camisón, io, io...* *

As negras do povoado entoavam aqueles versos enquanto, com as mãos, davam forma às arepas diante da chapa redonda fervente do mercado. Cada frase era arrematada por um arquejo monocórdio, “io, io”, a lamúria do esforço.

Allá arriba en aquel cerro,

io, io,

va un matrimonio civil,

io, io,

se casó la bamba e' burro con el pescuezo e' violín,

io, io.

Si por tu marido es,

io, io,

cógelo que allá se te va,

io, io,

un camisón de cretona no me lo ha llegao a da,

io, io.

Cantavam com a cabeça envolta em lenços e soltando a fumaceira de seus tabacos. Expulsavam, como um lamento, a linhagem das fêmeas a quem o mundo só deu os braços para alimentar a prole que irrompia do meio de suas pernas, sempre machucado de tanto parir. Mulheres rochosas, com coração de pão duro e a pele curtida pelo sol e pela chama dos fornos e das chapas. Fêmeas que borrifavam as *arepitas* com o anis de suas tristezas.

*Allá va la cara e diablo,
io, io,
de corazón de demonio,
io, io,
que tiene la lengua negra de levantar testimonio,
io, io.
Yo no quiero hombre casado,
io, io,
porque hiede a matadura,
io, io,
yo lo quiero solterito que huele a piña madura.*

Havia cantos para todos os ofícios, práticas extintas dos camponeses que se mudaram para a cidade atraídos pelo petróleo, deixando, por onde passavam, as melodias da labuta que antes os situava no mundo: a ordenha, a rega, a moenda, a sova. Dos cantos mais tristes era o canto do trapiche, onde se espremia a cana-de-açúcar; um pau seco e doce que caía dos caminhões vindos dos vales de Aragua em direção a Ocumare, e que eu pegava para chupar, escondida embaixo da mesa de jantar da pensão das Falcón. Se minha mãe descobrisse que eu tinha chupado cana, estaríamos lascadas. A glicose concentrada do talo terroso ajudava a soltar o intestino, o mesmo que fazia o rum com o juízo dos homens rudes do campo. Fazer do ventre a bebedeira da alma. A purgação de tudo o que trazíamos no sangue e no coração.

Os cantos de pilão eram música de mulheres. Eram compostos por elas em seus silêncios de mães e viúvas, na demora de quem nada espera, porque nada tem.

Ayer yo te vi pasá rascándote la cabeza,

*io, io,
le dije a mi compañera allá va esa sinvergüenza,
io, io.
No me llames sinvergüenza,
io, io,
porque yo soy muy honrá,
io, io,
y tú no tienes reparo pa' venirme a insultá,
io, io.
Putá tú y puta mai,
io, io.
Putá tu abuela y tu tía,
io, io.
Cómo no ibas a ser puta si eres de la mesma cría,
io, io.
La zoqueta se cree,
io, io,
que todo se lo merece,
io, io,
y vive en un peazo e rancho que el viento se lo estremece,
io, io.*

Tia Amelia, a gorda, cantava essa canção para mim, soltando risinhos na cozinha, me obrigando a manter segredo, caso minha mãe a surpreendesse. Eu a repetia, como um papagaio triste e fraco, sem os braços e sem os músculos fortes como os daquelas negras, catedrais de carne preta que cantavam de pé diante de uma chapa redonda. Formas de chorar parecidas aos incêndios do campo.

* * *

Abri a janela e me debrucei sobre a nossa rua sem árvores, rastreando em meio à bruma de morte o cheiro daquele pão de milho. Fechei os olhos e inspirei com força as sobras de uma biografia feita de paus. A vida foi aquilo que passou. Aquilo que fizemos e fizeram a nós. A bandeja na qual nos cortaram pela

metade, feito um pão a ponto de crescer.

* Em tradução livre: “Soque bem neste pilão/ Que por fim se rompa/ Puta você e puta a tua mãe/ Puta a tua avó e a tua tia/ Minha cabeça já está doendo de tanto socar o pilão/ para engordar um porco e comprar uma camisola”. (N.T.)

— Você desconfia tanto assim de mim para dormir com a porta fechada a trinco?

— Bom dia, Santiago. Sim, estou bem, obrigada por perguntar. Aliás, fale mais baixo; quanto mais tempo eu puder evitar que as invasoras do apartamento ao lado percebam a minha presença aqui, melhor. Ah, a toalha que deixei na mesa é para você, pode pegar.

Voltei à sacada. A barricada fumegante continuava no mesmo lugar. Ninguém se incomodara nem sequer em afastar os contêineres ou limpar a praça, ainda cheia de obstáculos, pedaços de cimento arrancado das calçadas, garrafas quebradas e paus.

Aurora Peralta já não era Aurora Peralta. No lugar onde a deixei, agora havia uma massa disforme e carbonizada.

“Está tudo bem”, pensei.

Fiquei na janela mais do que o normal, como se, ao entrar em contato com o ar, eu tivesse sido desligada. No asfalto havia manchas de sangue e vidros quebrados. Acima, em direção ao bairro de La Cal, descendo pela avenida Panteón, vi um grupo de motorizados dos Filhos da Revolução. Eram cerca de trinta. Avançavam em zigue-zague. Levavam megafones com os quais gritavam o repertório de sempre:

— Não passarão! Não voltarão! A Revolução vive!

Sim, gritavam sobre o cadáver de mais alguém.

— No que você está pensando? — Santiago me tirou de minha nebulosa.

— No jeito mais rápido de você ir embora daqui — respondi sem levantar o olhar.

Me irritava aquela forma direta e violenta que ele tinha de perguntar as coisas, além do espírito resolutivo, o mesmo que usaria um líder que revistasse pessoas.

— Procure um lugar onde se esconder, aqui você não pode mais ficar — continuei.

— Não posso.

— Pode, sim. E vai fazer isso. Não agora, mas você tem que ir. Telefone para a Ana, para um amigo, sei lá...

— Não tenho aonde ir.

— Nem eu. Nem aquela senhora que está atravessando a rua. Nem os

milhares de pessoas enlouquecidas e presas nesta cidade. Algum amigo da faculdade deve poder te acolher por uns dias.

— Ah, claro, é verdade, moça. Com certeza já libertaram todos do Helicoide.* Não, não, espere! Tenho uma ideia melhor! Posso me apresentar para o capanga chefe do Negro Primero. Ele vai adorar escutar que eu fiquei desorientado, perdi o caminho, e por isso não fui ao encontro deles ontem.

Ele procurou outro cigarro nos bolsos. Estavam vazios.

— Mas, claro, como sabem que sou muito discreto e um cara muito esperto, jamais passaria pela cabeça deles que contei isso a alguém. Certamente os do comando vão entender o que aconteceu e vão interceder por mim junto aos chefões, para que não me matem com uma bala na cabeça.

Ele rangeu os dentes. Me atravessou com aqueles olhos adocicados de menino genial, uma versão escaldada do adolescente lassalista** que conheci: longo e fino como uma vara para derrubar mangas das árvores, o queixo e o maxilar bem marcados, a expressão magra e altiva, uma maturidade física, não de todo acompanhada pela de seu espírito. O fato de que fosse o irmão mais novo da Ana o tornava também o meu. Por isso me sentia com autoridade moral para o esbofetear, e se não fiz isso foi porque já tinham batido nele o suficiente.

— Santiago, deixe de sarcasmo, que a situação não está para isso.

— Ainda por cima me dá lição de moral! E você, Adelaida? E você? Por que não conta a verdade sobre a sua história? Esta casa não é sua, nem da sua família. Aqui não tem um único livro e você nem sequer sabe direito onde estão os copos. O que estava fazendo no meio daquele desastre? Você não tem cara de que vai se juntar agora à resistência e à guerrilha urbana. O que aconteceu? Por que se pôs a correr feito louca? O que estava procurando? Estava se desfazendo do quê? Sua cara estava de um jeito que sobressaía em meio à confusão. Preferi ser eu a sair atrás de você, antes que outro passasse na minha frente e lhe desse uma surra de verdade, ou metesse chumbo em você.

— Shhhhh! Fale baixo! Isso você fez porque quis. Está mais do que provado, a essa altura da vida, que posso cuidar de mim sozinha, bem melhor que você, é evidente... Não tenho nenhuma intenção de explicar nada. Sou bem grandinha para prestar contas, ainda mais a um garoto arrogante. Entendo que não tenha aonde ir, que passou por um inferno. Entendo tudo isso. Mas escute só uma coisa: você diz que estamos sujos até a cabeça. Pois bem, então que cada um limpe a própria merda. Comece indo para a casa da sua irmã, e quanto antes,

melhor. Pode ficar aqui uns dois dias; dormir, porque você está precisando; pensar com calma. Mas isso sim: você vai embora logo. A vida não me deu filhos, e você não será o primeiro, de acordo?

No tempo em que havíamos passado juntos, eu ainda não tinha visto em Santiago a expressão de surpresa e desconcerto que ele tinha agora no rosto. Cravou os olhos no chão e cruzou os braços sobre o peito.

— Estamos de acordo? — insisti.

O silêncio que se fez foi tão longo que chegou a comprimir o ar.

— Estamos, Adelaida. Estamos de acordo.

— Melhor assim. E, se me dá licença, vou até a cozinha. Agora sou eu quem está com fome.

Abri o armário de Aurora Peralta, um antigo móvel de sala de jantar, com cristaleira, prateleiras e gavetões para os talheres. Empilhada em duas torres, uma de pratos de sopa e outra de pratos rasos, encontrei uma louça de La Cartuja um pouco mais sortida que a nossa. O refinamento parecia resgatado nas travessas que nos faltavam e que naquelas prateleiras adquiriam um aspecto incrível: as sopeiras, as xícaras de café, as bandejas. Peguei um dos pratos e o examinei com cuidado. Me pareceu mais elaborado que os que tinha visto até então, e até cheguei a duvidar da autenticidade da louça que minha mãe havia guardado, achando que se tratava de objetos valiosos. Nunca cheguei a acreditar completamente que nós, as Falcón, comêssemos nos pratos que Amadeo de Saboya pedira para seu serviço, mas, ao ver aqueles, comecei a pensar que a autêntica louça de La Cartuja era a que guardavam as Peralta, e não a nossa.

Queria ser elegante e comer em um prato como esse, queria usar talheres. Embora as circunstâncias tivessem me transformado em uma hiena, eu ainda tinha o direito de não me comportar como tal. Pode-se comer carniça com garfo e faca.

Abri mais gavetas e gavetões. Encontrei várias latas de conserva, farinha de trigo, massa para cozinhar e água mineral em garrafas. Também café, açúcar, leite em pó e três garrafas de Ribera del Duero. Havia atum em lata suficiente para uma semana, além de pimentões em conserva e azeitonas. Aquela era a dieta de uma casa espanhola, insólita em uma cidade na qual não se conseguia nem ao menos pão.

Na geladeira havia meia dúzia de ovos, um pote de goiabada pela metade e um de margarina. Também alguns tomates e cebolas em bom estado, e, no congelador, seis pedaços de carne separados em bandejas de isopor. Senti uma

vontade incontrollável de comer um filé suculento, um pouco sangrento, para repor a fome acumulada. Havia dois dias que estava sem comer e começava a me sentir fraca. Então me lembrei da Marechala e suas suplentes, que reagiriam na mesma hora ao sentir o cheiro de comida. Embora achasse que elas não passavam fome, pois recebiam as bolsas e as caixas de comida que o Governo dava a seus acólitos.

Fui até a sala. Santiago continuava ali.

— Anda, vamos comer. Não tem cerveja, mas tem vinho.

Ele estava de costas. A luz dos janelões recortava seu perfil. Parecia um fantasma. Tinha a cabeça baixa e os ombros caídos.

Voltei para a cozinha. Peguei os tomates, o atum em conserva e dois ovos para cozinhá-los em água. Em um dos gavetões encontrei uma dúzia de toalhas de mesa brancas, talvez do antigo restaurante de Julia Peralta. Estendi uma delas sobre a mesa, como uma declaração de paz. Peguei duas taças de um jogo ímpar e abri o Ribera. Me aproximei de Santiago, que continuava olhando para os sapatos. Ele se levantou e se encaminhou para a mesa. Servi o vinho e me sentei. Depois de beber de uma só vez sua taça, ele me perguntou por Sagrario, sua mãe.

— Sabe se piorou?

— Até algumas semanas atrás continuava igual, em um mundo que já não é o dela nem o nosso — falei, e ele bufou. — Olhe pelo lado bom: ao menos ela não tem consciência desse desastre. Não entende por completo que você está ausente.

— Ela não se lembra mais de mim?

— Santiago, sua mãe já não reconhece nem a Ana. E o Alzheimer sem medicação se complica.

— Como a minha irmã está fazendo para cuidar da mamãe?

— Pois eu me faço a mesma pergunta. Se a Ana não enlouqueceu nesses meses é por causa desse efeito aplanador que está em tudo. Aqui não se pode retroceder. Ou você se mexe rápido ou desaba.

Ele ficou olhando para a taça. Me perguntou de que minha mãe tinha morrido. Quando contei que de câncer, franziu o cenho.

— E como lhe aplicaram a quimio? Não há reagentes. Não há nada.

— Comprei o tratamento de quimioterapia no mercado negro, e muitas vezes sem saber se aqueles medicamentos seriam os corretos.

— Que grande merda, não? — disse sem levantar o dedo da toalha.

— Qual delas, Santiago? O câncer, o Governo, a escassez, o país?

— Que merda ninguém ter ajudado.

— Minha mãe e eu estávamos acostumadas a resolver tudo sem pensar muito.

Fui até a cozinha e dispus com cuidado o tomate e o atum nos dois pratos. Perguntei a mim mesma como íamos nos abastecer de comida e água, já que estávamos trancafiados. Santiago não podia se deixar ver, e embora eu pudesse sair, não tinha nenhuma intenção de deixá-lo sozinho no apartamento. Devia inspecioná-lo de cima a baixo primeiro. E ainda havia outras coisas. A Marechala e suas invasoras também eram um problema. Minha estratégia de silêncio era pior que um convite para que tomassem de assalto o apartamento.

Santiago me tirou dos meus pensamentos de repente.

— Sabe de uma coisa, Adelaida...?, não me lembro de você jovem.

O comentário me deixou confusa. Peguei um dos ovos cozidos e comecei a tirar a casca.

— Está me chamando de velha?

— Não. Simplesmente... — arrastou as palavras, como se fosse tomar impulso. — Simplesmente não guardo recordações suas dos anos de universidade com Ana. Só me lembro de você a partir do casamento dela. E não sei por quê, afinal a Ana falava de você o tempo todo.

— E de você, Santiago. Para ela você era uma espécie de gênio a quem ela devia dar tudo. Espero que saiba agradecer a ela algum dia.

— O fotógrafo com quem você estava nesse dia do casamento da Ana... Por que o mataram daquele jeito...?

A expressão me pareceu desastrada, ainda que verdadeira. “Daquela jeito”: abrindo-lhe a garganta e por ela tirando a língua. Foi difícil responder.

— Ele publicou uma informação que deixava o Governo vulnerável, e não lhe perdoaram.

— Não sei por que me meto nesses assuntos. Me perdoe.

Soou o interfone. Santiago olhou para a porta de madeira. Eu levei o dedo indicador aos lábios. “Não diga nada. Não faça nada. Não se mova.” Comecei a brincar com a casca do ovo, amassando-a contra a toalha. Soou mais uma vez. Uma campainha que durou anos em nossos cérebros. O fato de, em uma cidade como aquela, alguém interfonar não era, com toda certeza, nada bom, menos ainda naquelas circunstâncias.

Passaram-se dez minutos durante os quais não nos dissemos nada. Ouvimos o som de passos no corredor. Espiei pelo olho mágico da porta. Vi três homens vestidos com roupa normal: não usavam uniforme de nenhum tipo, nem as camisas vermelhas dos Filhos da Pátria ou os coletes escuros do Sebin; tampouco

o uniforme verde-oliva da Guarda Nacional. Tinham, isso sim, aspecto de delinquentes. Um deles, o que parecia ser o chefe da expedição, parou diante da porta do apartamento. “Essa não, Jairo. É a outra”, disse um dos sujeitos. “Você cala a boca, bundão”, soltou, e se virou na direção da porta da minha antiga casa.

Tocou a campainha, que ouvimos através das paredes da sala de jantar. Eu estava com medo. Santiago era um problema. E ele sabia disso.

Quando escutei as chineladas da mulher que ia abrir a porta, senti ainda mais medo. O que era aquela visita? E que sentido tinha? Estavam ali para invadir o apartamento que julgavam vazio? Estavam ali por causa de Santiago? O corredor às escuras não me permitia distinguir com clareza. Com ambas as mãos apoiadas na porta, tive a sensação de frear um trem. Usei meu corpo contra a locomotiva da Revolução. Os inimigos do progresso, descarrilando contra nós.

Santiago se aproximou da porta. Me pediu, unindo as mãos, que o deixasse olhar. Se alguém podia reconhecer a fisionomia dos que vinham para lhe cortar o pescoço era ele, de modo que me pus de lado e esperei. A Marechala se apresentou à porta e fez entrar seus visitantes. Desligou o *reggaeton* e mandou suas feras descerem, junto com os outros dois acompanhantes daquele que parecia ser o chefe. Fui para o quarto principal. Depois de pouco tempo chegou Santiago. Abri espaço para que nós dois pudéssemos escutar o que diziam. A conversa foi direta e sem rodeios. Consegui entender, pelo que dizia o tal chefe, que eles sabiam dos negócios delas. E que não gostavam nada daquilo. O reinado da Marechala parecia ter limites, e aquele homem tinha ido até ali para deixá-los bem nítidos. A Revolução tinha estratos, castas e cotas que ela começava a ultrapassar.

— Vou ser bem claro — disse o visitante — : sabemos que seu irmão trabalha no Ministério do Poder Popular de Alimentação e Segurança Agrária. Sabemos também que você tira um salário extra com as bolsas de comida dos Comitês Locais de Abastecimento e Produção. Tá enchendo as burras revendendo elas, e o que é pior: sem dividir com ninguém. Isso não está certo.

Nem a Marechala respondia nem nós conseguíamos vê-la gesticular, se é que gesticulava.

— Está me escutando, meu amor? — o homem falava depressa. — Todo mundo sabe: você vende aos oligarcas a comida dos compatriotas. Sabemos que você guarda tudo aqui. Isso não pode ser. O Comandante queria gente disposta a defender seu legado, não a enriquecer. Aqui, o que é de um é de todos.

— Isso é meu. Eu peguei primeiro — respondeu por fim a Marechala.

— Não é seu, querida. Meta isso na sua cabeça. Não gostamos de gente que se aproveita da memória do Comandante. E você está sendo muito egoísta. Não vou repetir mais: ou nos dá todas as caixas de comida do comitê, e nós te deixamos em paz, ou começamos uma guerra.

Santiago e eu permanecemos grudados na parede, nos olhando. A Marechala perdera a valentia.

— Não estou fazendo nada de mau, todo mundo faz a mesma coisa. — Seu tom era mais frágil.

— Vai nos dar ou não as caixas? — gritou ele.

Ela não respondeu.

— Não vou repetir: se ficar sabendo que você continua se dando bem com isso, não vou nem te dar tempo de se esconder. Grave bem isso, não vai haver um segundo aviso!

Fez-se um silêncio ainda mais longo e compacto. Só foi rompido pelo som da porta que se abria e pela pancada que o visitante deu ao fechá-la. Poucos minutos depois as mulheres subiram. A Marechala as recebeu aos gritos.

— Recolham todos esses trastes, vamos embora amanhã mesmo! Você aí, pega todas as bolsas que tínhamos acertadas e vende! As que ainda falta repartir, despacha hoje mesmo!

— Restam muitas — respondeu uma delas.

— Então se vira. Não tem a lista que passei? Procure, para ver quantas são. A bagunça aconteceu esta noite, e antes disso temos que tirar toda essa merda daqui, escutou? Rápido, minha filha!

— Mas tem que entregar as dos comitês, as que não podemos vender — respondeu de novo a outra.

— Já sei disso, estúpida. Me dê aqui esse papel. — A Marechala começou a ler: — Ramona Pérez: para essa dê a bolsa de comida, que ela é ponta firme e boa revolucionária; a este, o tal Juan Garrido, também pode dar, que ele vai às marchas. Pro Domingo Marcano, não. Nem água praquele filho da puta...

— Mas se a ordem é entregar todas...

— Não tô nem aí, garota. Nem aí. As que não forem repartidas, vamos vender, escutou? E já tá demorando. Mexam-se, enquanto eu resolvo todo o resto!

— Ñora — disse outra das assistentes —, essa comida é da Revolução. Cê não pode desobedecer a decisão do Comandante.

— A voz do Comandante aqui sou eu.

Ninguém mais ousou falar.

Santiago e eu ouvimos as mulheres e seus chinelos arrastando volumes, uma agitação que durou meia hora. Quando foram embora, a Marechala começou a quebrar coisas. Uma a uma. O que estaria destruindo? O que ainda sobrava para virar pedacinhos, se ela já tinha quebrado tudo? Cada objeto que espatifava no chão era como um soco em minha secreta esperança de entrar e resgatar meus documentos e as coisas da minha mãe. Levei as mãos à boca para não gritar. Santiago tentou me pegar pelo braço e me levar para a sala, mas me safei grosseiramente. Dei um chute imaginário na cama que não cheguei a concluir, por medo de fazer barulho. Me tiraram tudo, até o direito de gritar.

Naquela tarde, quis ter ganchos nas mãos. Matar todos apenas com o movimento dos meus braços, como um moinho mortal. Apertei a mandíbula até arrebentar um dente, que cuspi em pedaços sobre o piso de granito. Amaldiçoei, com meus dentes quebrados, o país que me expulsou e ao qual eu ainda pertencia, sem fazer mais parte dele. Em mim havia crescido o ódio. Endurecia-se, como a merda em meu ventre.

Santiago voltou para o quarto com a garrafa de vinho. Deu um gole áspero e longo. Quando me estendeu a garrafa, repeti seu gesto. Bebemos em silêncio, irmanados por um novo vínculo.

— Ainda acha que sou um deles? Me diga, acha que sou capaz de tanto?

Tirei a garrafa de suas mãos e bebi o último gole.

— Estou esgotada e assustada, Santiago.

Ele assentiu com a cabeça.

— Eu também, Adelaida.

Estávamos com medo.

Muito mais do que podíamos suportar.

* Projetado nos anos 1950, o edifício Helicoide é um dos símbolos da arquitetura modernista venezuelana. Foi construído para ser um centro de compras *drive thru*, mas se transformou em uma prisão, dirigida pelo Serviço Bolivariano de Inteligência Nacional. (N.T.)

** Estudantes de instituições de ensino cristãs vinculadas à congregação fundada por São João Batista de La Salle. (N.T.)

Acordei com o som de disparos. Eram iguais aos da noite anterior, rajadas de tiros misturadas com detonações soltas. Precisei de dois minutos para saber onde eu estava. Estava sem sapatos. Estava agasalhada e encaixada entre almofadas. A porta do quarto permanecia fechada. Levantei-me e corri até a cômoda. Abri a última gaveta. Os documentos e o dinheiro continuavam intactos em meio à roupa de cama. Me olhei no espelho. Estava inchada, com o semblante intumescido. Transformada em sapo, avancei até a sala.

Santiago tinha arrumado e limpado tudo.

— Foram embora.

— Eu sei — respondi apertando os olhos.

— Vamos entrar. Sei como fazer isso sem arrombar a porta.

— Você acha que...? — Um raio de esperança insensata iluminou minha mente.

— Não, Adelaida; vão voltar. Não escutou o que aquele cara disse? Se você quer recuperar alguma coisa, este é o momento. Com a bagunça que devem ter deixado, duvido que alguém note que entramos. E se notarem, pode acreditar, a última pessoa em quem vão pensar é em você.

Seu raciocínio me pareceu lógico. Saímos para o corredor olhando para todos os lados. Santiago levava uma faca de cortar carne e um prendedor de roupa. Com o fio de metal, ele empurrou o miolo e com o gancho fez uma alavanca na fechadura. A porta se abriu sem esforço.

Havia um forte cheiro de merda e faltava a metade dos móveis. As caixas com a roupa e com os cadernos de anotações da minha mãe estavam remexidas e esparramadas por todo o apartamento. A Marechala tinha destruído tudo: meu computador, a mesa de jantar, o vaso sanitário, a pia do banheiro. Arrancou os soquetes de todas as lâmpadas e jogou sua merda onde quis. A casa na qual cresci tinha virado um poço infecto.

Peguei um saco de plástico preto e coloquei nele os últimos pratos de nossa louça que sobreviveram, além da foto de formatura da minha mãe e outras duas, com minhas tias, na pensão das Falcón. Santiago vigiava a porta.

Abri meu armário. Não restava nem uma camiseta. Procurei o pequeno fichário escondido debaixo da sapateira e dele tirei as escrituras da casa e os documentos legais: meu passaporte e a certidão de óbito da minha mãe. A

escrivaninha estava cheia de velas consumidas pela metade, e alguns santos decapitados ocupavam o lugar dos meus manuscritos desaparecidos. Voltei a inspirar o cheiro gorduroso de latrina. Reparei em uma pilha de caixas. Estavam fechadas e identificadas com o nome de quem devia ser beneficiado por elas: Willy (Frente de Batalha Negro Primero), Betzaida (Frente de Batalha Barrio Adentro), Yusnavy Aguilar (Coletivo Revolucionário La Piedrita)... Nomes inventados, artefatos extravagantes e vulgares, feitos com palavras anglo-saxãs e com as que seus donos tentavam confeccionar uma versão refinada de si mesmos. Aos infelizes não chegaria nem um grão de café, nem sequer um saco de arroz daquelas caixas de comida subsidiada. A Revolução que os redimia os roubava de todas as formas possíveis. Ao primeiro roubo essencial, o da dignidade, somava-se o da Marechala, que lhes arrebatava suas cestas de produtos para vendê-las no mercado negro e ganhar o dobro ou o triplo, às custas do suborno travestido de caridade. Fiquei aliviada em saber que eu não era a única que explodiam. Me alegrou saber que, nesse império de lixo e pilhagem, todos se roubavam uns aos outros.

A biblioteca estava deserta. Que diabos tinham feito com meus livros? Faltavam muitos. Aonde levaram *Os filhos do barro*, *A casa verde*, *Aires de familia*, *Pergunte ao pó*? Bastou-me ir ao banheiro para perceber que pedaços inteiros das minhas edições de Eugenio Montejo e Vicente Gerbasi tinham servido de tampão para colapsar o encanamento. Repeti a mim mesma, em silêncio, passando a língua por meu dente quebrado: “Agora não, Adelaida.”

De nada adiantaria chorar.

Voltei-me para o saco no qual tinha colocado minhas coisas e o revisei com os olhos. Minha mãe e eu fomos as últimas moradoras do mundo que couberam nessa casa. Agora tudo estava morto: minha mãe e meu lar. Também o país.

Saímos sem dizer nada e decidimos continuar assim até fechar a porta do apartamento de Aurora Peralta.

Santiago apareceu com uma caixa de ferramentas que ele achou debaixo da pia da cozinha. Com alguns parafusos e uma haste de metal pequena, reforçou a fechadura e acrescentou mais dois trincos.

— Isso não vai deter ninguém, mas mal não faz. Se essas mulheres não retornarem, você vai voltar para a sua casa, vai recuperá-la? — ele me perguntou enquanto apertava uma porca na madeira.

Fiquei em silêncio por uns segundos.

— Não penso em ficar aqui por muito tempo, não mais do que quinze dias.

— Vai aguentar mais duas semanas?

— Sim, vou aguentar — respondi, cortante.

Eu não sabia qual era exatamente a substância que queimava em mim: se o mau humor, o medo de não saber o que fazer ou a suspeita de que Santiago tentava se incorporar aos meus planos, fossem quais fossem. Talvez as três coisas juntas tivessem conseguido obscurecer meu ânimo. Enquanto isso, ele continuava acrescentando trancas à porta, apertando e afrouxando peças com uma chave de fenda.

— Isso pode servir para desencorajar invasores, mas não para manter você segura. Você tem que sair daqui.

Lá fora caía uma rajada de bombas de gás lacrimogêneo. O gás pimenta voltou a impregnar o ar. Até a isso eu estava me acostumando: já não me causava as náuseas dos dias anteriores. Os gritos na rua se repetiam com mais intensidade. Me aproximei por trás da cortina. Um grupo de garotos protegidos com escudos de madeira tentava avançar diante de um cordão da Guarda Nacional, que tinha reforçado o número de efetivos. Eram muitos mais. Disparavam suas bombas lacrimogêneas em cima dos manifestantes da resistência, a pouquíssimos metros de distância.

Santiago caminhou até onde eu estava.

— Amanhã vou embora. E acho que você deveria fazer o mesmo.

Seu tom resolutivo me pareceu estranho, áspero, inclusive.

— Esta noite vai ser pior que a de ontem — eu disse. — Vou para o quarto.

Percorri o corredor sentindo que deixava, em minha passagem, um rastro com meus destroços. Abri o saco preto com minhas coisas e as dispus sobre a cama. Peguei as escrituras da casa, que li com dificuldade. A luz natural já começava a se esvanecer, mas eu não queria acender nem uma única lâmpada, ao menos até ter certeza de que aquelas mulheres não voltariam. E mesmo depois. Quem podia me garantir que algo mais não aconteceria, que não chegariam novos mercenários? Quem podia me dar a certeza de que não iam me degolar numa esquina? De que não me sequestrariam? De que não entrariam ali outra vez? Nada voltaria a ser como antes. E eu não podia esperar para me livrar da próxima bala a sair do cano de um revólver.

Tinha que fazer algo com o curinga que a morte de Aurora Peralta tinha posto em meu caminho. Podia, por que não, me fazer passar por ela. Podia tentar.

Naquele quarto escuro, tomei a decisão. Não havia como voltar atrás.

Sentei-me no chão, fechei os olhos e comecei a contar os disparos. Um, dois, três, quatro. Às vezes escutava até cinco ou seis seguidos, como se alguém estivesse usando uma arma automática. As rajadas iam num crescendo. Os bombardeios de gás também. A repressão era muito pior que no dia anterior. Os motorizados dos Filhos da Pátria arremetiam contra os edifícios. Os vidros se estilhaçavam por onde passavam. O rugido do motor dos comboios era a música de fundo de uma guerra perpétua. Então ouvi um grande alvoroço às portas do nosso edifício.

Me aproximei da sacada, escondendo-me atrás das cortinas. Um grupo de seis ou sete equipes da Guarda Nacional golpeavam a portaria com suas escopetas.

— Abram! Abram a porra da porta! Sabemos que estão aí dentro e vamos entrar para arrancar vocês daí!

Virei-me e olhei para Santiago, que tinha se aproximado da porta do quarto, com a caixa de ferramentas na mão e a expressão desfeita. Me fez um sinal com o queixo. Corremos para a janela da cozinha, que dava para o estacionamento do edifício. Colados à vidraça, vimos passar dez guardas com o rosto coberto com máscaras. Os vizinhos gritavam do interior de suas casas. Algo estava acontecendo no térreo.

— Não tem ninguém aqui! — respondeu uma voz masculina.

— Não tem, rapaz, não tem ninguém aqui! — escutamos outros gritarem da janela dos primeiros andares do prédio.

— Abra a porta, seu puto, abra a porta agora, ou vamos arrebentar no chumbo! — respondeu um dos agentes do serviço de Inteligência, que pude reconhecer pelo uniforme de calças camufladas e casaco preto. — Você tá escondendo um bando de terroristas na sua casa!

Vimos como arrastavam pelos cabelos uma garota, que tentava resistir aos chutes.

— Meu nome é María Fernanda Pérez e estão me levando presa! Eu não fiz nada! Meu nome é María Fernanda Pérez e estão me levando presa! Sou inocente! Não fiz nada! Só estou protestando! Meu nome é María Fernanda Pérez e estão me levando presa! Estão me levando! Estão me levando!

— Cala a boca, sua puta! Terrorista! Verme! — disse o militar enquanto lhe acertava um pontapé no estômago.

Também tiraram quatro rapazes aos empurrões. Eram os manifestantes aos quais o vizinho do primeiro andar tinha dado refúgio, para que se escondessem da emboscada de bombas. Levaram-nos algemados. Cada vez que resistiam, caíam no chão e recebiam uma nova rodada de chutes.

— Larguem eles! — gritavam os vizinhos dos andares de cima.

— Estão protestando pacificamente!

— Mas são uns meninos! Soltem eles!

— Assassinos! Escrotos!

— Grava, grava, grava!

O último a sair foi Julián, o vizinho do primeiro andar, que caminhava algemado e arrastava os pés descalços. Faziam-no avançar a golpes de facas. Vestia bermuda e camiseta sem mangas.

— Você também é terrorista, garoto, você também. Vamos te meter na cadeia e de lá não vai sair tão cedo, escutou?

Fizeram com que todos subissem em um caminhão gaiola da Guarda Nacional. Santiago e eu não dissemos nada. Não gritamos nada. Parecíamos gárgulas.

— Amanhã mesmo vou embora, Adelaida. Amanhã mesmo — repetiu Santiago.

Vi o furgão se afastar ladeira abaixo. Segui-o com o olhar até desaparecer entre a nuvem de fumaça e chumbo. Quis dizer a Santiago que não havia pressa, que podia ficar mais uns dias se precisasse. Quando girei o corpo, ele já não estava lá. Voltei para o quarto principal para me esconder de tudo aquilo. Do que tinha visto nesse dia, e no anterior, e no anterior ao anterior. Sentia dor na cabeça e o corpo castigado pelo permanente estado de alerta de todos os dias, de todas as horas.

Deixei a porta do quarto aberta. Se a intenção de Santiago era me roubar, poderia ter feito isso no primeiro minuto. O passaporte e os documentos postos em ordem sobre a cama me pareceram inúteis. O mundo real acontecia na rua e se impunha com uma força absurda. O dia a dia agora se resumia a olhar, ficar em silêncio, enquanto outros eram levados para a cadeia ou para a morte. Nós continuávamos vivos. Rígidos feito estátuas, porém vivos.

Sentei-me no chão, abraçada aos joelhos. Me senti vigiada. Talvez estivesse ficando louca. Os olhos do Comandante, impressos em camisetas ou colados aos outdoors da cidade, olhavam diretamente para mim. Apoiei a testa sobre os joelhos e roguei a Deus que me tornasse invisível, que me concedesse um manto

sob o qual ninguém pudesse saber o que estava pensando ou sentindo.

Quando vi Santiago na porta, dei um salto de horror.

— Adelaida, calma. Sou eu.

Eu sabia disso, claro que sabia que era ele, mas o corpo não me obedecia. Um suor frio cobria toda a minha pele e o que tinha começado como um tremor se transformou em espasmos. Meu coração batia sem controle, meu peito doía e minha respiração ficou completamente descompassada. Comecei a gemer, como se estivesse me afogando. Quanto mais gemia, mais sentia medo. “Não podemos fazer barulho”, repetia uma, duas vezes.

Santiago me pegou pelos ombros e me levou para a cozinha, o único lugar da casa onde o cheiro dos gases lacrimogêneos não era tão forte.

— Use isso para respirar.

Me deu um saco de papel velho que cheirava a pão.

— Cubra a boca e o nariz. Respire, mais devagar. Respire.

A angústia começou a murchar. Na medida em que o terror se abrandava, aflorava uma nova sensação, de pudor e vergonha. Meu peito se aquietou e a dor deu lugar ao vazio. Santiago me olhava sem mover um músculo. O brilho das luzes do edifício contíguo iluminou seus olhos, que me pareceram de uma cor turva. Vi um rio em suas pupilas. Voltei a pôr o dedo indicador nos lábios. “Shhh. Shhh. Shhh.” Ele repetiu o gesto, como se fosse meu espelho. Avançamos para a sala: eu apoiada em seu ombro, ele, me conduzindo como se conduz um cego.

Sentada no sofá, com as costas retas e coladas ao encosto, senti que meus pulmões se abriam de repente e que o oxigênio voltava a percorrer meu sistema sanguíneo, me devolvendo a lucidez. Santiago passou as mãos por meus cabelos. Atravessou as mechas e pressionou com as pontas dos dedos a base do meu crânio. Foi fazendo redemoinhos, e com uma pressão levíssima, avançou para o pescoço e os ombros. Retirei o dedo indicador dos meus lábios. Nos olhamos por um longo tempo. Tocamos o rosto um do outro como se assim confirmássemos nossa existência. Nos tocávamos para comprovar que, naquele país moribundo, ninguém tinha nos matado ainda.

Quando acordei, era dia. Santiago já não estava. Tinha ido embora, como prometeu.

Nunca voltei a vê-lo.

O despachante era um homem prático. Ia direto ao ponto e não parecia muito interessado em saber para que eu queria aqueles documentos. A carteira de identidade e o passaporte emitidos em nome de Aurora Peralta me custariam, porém, seiscentos euros. Em outras circunstâncias, teria sido bem menos.

— A pressa tem um preço — disse ele.

Ofereci-lhe um café. Negou com a cabeça. Sem tirar os olhos do material que lhe entreguei, revisou as fotografias tamanho passaporte e a assinatura manuscrita de Aurora Peralta em um papel em branco, que eu tinha copiado diretamente de seus documentos.

— Tem certeza de que não quer beber nada?

O homem voltou a dizer não. De todo modo, não havia grande coisa para comprar nos balcões da cafeteria onde marcamos o encontro, uma casa de chocolates onde não tinha chocolate, leite, pão nem bolos. Apenas geladeiras vazias, moscas e refrigerantes empilhados em um refrigerador com o emblema dos sorvetes Coppelia, uma marca comunista que os Filhos da Pátria tinham importado de Cuba e que em pouco tempo deixou de circular. Eu, para disfarçar, pedi uma garrafa de água mineral. O despachante pegou uma pequena caderneta e anotou alguma coisa nela. Em seguida a fechou e a deixou à vista.

— Vá ao banheiro e meta duzentos euros aqui dentro — disse em voz bem baixa, enquanto apontava para a caderneta com os lábios. — Me devolva quando nos despedirmos, na rua.

Subi em direção aos lavabos. Escolhi a cabine mais próxima da saída. Enquanto fazia xixi, pus quatro notas de cinquenta euros dobradas pela metade no caderninho de folhas quadriculadas. Coloquei-o no bolso, lavei as mãos e saí com passo firme. O despachante me esperava na rua. Entreguei-lhe o caderno. Separamo-nos no meio da Plaza de la Revolución, que àquela hora estava cheia de transeuntes.

Fiquei parada no meio da praça na qual minha mãe me levava aos domingos. Vi a catedral pobre e sem pórtico, que dissimulava sua insignificância com uma falsa parede de estuque, arrematada com um campanário. Tudo o que rodeava aquele lugar tinha desaparecido ou mudado de nome. As poucas árvores centenárias ainda de pé pareciam mais longevas e resistentes que o país. Um grupo de militares vestidos como o exército patriota na batalha de Carobobo

rendia homenagens à estátua de Simón Bolívar. Os trajes eram feitos de tecido grosseiro; mais que uniformes, pareciam disfarces. Avancei entre pregadores e evangélicos. Subi pela Esquina Caliente, onde costumava se reunir um grupo de homens e mulheres vestidos com camisetas vermelhas, e cuja tarefa era discursar em megafones as façanhas do Comandante Eterno. Todos carregavam a nova versão da bandeira nacional, à qual o regime tinha acrescentado uma oitava estrela. Sua própria invenção de uma província recuperada. Junto à multidão de partidários, dois enormes retratos de Bolívar, o Libertador — como o chamávamos, talvez por causa do surto caudilhista —, compunham uma cena militarista e funerária. Eram cartazes novos, quase recém-tirados da gráfica. Formavam parte de uma nova versão que a Revolução distribuiu e fez pendurar em todos os escritórios públicos, para substituir o perfil do prócer da Independência com o qual todos nós crescemos.

A nova fisionomia tinha introduzido algumas mudanças nos traços originais até então documentados. Bolívar agora parecia mais moreno e com características que ninguém teria atribuído a um branco *criollo* do século XIX. A exumação e análise genética dos restos mortais do herói pátrio, que a Revolução mandou tirar do Panteão Nacional em uma cerimônia mais necrófila que política, parecia ter acrescentado uma nova cepa mulata ao DNA do Pai da Pátria, agora mais parecido a Negro Primero* que ao filho de espanhóis que pegou em armas contra Fernando VII. A cirurgia plástica que os Filhos da Pátria fizeram sobre o passado trazia algo de arremedo. Caminhei até a avenida Urdaneta com a certeza de que estava a ponto de deixar para trás tudo aquilo. Uma mistura de desprezo e medo me separava daquele país. Como o Thomas Bernhard de *O porão* e de *Tala*, comecei a odiar o lugar onde nasci. Eu não vivia em Viena, e sim no centro da balbúrdia.

“Ay, garabí!”

* Pedro Camejo (1790-1821), conhecido como Pedro Primero, foi um militar negro que aderiu aos rebeldes e lutou a favor da independência da Venezuela. É um herói nacional. (N.T.)

O processo para me transformar em Aurora Peralta já tinha começado, e eu até poderia dizer que havia cruzado com sucesso a primeira linha da minha impostura. Fui ao consulado espanhol vestida com suas roupas, que eram três números maiores que as minhas. As minhas tinham ficado nos armários da minha antiga casa. Não tinha nada com que me cobrir, exceto aqueles vestidos e calças tamanho 42. Precisei de dias para me acostumar a esse aspecto cinzento de matrona antes da hora. Ficava horas inteiras diante do espelho, para estudar o pequeno cataclismo da minha aparência, uma rotina de autossugestão em que não notei nenhum progresso concreto, e sim uma demolição absoluta.

Quando me detive diante da pequena câmera digital do consulado para a foto do passaporte biométrico, com aquele vestido largo e preto de Aurora Peralta, não sabia se devia sorrir ou manter o semblante fechado dos que se deixam flagrar. No fim me saiu uma expressão infeliz e ilusória, impressa naquele documento que segurei nas mãos.

Às portas do escritório consular, abri o caderninho cunhado com as palavras União Europeia-Espanha em letras douradas. Ao meu rosto relacionavam-se uma idade e um território que não me pertenciam, uma história com desgraças e alegrias alheias, e, por esse motivo, insuspeitadas. Eu nada sabia da vida de Aurora Peralta, e tinha que mergulhar nela de repente. Diante da longa fila de filhos e netos de espanhóis que esperavam sua vez para pegar o documento que os tiraria do país, estreei na felicidade dos desesperados. Nem eu era aquela mulher nem chegaria a sê-lo nunca por completo. Entre a cruz e a espada, sempre se pode escolher a espada. Aquele passaporte era minha arma branca, uma espada ilícita.

Não era hora de se arrepender, pensei. As coisas foram como tinham que ser. Minha obrigação era sobreviver.

Depois que Santiago foi embora, tudo piorou. A Marechala e suas escudeiras voltaram, desta vez com reforços: uma tropa de outra dezena de mulheres enfiadas em malhas coloridas. O aspecto delas evocava uma corpulência inacreditável, em um lugar em que todos morriam de fome. Cinco delas ocuparam os imóveis vazios do térreo, que passaram a formar parte da estratégia de colonização. Em um deles, instalaram a sede da Frente de Batalha de Mulheres Libertadoras, conforme indicava o improvisado cartaz que colaram na parede. A outra metade do grupo continuou sob as ordens da Marechala. Passavam o dia todo indo de um lugar para o outro na minha antiga casa, agora transformada em um armazém de caixas de comida.

Aquela mulher deve ter ganhado a queda de braço com o valentão que tentou arruinar seu negócio, agora próspero, no mercado negro de alimentos regulados. As coisas iam bem para ela. Naquele apartamento entrava e saía gente a toda hora. Arrastavam sacos e pacotes de comida, também enormes caixas de papel higiênico. Se um produto começava a faltar, elas o tinham ali. Era de se esperar que cobrassem por ele o dobro ou o triplo de seu valor nos mercados populares que a Revolução criou para maquiagem a escassez, com prateleiras vazias pela metade. Elas ocupavam o ponto médio da cadeia, eram as depositárias do contrabando.

A Marechala tinha escolhido nosso prédio porque ficava perto das áreas dos mercados revolucionários e, ao mesmo tempo, podia competir com outros comércios do bairro aos quais não chegava quase nada e cujos proprietários foram acusados de monopólio pelos Filhos da Pátria. Assim a Marechala criou sua rede de clientes cativos: no deserto da classe média esfomeada que não recebia as dádivas da Revolução. Fez isso por meio das leis da especulação que os hierarcas atribuíam ao capitalismo e com as que ela e outros enchiam os bolsos.

Eram raras as vezes que dormiam em meu antigo apartamento. Usavam-no para organizar seu estoque de mercadorias. Suas ausências noturnas me concediam o mínimo de paz. Eu fazia tudo a partir das dez da noite: tomar banho, preparar algo rápido na cozinha, mover coisas de lugar, andar de maneira um pouco mais natural; mas nunca acendia a luz. Os vizinhos tentaram lutar contra aquelas mulheres. Gloria, a da cobertura, foi a primeira a organizar as ações mais urgentes. Foi de porta em porta convocando os moradores para

planejar uma estratégia comum de defesa. Tocou a campainha de Aurora Peralta por duas vezes. Às escuras, como em uma sepultura, eu permanecia imóvel. Um dia a escutei perguntar a alguns vizinhos pelo paradeiro de Aurora, inclusive pelo meu. Ninguém conseguiu dar uma resposta. Não a tinham, nem queriam sabê-la.

Encerrada entre aquelas paredes, me dediquei a estudar e a desentranhar a biografia da mulher na qual eu devia me transformar. A primeira coisa que fiz, depois de repassar a correspondência e os álbuns de fotografia de sua mãe, foi carregar seu celular, do qual saltaram três mensagens de voz. Todas eram de María José, que também tinha escrito insistentemente e-mails a Aurora. Apressei-me em responder, explicando-lhe os motivos do silêncio: os distúrbios, os cortes de luz e a sabotagem do serviço de internet.

Escrevi usando a primeira pessoa de Aurora Peralta e imitando seu estilo. A resposta foi imediata. “Quando você vem?” “Assim que tiver o passaporte pronto”, digitei. Isso era o suficiente, pelo menos a julgar pela prosa secretarial e sucinta da própria Aurora.

Seu computador era velho e completava automaticamente os dados de navegação, incluindo as senhas pessoais. Acessei todas as informações sem contratemplos. Concentrei-me nas contas bancárias e nas mensagens de e-mail. Primeiro me assegurei de que a assinatura eletrônica da conta em euros fosse a correta. Eram quatro as cifras que o banco tinha enviado a Aurora em um envelope que ela guardava junto com o restante da informação: senhas de correspondências, endereços eletrônicos, números de telefone e endereços físicos. Os quatro dígitos ainda funcionavam. Uma vez com seu celular ativo e com a chave de segurança que o banco enviara por mensagem, consegui fazer algumas pequenas transferências de dinheiro para o cartão de crédito emitido em seu nome, embora vinculado à conta da qual sua mãe, Julia, era a titular. Eu não queria deixar nenhum fio solto. Tentava me assegurar de que tudo caminhasse bem.

A segunda parte foi a mais complicada: reconstruir a relação de Aurora Peralta com sua família espanhola. Todas as mensagens de sua caixa de entrada eram de María José Rodríguez Peralta, sua prima.

Foi difícil, para mim, construir uma imagem do conjunto, talvez porque, entre pessoas que se conhecem, tudo está claro. María José era a filha da Paquita, aquela mulher que encontrei nas fotos dos anos 1970 e que comecei a estudar detidamente a partir desse momento. Nos dias de hoje, Francisca Peralta teria

oitenta e um anos, e, de acordo com o que escreveu a própria filha à Aurora, era a principal incentivadora de sua saída do país. Uma forma de amortizar a longa história de contas pendentes com sua cunhada Julia.

Mergulhei nas cartas que Julia escreveu à Paquita. Havia sido ela quem a tinha incentivado a cruzar o oceano depois da morte de Fabián. Escreveram uma à outra toda semana durante os primeiros oito anos. A correspondência começou a se espaçar, sem jamais haver descuido no aporte mensal de quinhentos bolívares, umas seis mil e oitocentas pesetas, que Julia enviava para sua família estendida. Paquita se interessava pelos progressos da pequena Aurora e insistia para que as visitassem em algum verão. “Sei que você está trabalhando muito, mas poderia mandar a Aurora. Sentimos falta de vocês e seria bom que María José e a prima tivessem um tempo juntas. Afinal de contas, a diferença de idade entre elas é pequena.”

Até onde pude entender, as Peralta viajaram para a Espanha só uma vez depois de sua partida. Foi em 1983, ainda com a memória fresca da origem. A progressiva adaptação de Julia Peralta gerou uma transformação: do cargo de cozinheira, que conseguiu assim que chegou, ao restaurante próprio, uma pequena tasca. A Casa Peralta era um lugar estranho, como todos os estabelecimentos de imigrantes em seus princípios. Às vezes funcionava como um restaurante e, outras, como uma cafeteria ou um bar. Lembro-me de que, com cada taça de vinho, e mesmo com os refrigerantes, Julia mandava à mesa um pequeno canapé. As porções eram abundantes: polvo, ovos estrelados, arroz caldoso e *paellas* que preenchiam os estômagos e a melancolia dos que frequentavam o lugar quase todos os dias. Com o passar do tempo, Julia Peralta incorporou pratos venezuelanos ao menu: empanadas fritas de milho recheadas de carne e queijo, ou as arepas, que começou a oferecer quando contratou uma ajudante de cozinha. As mudanças no cardápio atraíram os funcionários públicos dos ministérios próximos, que iam tomar café da manhã e almoçar lá nos dias de semana.

Julia, a espanhola, como as pessoas a chamavam, se transformou em *doña* Julia. A Casa Peralta era a melhor. A fama de seu tempero lhe permitiu ampliar o negócio. Começou com cardápios para celebrações de primeira comunhão e acabou cozinhando o arroz à marinheira e a *paella* que os social-democratas serviam em suas romarias eleitorais. Poderia se dizer que Julia Peralta alimentou duas gerações de líderes políticos da democracia. Eles ganharam várias eleições consecutivas em quase vinte anos de governo, e foi nesse período que a espanhola

conquistou seu lugar na cidade.

Ela chegou a ser relativamente célebre. No salão do seu restaurante, mandou pendurar, emoldurada com vidro, uma reportagem que fizeram sobre ela e na qual aparecia sorridente em sua cozinha. “Assim é a espanhola que cozinha para os *adecos*”, como chamavam os políticos de centro-esquerda, os primeiros em promulgar o voto universal, a educação básica gratuita e a nacionalização do petróleo. Até a social-democracia ser enterrada pelas tentativas de golpe de Estado, fatos que deram origem à carreira política do Comandante e de seu movimento Filhos da Pátria, Julia fora a mulher que cozinhou para as festas da democracia, enquanto ela existiu.

Minha mãe gostava de almoçar na Casa Peralta aos domingos, lhe parecia um lugar decente — um adjetivo que Adelaida Falcón usava como garantia de relativo bom gosto e decoro. Convidávamos dom Antonio, que sempre comia sozinho, a se sentar conosco. Era canário, de Las Palmas, o mais novo de sete irmãos e o fundador da primeira distribuidora de livros na cidade. Eu gostava de escutá-lo conversar com minha mãe. Chegou ao país no fim dos anos cinquenta. Contou-nos que teve que pedalar muito pelo bulevar de Sabana Grande, vendendo figurinhas de beisebol e fascículos de divulgação científica aos donos de bancas de jornal da região. Em seguida comprou uma caminhonete e passou a percorrer as rodovias para vender as novidades em outras cidades da cordilheira central. Até que fundou sua livraria. Chamava-se Canaima, como o romance de Gallegos.

Aurora andava pelo salão anotando os pedidos das bebidas e deixando em cada mesa uma cesta de pães para os comensais. Também servia os primeiros pratos, enquanto sua mãe entrava e saía da cozinha segurando uma caçarola fumegante de mariscos à marinheira. Era uma menina feia, que lustrava copos e desenformava tortas do outro lado do balcão, com uma expressão insatisfeita.

Apesar de ter se tornado adolescente no país, não conseguira absorver a informalidade e a bagunça que a rodeavam, alheia a toda graça e alegria, como se tivesse permanecido imune, espetada pelo arame de espinhos da própria insignificância. Sua biografia estava cheia de lacunas e episódios não concluídos.

Transformar-me nela era, de antemão, uma batalha perdida. De agora em diante, eu não teria mais trinta e oito anos, e sim quarenta e sete, e minha vida devia se parecer à de uma cozinheira que fez secretariado e que cursara uma escola técnica de Turismo — a julgar por suas qualificações, bastante medíocres —, e não a de uma filóloga especializada em edição literária. Aquilo supôs uma

espécie de rebaixamento.

Que cara eu faria ao me apresentar diante das mulheres daquela família? María José continuava insistindo para que eu adiantasse minha partida. E combinou, sem possibilidade alguma de negociação, que eu ficaria em sua casa, enquanto não me instalasse e fosse me inteirando de como as coisas funcionavam em Madri. Paquita, sua mãe, estava emocionada. Queria me ver. “Já se passaram tantos anos, Aurora...”, escrevera a prima. Para me encorajar, pensei que os muitos anos sem Aurora viajar para a Espanha me ajudariam a despistá-las com respeito à minha fisionomia. Seria até mesmo compreensível que eu não me lembrasse de nomes e lugares. Mas me sentia angustiada com a possibilidade de elas terem visto alguma foto da verdadeira Aurora, e me preocupava ainda mais com as recordações aprendidas em tão pouco tempo e memorizadas à força. Tudo aquilo terminaria por formar uma sopa. A possibilidade de falhar era altíssima.

Ao problema de ser mais de uma pessoa somava-se outra dificuldade: como construir o relato do meu próprio desaparecimento. Não paravam de chegar e-mails da editora para a qual eu trabalhava. No início só queriam saber como eu estava e se eu achava que teria forças para assumir um novo trabalho. Jogava a meu favor o fato de que editar e vender livros era uma tarefa cada vez mais extravagante e esfacelada naquele país. Mas a trégua durou pouco. A editora regional me escreveu. Estava aflita com o meu silêncio. Perguntou-me se podia considerá-lo como uma recusa. Assumi que minha extinção tinha que ser abrupta e sem muitas explicações. Redigi um e-mail sucinto, no qual comunicava minha decisão de ir embora do país por um tempo. Pareceu-me que as circunstâncias nacionais e pessoais de Adelaida Falcón eram mais que convincentes.

“Preciso me recuperar da morte da minha mãe. De todas as mortes que aconteceram”, digitei.

Finalmente, em um novo encontro em outra cafeteria em ruínas, o despachante me entregou a documentação venezuelana falsa de que eu precisava para sair do país como Aurora Peralta. À tarde, comprei pela internet uma passagem de avião para Madri. Eu poderia ter ido embora naquela mesma semana, não fosse pela redução drástica dos voos internacionais, fruto dos protestos que assolavam o país. Paguei com o cartão de crédito de Aurora Peralta. Era uma soma relativamente alta. Ao ver que a compra foi efetuada sem problemas, respirei aliviada. Com dinheiro, tudo era simples e rápido. Possuí-lo

tornava seu dono um alvo para os que o desejavam, mas muito pior era não tê-lo. E era assim que vivia a maioria. Em uma perpétua bancarrota.

Roubaram o vaso de flores e oito letras do epitáfio. Da sepultura de Adelaida Falcón, arrancaram por inteiro a palavra “Descanse”. Sobrou o “em paz”, feito uma dívida que não seria paga por ninguém. Também faltavam o sobrenome e a consoante da cidadezinha onde ela nasceu e na qual eu cresci por temporadas. As letras tinham sido arrancadas uma a uma, até restarem as silenciadas, gaguejantes, como o F de Falcón na entrada da pensão das minhas tias. De tanto perder, perdemos inclusive o nome. Elas, nós: as Falcón, as rainhas de um mundo em estado de morte.

Tive que pegar o jarro vazio de outra lápide para que os cravos brancos não secassem no solário da minha própria vergonha. Havia se passado um mês desde sua morte. E embora eu já não fosse a mesma, diante dela eu quis ser. Quis dizer o quanto eu a tinha amado. Como minha mãe, eu também estava morta. Ela, sob a terra. Eu, na superfície. Por isso fui até lá naquele dia. Para fundir nossos mundos falando-lhe ao vento.

Não sei por quanto tempo permaneci na frente de sua sepultura, só sei que aquela foi nossa conversa mais longa. Ainda que já não restassem palavras, ainda que dividíssemos apenas aquele pedaço de gramado, era o mais próximo que podíamos estar uma da outra nesta parte do mundo. A morte passa rápido quando o mundo se empenha em girar. E o nosso, mamãe, não girou sobre si mesmo até nos encontrarmos, como a terra no poema de Montejó. Não, mamãe. O nosso rodopiou e caiu sobre os demais. Espremeu os vivos e os mortos até uni-los no mesmo gesto. Da casa, da nossa casa, não sobrou nada; ou ao menos eu não pude defendê-la, mamãe. Você sabe, também, que outras coisas mudaram. Que já não tenho o mesmo nome que o seu e que logo vou embora daqui. Não espero que compreenda, só quero que me escute. Consegue me ouvir? Está aqui, mamãe? Eu vim para te dizer coisas que dei por óbvias, mas não eram. Não são. Vim para te dizer que nunca me importei com o fato de meu pai ser um defunto. Seu nome era suficiente para mim. Era a única casa firme que podia me proteger. Me chamar como você, Adelaida Falcón, era uma forma de me proteger. Me proteger da vulgaridade, da ignorância e da estupidez.

Quando eu era pequena, sentia um orgulho secreto por sua decisão de não viver na sua cidadezinha (linda e salgada, mas, afinal, um lugar pequeno, asfixiante). Que tenha preferido outras coisas em vez do bingo na hora da praga

de mosquitos e dos *guarapos* de rum e canela que entorpeciam a alma dos que viviam em Ocumare de la Costa. Eu gostava de que você não se parecesse com as suas irmãs. Que fosse discreta e desconfiada. Que desprezasse a superstição e a falta de educação. Que lesse e ensinasse outros a ler. Você parecia, mamãe, com o país que eu dava por garantido. O país dos museus e dos teatros, aos quais você me levava. Dos que cuidavam da boa presença e dos bons modos. Você não gostava das pessoas que comiam ou bebiam exageradamente. Tampouco das que levantavam a voz ou choravam aos gritos. Você odiava o excesso. Mas as coisas mudaram. Agora tudo transborda: a sujeira, o medo, a pólvora, a morte e a fome.

Durante a sua agonia, o país enlouqueceu. Para viver, tivemos que fazer coisas que jamais imaginamos que seríamos capazes de fazer: roubar ou calar, voar no pescoço de alguém ou fingir olhar para o outro lado.

Me tranquiliza saber que você não está aqui para ver tudo isso. E se agora tenho outro nome, não é porque tenha querido abandonar o país que o seu nome e o meu formavam. Se estou fazendo isso, mamãe, é porque o medo me venceu. E eu, você sabe, nunca fui tão corajosa como você. Nunca. Por isso, nesta nova guerra, sua filha ocupa dois bandos ao mesmo tempo: sou dos que caçam e dos que calam. Dos que protegem o que é seu e dos que roubam em silêncio o que é de outros. Habito a pior das fronteiras, porque ninguém reclama as baixas dos que vivem, como eu, na ilha dos covardes. E eu, mamãe, não sou corajosa. Pelo menos não da forma discreta que você me ensinou. Você me legou coragem. Não fui corajosa. Como Borges no poema, mamãe.

Eu conhecia mulheres que varriam pátios para assim ordenar sua solidão. Você também. Uma raça extinta. As tias Clara e Amelia, e aquelas que as precederam e vinham nos visitar em sonhos. As mulheres de papel que apareciam penduradas em cabides de metal nos armários dos meus pesadelos. As velhas severas da igreja de Ocumare, todas cobertas por aquele véu de novena e penitência. As que fumavam com a chama “pa’ dentro” e perdiam os dentes de tanto parir. Ou as que apareciam nas agonias dos moribundos, afugentando a morte enquanto diziam: “Pa’ tras, pa’ tras”. Elas povoavam um planeta que se amplifica na minha memória. A tia Amelia, lembra?, se levantava bem cedinho para varrer. Eu a vi limpar e esfregar o chão de cimento daquele pátio cheio de arbustos e árvores retorcidas: tamarindo, maracujá, manga, *mamey*, caju, mamão, ameixa de ossinhos, graviola. As frutas que caíam dessas árvores eram ao mesmo tempo doces e ácidas, deixavam na boca um gosto de coisa podre, a concentração

de açúcar que enlouquecia o coração e a língua. Tia Amelia morava e mandava em seu jardim, o lugar onde se plantam e se arrancam raízes, onde a vida e a morte ganhavam a mesma distância. Lembro-me dela, um soldado de camisola que saía para matar suas recordações com um ancinho.

Nossa vida, mamãe, foi cheia de mulheres que varriam para ordenar sua solidão. Mulheres de preto que prensavam folhas de tabaco e separavam com uma pá os frutos caídos que se espatifavam no chão de madrugada. Eu, ao contrário, desconheço como sacudir a poeira. Careço de jardins e de mangas. Das árvores da minha rua, caem apenas garrafas quebradas. Não tivemos jardins, mamãe, e não julgo você por isso. Na madrugada, e às vezes em meio à escuridão, penteio com uma vassoura minha própria terra, até fazê-la sangrar. Recolho minhas recordações e com elas faço um monte, como fazíamos em Ocumare de la Costa com as folhas, para queimá-las no fim da tarde. Aquele cheiro de incêndio exerceu sobre mim uma fascinação secreta que vi se romper alguns dias atrás. O fogo purifica apenas quem não possui mais nada. Há tristeza e orfandade nas coisas que ardem.

Desde aquela noite em que você me falou da vovó e das oito mulheres, as oito irmãs dela, que apareceram aos pés da cama da vovó, enquanto ela agonizava, penso em nós duas. Em quem fomos, juntas. Você sabe, as mulheres da família. Nossa árvore de poucos galhos e frutas que nunca chegavam a ser muito doces. Sabe, mamãe, eu não me comportei bem com nossas mulheres. Não telefonei para a Clara e para a Amelia desde que lhes avisei da sua morte. Vou telefonar, mamãe, pode acreditar. É que no momento quero poupar palavras. Porque olhar para trás faz com que eu me afunde na terra da qual quero sair. As árvores às vezes mudam de lugar. Os nossos aqui não resistem mais, e eu, mãe, não quero queimar como queimam os troncos das árvores doentes quando são lançados à fogueira. Não sei se voltarei a ver Clara e Amelia. E não me preocupo com isso. Afinal elas têm uma à outra, como nós duas. Mas isso, você sabe, adianta pouco agora. E eu vim lhe dizer outras coisas.

Nunca lhe contei como foi que aconteceu... Na tarde em que me perdi, lembra? Não fiquei desorientada nem me distraí; você já sabia disso, sem dúvida. Saí da pensão das Falcón para cumprir uma tarefa que você mesma me deu: comprar um quilo de tomates para preparar o almoço.

— Sabe quanto é um quilo, mais ou menos? Sabe, Adelaida?

Levantei os ombros.

— É assim.

Você me mostrou com as mãos, segurando a escala imaginária que ocupariam os tomates no mundo real.

— Entendeu?

— Sim, mamãe — respondi olhando as copas das mangueiras.

— Preste atenção, Adelaida. Olhe bem: é para não entregarem menos. Então, lembre-se. — Você voltou a indicar com as mãos. — Precisa pedir o troco. E não demore, que não gosto de você andando sozinha por aí.

Fui caminhando até o mercado da praça. Pedi o que você tinha me encomendado. Deram-me um saco de tomates pequenos e feios. Paguei com a nota e guardei as moedas no bolso. Dei uma olhada, sem muito interesse, nas outras bancas, como a de empanadas recheadas de cação, no fim de tudo, na qual atendia uma mulher que amassava quilos de farinha. Aquelas barracas em que homenzarrões gordos vindos do porto compravam duas empanadas de cada vez. Davam-lhes dentadas ansiosas e as banhavam com um molho verde picante, que escorria por suas barbas. Também passei em frente à banca dos jarros de vidro cheios de marisco e bandejas de sardinhas, pargos e carites, aqueles peixes estendidos nas balanças pendidas em agulhas malucas, boquiabertos, com seus dentes pequenos e suas barrigas atravessadas por uma cicatriz. Cheiravam a tripa, sal e escama quente.

Alcancei também a banca de sorvetes, na qual vendiam copinhos de gelo raspado e tingido por açúcar colorido, que o vendedor arrematava com leite condensado no topo cristalizado. Fui percorrendo banca por banca, com meu saco de tomates na mão.

Fazia calor, aquele calor pegajoso das cidades à beira-mar. Eu tinha que voltar para casa. Era uma ordem, e eu raramente desobedecia a uma. Suas instruções eram uma transferência de poder dentro da administração doméstica. Concediam-me responsabilidade. Tiravam-me, por instantes, do estado perpétuo de infância. Era como usar salto alto, só que melhor. Naquela tarde, escolhi renunciar à soberania da república das Falcón. Diria que havia pessoas demais no mercado e que tive que esperar, ou que um atraso nos caminhões que traziam as mercadorias do porto fez com que a vendedora demorasse em repor os tomates.

A ideia era não chegar. Nesse dia era dia de preparar torta de jabuti, de modo que na cozinha das Falcón seria um vaivém de matronas e açougueiro. Eu preferia evitar o choque de ver minhas tias Clara e Amelia, em seus vestidos de cretone e com suas facas, prontas para jogar em uma panela de água fervente Pancho, o jabuti que eu alimentava com folhinhas de alface e que terminaria

cozido que nem lagosta, e depois seria cortado e refogado com pimenta-murupi, tomate e cebola. Me dava água na boca só de pensar que comeríamos torta, mas não queria pagar o preço de ouvir Pancho morrendo. Todos os jabutis de que me lembro emitiam um grito que parecia humano e me atingia bem na barriga, culpada de ter lambido os dedos com o resultado do seu sofrimento. Eu adorava o sabor adocicado e picante daquela carne suave, mas queria desfrutá-la sem ter de atravessar a paixão e o calvário do bicho. Saborear a presa sem a recordação de sua morte. Comer sem a culpa de tê-lo matado. O mesmo acontece agora, mamãe. Sento-me à mesa tentando esquecer quem e com que faca foi arrancada do boi a fatia de carne do meu bem-estar. Por isso lhe falava sobre os bandos, do que rouba e do que faz vista grossa. Do que mata sem matar.

Naquele dia, subi a pé a ladeira dos perdidos, lembra? Assim era chamada aquela avenida à qual você disse mil vezes para eu não ir sozinha. “Nada bom acontece por ali”, você repetia. Em Ocumare todos falavam dessa rua. Afinal, havia nela uma casa abandonada. A casa do arquiteto. Você e minhas tias inclusive chegaram a mencioná-la. Tia Amelia cochichava horrorizada, fazendo o sinal da Cruz, terminando com um beijinho no polegar. Você as repreendia. Aquilo era coisa de gente inculta. “Invencionices!”, você encerrava o assunto baixando a voz.

Cheguei ao casarão sem muito esforço. Estava lá no fim, quase à beira do rio. A cerca principal, vermelha, não estava bem fechada, tinha um cadeado quebrado. Entrei, atraída por uns ramos de algodão que adornavam o jardim da frente. Nunca tinha visto algo assim antes. Eram vultos brancos, esponjosos. Dava vontade de arrancá-los e comê-los com avidez.

Na linguagem das minhas tias, aquilo de “a casa do arquiteto” soava como bruxo perverso, gente ruim. Por isso fiquei surpresa ao encontrar um lugar em ruínas, porém belo, moderno, racional e generoso com aquele povoado minúsculo e salobro. Parecia uma concessão da Bauhaus para dotar de ordem e progresso aquele matagal. Me parecia inexplicável que atribuíssem comentários tão ruins a uma das poucas construções bonitas daquele lixão. Aquela casa não era, de maneira nenhuma, o lugar feio e escuro que eu tinha inventado na minha cabeça. Sua beleza redimia tudo o que a rodeava: as casas de zinco e blocos pré-fabricados nas quais os pescadores salgavam e penduravam os cações, as lojas de bebidas com cortinas de canutilhos, nas quais entravam e saíam homens que bebiam licor de anis em cantis, nas calçadas ao redor da praça. Aquela casa não pertencia àquela cidadezinha e, posso dizer, nem àquele mundo.

Entrei sem medo, magnetizada pelos módulos brancos e pelas vidraças de cores vivas. No entanto, seu interior estava arrasado. As trepadeiras e o mato tinham engolido quase toda a escadaria de vidro e metal branco. A marca terrosa nas paredes acusava inundações e as maçanetas das portas tinham sido arrancadas. O caos denunciava a passagem de ladrões por ali e as quinas das galerias estavam cheias de vespeiros. Sobravam poucos móveis, e o piso estava repleto de papéis revirados: anotações sobre a teoria da cor aditiva, instruções para se fixar uma esfera no ar, também rascunhos e desenhos de estruturas metálicas.

Fui até a biblioteca, encaixada na parede branca. A primeira prateleira estava coalhada de volumes em francês. Essa foi a primeira vez que vi uma edição da Gallimard, achei-a sóbria e elegante, com aquela caixa dupla formada por linhas retas na capa cor marfim. Encontrei vários manuais de arte depenados e com as folhas arrancadas. Até aquele dia, jamais tinha lido aqueles nomes. Alguns ficaram marcados na minha memória por soarem de um jeito estranho: Josef Albers, Jean Arp, Calder, Duchamp, Jacobsen, Tinguely... Havia uma gravura para cada artista, acompanhada de um longo texto. As obras reproduzidas nesses livros me pareciam familiares.

As ruas e os vagões do metrô, até mesmo as faixas de pedestre da cidade, tinham um estilo parecido. Demorei anos para compreender que algo do brilho que resplandecia naquela casa perdida em uma cidadezinha à beira-mar tinha se espalhado por todo o país: era a promessa de que algum dia seríamos modernos. Uma declaração de intenções. Mas também as intenções ficaram em ruínas, como os murais de metal arrasados e saqueados de sua beleza original pelos sucateiros. A ossada desengonçada daquelas esculturas se erguia por toda a cidade. Eu queria me mudar e viver na casa do arquiteto. E até fantasiei com a ideia de limpá-la e ajeitá-la, para nela passar as horas mortas que a pensão das Falcón me dava aos montes.

Umas mamangabas enormes sobrevoavam o salão principal. Perto da escada encontrei outros objetos que nada tinham que ver com o espírito do lugar: missais rasgados, santos decapitados, livretos do Novo Testamento desfolhados. Também garrafas vazias de cachaça, conchas do mar, penas de galinha e panos sujos. Subi os degraus sentindo medo e fascinação. Eles rangiam, carcomidos pelo salitre de Ocumare de la Costa. Do alto era possível ver os ramos de algodão, que àquela hora da tarde cintilavam, banhados pelo sol. Escutava-se, com nitidez, o som do rio, onde algumas mulheres lavavam roupa.

O saco de tomates escorregou das minhas mãos e caiu em cima de uma caixa de papelão vazia, que retumbou como se em vez de hortaliças tivesse recebido pedras.

— Quem está aí?

Era a voz de um homem. Desci as escadas a toda velocidade e escorreguei. Ganhei um esfolado que ardia, mas o pânico era maior que a queimação da ferida. Saí correndo, sem olhar para trás, e não parei até chegar na Plaza del Mercado. Só então reparei que estava com a calça rasgada e manchada de sangue.

Voltei para a pensão uma hora depois. E não me lembro do que foi pior, se os gritos de Pancho cozido vivo na panela de água quente ou o olhar que você me deu, mãe, quando cheguei com a roupa rasgada e sem os tomates. Você não acreditou na história de que eu tinha me perdido, sei bem. Ficou enfurecida por dentro, que é como mais machucam os sentimentos quando se inflamam. Você mesma foi comprar os tomates. Comemos os restos de Pancho sem alegria. Minhas tias entravam e saíam, balançando o traseiro grande de mulheres velhas.

— Amelia, ficou insosso — disse Clara à sua irmã mais velha, que lhe lançou um olhar furioso.

— Dê um corretivo a esta menina, que não se endireita, Santo Cristo! — refutou Amelia, para lançar a raiva da irmã em outra direção.

— Virgem Santa! Essa menina vai te fazer de boba — resmungou Clara.

Você, mamãe, não deu importância ao drama das tias e comeu um pedacinho simbólico de torta.

— Mas, Adelaida, minha filha, eu mato aquele bicho e você nem come! Se vai se fazer de criança estragará nosso dia. Céus, como você é teimosa, menina, veja em que estado deixou a sua mãe. — Minha tia Clara cravou em mim seus olhos de cobra enlouquecida, ofendida, segundo ela, com os desgostos e o papelão que eu tinha feito.

Você, mamãe, comeu sem nem erguer a sobrancelha. Foi a primeira a se levantar da mesa e a lavar os pratos. Não falou comigo por dois dias. Meu primeiro castigo de silêncio doeu em mim mais do que qualquer surra. Mas você era assim, mãe. Assim.

* * *

O taxista buzinou duas vezes. Eu tinha demorado muito mais tempo do que o combinado inicialmente. Fui embora, desta vez sem olhar para trás. Mastigando as letras arrancadas do nosso nome, o seu e o meu: Adelaida Falcón. Sentei no assento do passageiro com a boca e o coração desdentados. Expliquei ao motorista as orientações que tinham me dado no escritório administrativo do cemitério. Nos dirigimos a um desses lotes sem colinas, quadrantes repletos de sepulturas engavetadas entre canteiros e nas quais seus inquilinos apodreciam sem vista, empilhados uns nos outros.

— Espere aqui, não vou demorar tanto como na outra lápide; e não se preocupe, vou pagar o que exceder.

O homem bufou, como se a corrida estivesse acabando com ele. Desci batendo a porta com força, com o ramalhete de margaridas na mão.

Não havia ninguém no cemitério. Os longos corredores estavam cheios de folhas secas. Essa parte, um pouco mais antiga do que aonde estava minha mãe, abrigava, em grande parte, túmulos de imigrantes europeus. Apesar de responder a um mesmo padrão, retangular e duro, que igualava todas as lápides, alguns túmulos tinham ganhado pequenas extravagâncias: moinhos de vento de brinquedo e balas para crianças que já estavam mortas havia vinte anos, flores bico-de-papagaio e pinheiros de Natal chamuscados pelo sol. Abundavam as lápides com retratos ovais de homens e mulheres vestidos com trajes fora de moda.

Encontrei o túmulo de Julia Peralta a poucos passos de uma árvore. Uma espessa capa de mato o tapava quase por inteiro, até transformá-lo em uma almofada de grama. Tive que me aproximar e arrancar algumas ervas para ler seu nome completo. Julia Peralta Veiga. Um pelotão de saúvas furiosas fugiu em todas as direções. Eram milhares e vermelhas, como as que se usam para fazer molhos picantes e temperar os sumos de mandioca brava. Os insetos rodeavam a fotografia esmaltada de Julia Peralta: um retrato de estúdio, frio e sem graça. Também em vida Julia tinha algo disso: um ar do além. Enquanto tentava ajeitar as margaridas no vaso, uma das saúvas me mordeu no dedo indicador. Dei um salto para trás, apertando-o com força. Era uma picada enorme. Uma alfinetada que latejava e ardia. Tentei retirar o restante do mato com um pedaço de pau, mas foi impossível. Em poucos segundos o dedo estava inchado, por causa da reação alérgica à picada.

Julia Peralta deve ter achado a minha visita incômoda, por isso me expulsava de seu túmulo com a infantaria de saúvas cujos ovos se multiplicavam sob as

ordens da rainha-mãe. Chupando o dedo como um bebê, recolhi o pequeno ramalhete de margaridas, já murcho, e o coloquei sobre a placa de concreto impressa com seu nome.

Não sei dizer se lhe pedia perdão ou licença. Não sei o que eu fazia de pé, diante daquela sepultura, que poderia ter sido ocupada também por sua filha, não fosse por minha causa. Julia Peralta dormia o sono dos justos alguns metros sob a terra. Sua filha, ao contrário, tinha sido completamente queimada em um contêiner de lixo. Fui eu quem a pôs ali. Fui eu quem lhe pôs fogo e a abandonou. Fui eu.

Se pertencemos ao lugar onde estão enterrados nossos mortos, qual, entre todos, seria agora o meu? Só podemos sepultar alguém quando há paz e justiça. E não tínhamos nem uma coisa, nem outra. Por isso o descanso nunca chegava, muito menos o perdão.

“Le le le le le le le le traigo un ramillete ‘e flores, lo traigo para San Juan de diferentes colores!”, cantavam os negros de Ocumare de la Costa nas noites de junho. “El tiempo maluco que se va no vuelve, plátano maduro nunca vuelve a verde”, acompanhavam outros, enquanto agitavam os quadris nas praias da minha infância. “Le le le le le le le le traigo un ramillete ‘e flores, lo traigo para San Juan de diferentes colores!”*

Deixei ali um ramalhete de margaridas que eu tinha comprado para uma mulher que conhecia pouco e de quem tirei tudo. E assim como São João não voltou ao céu, a paz não surgiu sobre a terra. Naquela tarde senti que, das árvores do cemitério, caíam penas de galinha decapitada. Que os tomates voltavam a se espatifar. Que o jabuti gritava dentro da panela de água fervente. Que os algodões e os peixes brotavam do meu peito. Que a minha mãe morta me impunha um silêncio eterno. E que a outra, a espanhola, alimentava com seu corpo o veneno das saúvas da terra na qual escolheu morrer.

“Neste país ninguém descansa em paz. Ninguém.”

— Para a avenida Urdaneta, Esquina La Pelota — disse ao taxista antes de bater a porta com força.

* Em tradução livre: *Le le le le le le le le, trago um ramalhete de flores,/ trago-o para São João, de diferentes cores!/ O tempo maluco que vai não volta,/ banana madura a ser verde nunca volta.* (N.T.)

“Informamos à passageira Aurora Peralta que, por favor, apresente-se aos funcionários da companhia aérea.”

Deixei meu passaporte no balcão. Desci para a pista. Obedeci: opção dos que não podem escolher.

“Merda”, pensei, enquanto ajustava o colete refletor que a Guarda Nacional obriga a vestir as pessoas que vão declarar algo para viajar.

Era a terceira fiscalização, então supus que se tratava da definitiva, a que diria “vai ou fica”. Eu suava mais do que o normal e agia com a gentileza exagerada que denuncia os que não sabem mentir ou cometer um crime. Lá estava eu, de pé e sem meu passaporte, assistindo a como um funcionário da Guarda Nacional dava-se o último prazer — ao menos comigo — de exercer autoridade. Ordenou que eu pusesse a mala sobre uma mesa metálica. Me fez um gesto com a mão, para que eu me aproximasse. Levantou as trancas. Tac, tac. Me olhou nos olhos, constrangendo-me com seu uniforme verde, sua cartela de medalhas costuradas no peito, a arma no cinto e a cartucheira de balas sem estrear ao redor da cintura. O “excelentíssimo” soltava baforadas de fumaça em cima das minhas coisas, como costuma fazer a autoridade quando está muito preocupada em ser A Autoridade.

— Por que está levando tantos livros e papéis? — increpou. — Trabalha com o quê?

— Sou cozinheira.

— Só isso?

— Sim, só isso.

Olhei para as coisas remexidas dentro da mala. As minhas: livros, cadernos velhos, fotos que não serviam para nada além de me fazer recordar, caso fosse necessário, quem eu era ou quem tinha sido. Em seguida vinham as outras: a roupa feia e antiquada de Aurora, os álbuns e as cartas que eu tinha conferido e estudado e que levei comigo como se fossem anotações de quem se prepara para uma prova. No forro da mala, que confeccionei especialmente para a viagem, eu levava as escrituras dos dois apartamentos, o meu e o das Peralta. Esses documentos não supunham delito, mesmo assim preferi escondê-los.

No meio da pista do Aeroporto Internacional Comandante Revolucionário Eterno, aturdida pelo cheiro de mar misturado ao de combustível, vi desfilar

objetos com os que eu teria que atravessar o Atlântico. Me senti diante do ventre aberto de uma baleia que se deixa ser tocada nas vísceras. Senti vergonha, quis cobri-la e cobrir a mim mesma, mas não protestei. Não levantei um dedo. Não perguntei ao “excelentíssimo” quantas balas de sua cartucheira levavam nosso nome escrito. Tampouco quis me refugiar na solidariedade dos que permaneciam em fila: civis forçosamente obedientes.

— Então a senhora é cozinheira. E que tipo de comida faz? Porque, para cozinhar, não precisa de tantos livros, não é? — insistiu.

— Faço tortas e doces, excelentíssimo. Também gosto de ler. Fico entediada enquanto espero o forno aquecer, por isso leio tanto.

— Humm... E o que mais?

— Não entendi.

Fiquei olhando para ele.

— Estou perguntando o que mais vai fazer. Vai à Espanha para trabalhar de cozinheira? A senhora só tem a passagem de ida, cidadã. Aqui não estou vendo a de volta em canto nenhum.

Proferi meu discurso de cor, como tinha feito mil vezes na frente do espelho do banheiro.

— Sabe, excelentíssimo, a minha tia mais velha está doente. Está muito velhinha — eu odiava os diminutivos, mas achei eficaz usá-lo aqui para dar mais veracidade ao meu desempenho —, e, sabe, tenho que cuidar dela. O meu retorno depende da sua melhora, por isso não comprei a passagem de volta.

— Humm, sei... — disse ele, com ar simiesco, como se não entendesse o que estava lendo, muito menos as minhas explicações. — Espere aqui, cidadã.

Sumiu por um tempo, que parecia uma eternidade. Temi que me mandassem ao quartinho do raio X. Lá nos tiravam a roupa, nos colocavam em placas de metal em forma de V, caso levássemos drogas escondidas no estômago ou a vontade de ir para o inferno na alma. As primeiras eu não tinha, mas a segunda podia ser vista em mim pelo corpo todo. Só de imaginar, senti vertigem. Tudo o que era importante eu levava bem apertado em uma faixa para dores na lombar. Um pretexto frágil, mas ainda assim um pretexto. Entre as minhas costas e a minha barriga estavam os euros em dinheiro vivo de que eu ainda dispunha e os cartões bancários de Aurora Peralta. Bem apertados em outro fundo falso que fiz de moedeiro, viajavam os cartões e os poucos documentos que correspondiam à minha identidade real.

As coisas tinham que sair desbragadamente mal para que quisessem me

revistar. Mas, claro, o desenlace não é decidido por quem teme, e sim por quem infunde o medo. Aí estava a graça, era como brincar com a comida antes de levá-la à boca, submeter a vontade do outro sem nem sequer tocá-lo.

O sujeito voltou dando passos largos, como se o enfado lhe pesasse mais que as botas.

— E sua tia, como se chama, cidadã?

— Francisca Peralta, excelentíssimo.

— Ahã, Francisca Peralta. A senhora está levando comida?

— Não, excelentíssimo. Pode verificar.

— Humm... Se pergunto é porque é preciso controlar os crimes ecológicos e de alfândega.

A bagagem continuava aberta. O oficial pegou um dos livros e o cheirou.

— Se a senhora cozinha, por que o livro não tem cheiro de comida?

— Excelentíssimo, estou viajando para cuidar de uma mulher doente, não para cozinhar.

— Humm. Mas do que tratam esses livros que está levando? Têm receitas?

— Não, excelentíssimo, são romances. Leio-os para me distrair.

— Humm... E onde sua tia mora?

— Em Madri, excelentíssimo.

— Em que parte de Madri, cidadã?

— Em Las Ventas, excelentíssimo, ao lado da arena de touros.

— Ah, é? Há touradas em Madri?

Assenti.

— E a senhora? É espanhola? Se vai ficar tanto tempo, é porque lhe é permitido ficar, não? A senhora deve ter documentos europeus.

— Minha mãe era espanhola e, como se pode ver, tenho as duas nacionalidades.

— Humm... E onde está o passaporte espanhol?

Me bateu uma tontura e senti a barriga pegar fogo. Assenti e levei a mão ao bolso para pegá-lo.

— Aqui está.

— E por que não me mostrou antes?

— Mas, excelentíssimo, porque... porque... sou cidadã deste país, sabe? — disse isso com o passaporte ainda nas mãos.

— Me dê isso aqui.

Hesitei por um instante. Se minha vida tinha algum sentido, era graças àquele

documento. Entreguei-o como se entregasse um rim.

— Espere aqui.

Sumiu outra vez. Tive a impressão de que, diante de qualquer situação minimamente complexa, ele tinha que consultar mais alguém, como se seu entendimento não fosse suficiente para algo distinto dos trabalhos de rotina. Ao meu lado esperava uma moça de quem confiscaram oito tabletes de chocolate. Ela, sem nacionalidade espanhola, teve que explicar centenas de vezes que ia fazer pós-graduação em Barcelona. Depois de morder todos os tabletes, o oficial lhe perguntou se ela regressaria. Ela, sem vacilar, disse que sim. Duas mesas adiante, uma mulher mais velha teve que desfazer novelos inteiros e explicar que era lá para tricotar. Quase todos os que esperávamos para sermos revistados tínhamos os mesmos traços: mulheres e idosos, um perfil fácil de intimidar.

Olhei para os pastores-alemães que os policiais utilizavam para detectar a droga que vinha de outros países e que os próprios funcionários encobriam. Os cachorros não tinham focinheira e farejavam tudo, enterrando o focinho entre as pernas e nas bolsas de mão das pessoas. Nos cutucavam, enfiavam os dedos onde mais nos doía. Nos chamavam de cidadãos, mas nos tratavam como criminosos.

Faziam-se de desconfiados e retinham as pessoas para deixar passar os que, estes sim, levavam cocaína escondida. Fazer vista grossa com os contrabandos suspeitos ganhando tempo com gente como eu acabava sendo rentável. Drogas dão mais dinheiro que intimidação. Infundir medo, além do mais, dá prazer.

O oficial voltou com meu passaporte na mão.

— Humm...

Não entendi o que ele queria dizer com aquele som. Mais que falar, ele mugia.

— Me acompanhe — ordenou.

Achei que era o fim. Segui aquele homem por corredores cinzentos. Sem passaporte. Sem telefone. Sem escapatória. Não era a Falcón nem a Peralta. Se me violassem ou se fizessem picadinho de mim, ninguém chegaria a saber. Ele me conduziu até uma sala em que um homem obeso revisava documentos.

— Sente-se. Como a senhora se chama?

— Aurora Peralta.

— Por que vai para a Espanha?

— Para cuidar de um familiar doente.

— Está levando euros, cidadã?

Não sabia que grau lhe atribuir, mas como este homem, sim, parecia mandar, desisti da ideia de chamá-lo de excelentíssimo.

— Não, senhor.

— E como vai pagar sua estadia lá?

— Vou me hospedar na casa dos meus familiares.

O homem inspecionou meu passaporte e soltou um suspiro que me pareceu uma flatulência.

— O cabo Gutiérrez me diz que você está limpa. Para comprovar isso, teríamos que passá-la pelo raio X.

Devo ter arregalado os olhos.

— Mas não se preocupe, cidadã, o Estado irá pagar. Para a senhora não vai custar nem um centavo. De todo modo, isso demoraria muito e o voo está lotadinho. A senhora faça o favor de acompanhar o cabo Gutiérrez; eu fico com seu passaporte e, se a senhora colaborar, nós o devolveremos.

Gutiérrez pôs as mãos na cintura. Me vi pagando com sexo uma morte rápida. O que eu devia fazer? Gritar? Para quê? De que adiantaria?

— Como o senhor quiser, comandante. Se posso colaborar, o farei — respondi como se engolissem sêmen.

— Siga o cabo... E colabore, cidadã.

Gutiérrez me acompanhou até a pista.

— Agora você tire o colete — ordenou.

O fato de ele me tratar por “você” me deixou com medo. Me desfiz do colete e o deixei sobre a mesa, ao lado da minha mala.

— Suba comigo.

O avião permanecia estacionado, mas eu continuava em terra.

O cabo Gutiérrez caminhou comigo pelos corredores e galerias por onde perambulavam os passageiros rumo aos seus portões de embarque. Parou na frente de uma das lojas isentas de impostos, esse império de perfumes, bebidas e maquiagem. Seu tom mudou de repente.

— Olha aqui, boneca: você entra, escolhe a tevê Samsung... esta, a maior. Vai para o caixa, apresenta seus documentos e leva o aparelho.

Enquanto ele falava, eu assentia.

— Mas, excelentíssimo, eu não tenho dinheiro para pagá-lo.

— Isso não é problema, filhinha. Você traz e pronto.

Escolhi o televisor, dei meus dados e meus documentos. O empregado da loja emitiu uma fatura, empacotou o produto e grampeou o recibo.

— Boas compras e boa viagem — disse.

Voltei para onde o excelentíssimo estava. Ele indicou o chão com o queixo e eu deixei o televisor ali. Um empregado do aeroporto recolheu o pacote. Só então começamos o caminho de volta para a pista. Acabamos no ponto onde tudo começou: na frente da minha bagagem. Ele abriu a mala outra vez. Revistou-a maquinalmente.

— Tudo em ordem, cidadã — disse.

Só então me devolveu os passaportes, o espanhol e o venezuelano, ambos com o nome de Aurora Peralta. O documento espanhol retornou às minhas mãos acompanhado de um adesivo amarelo em forma de círculo. Subi com dificuldade as escadas para a sala de espera. Minhas pernas tremiam.

Da sala envidraçada do portão de embarque, observei a pista de aterrissagem e os trabalhadores do aeroporto. Aqueles homens e mulheres que movem os braços como se quisessem fazer os aviões dançar. O asfalto brilhava como um garfo recém-polido, enquanto as turbinas arranhavam os vidros com sua rouquidão. O relógio do corredor não funcionava, sua pontualidade adormecida marcava as duas da tarde sem bateria. Olhei meu passaporte, como se, ao repassar suas folhas e meus olhos vazios na foto, tentasse me convencer de que, desta vez, sim, eu era Aurora Peralta.

Ao meu redor, vi passageiros grudados a celulares. Matavam o tempo e a angústia apertando a ponta de seus dedos contra as telas. O aeroporto se transformou em um forno crematório com ar-condicionado no qual alguém, esta mulher, aquele garoto ou este homem de óculos enviava mensagens antes de cruzar o mar como quem queima seus últimos cartuchos ou, por que não, as últimas chances. Não regressar era o melhor que podia nos acontecer.

Meu celular tocou no bolso. Era Ana. Falava aos gritos em meio a espasmos de choro. Eu não conseguia entender nada do que ela dizia. Julio pegou o telefone. Santiago estava morto. Encontraram-no num descampado, nos arredores da cidade, com três disparos na cabeça e uma bolsa de cocaína em uma mochila.

— Cocaína?

— Sim, Adelaida. Você não viu nos jornais? O governo vendeu o assunto, como só eles sabem fazer. “Assassinado o líder estudantil da resistência que traficava drogas.” Começou a soar uma interferência. — Está me ouvindo?

— Sim, Julio. Me passe para Ana.

Ele disse para Ana que falasse comigo.

— Isso não é verdade, e você sabe disso!

— Não, não, me escute. O importante, Ana... O importante é que você fique tranquila — insisti aos berros, como se ao gritar conseguisse expulsar meu próprio assombro.

— Não, não...!

— Ana, me escute! — Era impossível falar com ela. Não parava de chorar. — Ana, me escute, Ana. Ana! Ana, está me ouvindo?

A ligação caiu. Tentei ligar várias vezes, mas só dava caixa postal. Deixei três mensagens.

Cravei os olhos no caminhão de bagagem estacionado junto ao avião. A voz de uma funcionária da companhia aérea anunciou o início do embarque do voo 072X com destino a Madri. Os operários apressavam-se com a carga dos últimos volumes e caixas. Com o celular na mão, observei as malas, tentando identificar a minha, mas não consegui. Todas me pareceram pequenas, insuficientes para abrigar a vida de Aurora Peralta. As malas se assemelhavam a nós: eram empilhadas e chutadas. Compartilhávamos com elas uma vulnerabilidade de peixe. Alguém nos esquartejava, nos rasgava de cima a baixo para invadir sem pudor tudo o que trazemos dentro.

Nesse dia entendi do que são feitas certas despedidas. A minha, daquele monte de merda e vísceras, daquele litoral destruído, daquele país ao qual eu não conseguia devolver nem sequer uma lágrima.

Subi ao avião e ocupei meu assento. Desliguei o celular, e com ele, os nervos. Olhei pela janelinha. Tinha anoitecido e uma eletricidade de miséria e beleza percorria a cidade. Caracas parecia acolhedora e ao mesmo tempo terrível, o ninho aquecido de um animal que ainda me olhava com olhos de serpente raivosa em meio à escuridão.

Uma única letra separa a palavra “partir” de “parir”.

Fui ao rio para lavar roupa branca. Me acompanhava uma menina com as calças furadas. Uma abertura manchada de sangue seco rasgava o tecido sobre o joelho direito. Olhei para a bacia cheia de panos sujos. Perguntei para a menina qual era seu nome, o que tinha acontecido com ela, onde estava sua mãe. Ela me pegou pela mão e me puxou com a força de um ciclope. Submergimos numa água barrenta que em nada se parecia com a margem límpida e tranquila na qual eu torcia meus lençóis. Flutuamos entre serpentes de excremento que se moviam lentamente junto a cavalos e ginetes mortos. Tinham os olhos abertos, cor de gema cozida: órbitas esvaziadas de vida. Os cadáveres de animais e homens se chocavam contra a menina e contra mim; nós duas nadávamos com dificuldade naquela sopa morna de sangue e merda. Incapazes de mudar de rumo, avançávamos sob a corrente, que nos centrifugava na câmara lenta dos pesadelos. A menina me puxou pela mão e me afundou ainda mais no arrecife de algas e longas cabeleiras de uma merda firme e endurecida.

Quis nadar até a superfície, mas a menina voltou a me puxar pela mão para me mostrar algo. Atrás de um cavalo com sela e sem ginete, boiava um corpo transformado em novelo. Um homem-feto em uma placenta séptica. A menina nadou até ele sem soltar minha mão. Segurando-o pelo ombro, girou seu corpo para que pudéssemos ver seu rosto. Era Santiago. A pequena usou seu braço livre para virá-lo. Nos abraçamos os três, com aquele cardume de animais, bosta e homens mortos ao nosso redor.

Quando abri os olhos, uma aeromoça tocava meu ombro.

— A senhora está bem?

Eu devia estar gritando.

— Sim, estou bem.

Sentia a boca pastosa e pesada. Segurava com as mãos a bolsa, que mantive o tempo todo sobre o colo.

— Em uma hora aterrisaremos no aeroporto de Barajas. Deseja tomar café da manhã?

Assenti, aturdida. Um cheiro adocicado, de pão assado, impregnava o ambiente. A mulher pôs na minha frente uma refeição engaiolada em uma bandeja: frutas cortadas em cubos, manteiga dura e uma *tortilla* sem cor para viajantes sem fome.

— Quer chá? Café? Com leite ou puro? Açúcar ou adoçante?

Perguntas demais. A senhora quer continuar ou voltar? Seu nome é Adelaida Falcón ou Aurora Peralta? A senhora a matou ou ela já estava morta? Está fugindo ou roubou algo? O avião me pareceu pequeno, asfixiante.

— Estou com sede — disse.

— Quer água? Suco? Abacaxi ou laranja?

— Laranja, quero de laranja.

Bebi o concentrado de uma vez. Recuperei vida e lucidez com o sabor químico daquele cítrico que irrigava meu cérebro seco. Inspeicionei tudo o que estava ao meu redor. Ninguém viajava ao meu lado. Brinquei com um pedaço de pão. Olhei outra vez para os potinhos minúsculos e inúteis. Tudo tinha terminado da mesma forma que começou: com uma pilha de pratos que não servem para nada. Virei o rosto para a janela, o céu preto amanhecia com preguiça, como se o lento surgimento do sol arrancasse o dia que se extinguia do outro lado do oceano. Deixar para trás, esse prodígio que o Atlântico oferece aos que o cruzam.

Mal comi. A aeromoça levou a bandeja e recolheu com pressa os guardanapos amarfanhados e o copo vazio. O piloto do voo 072X anunciou que em vinte minutos aterrissaríamos no aeroporto de Barajas, Madri. A temperatura era de vinte e um graus. Virei o rosto para a janelinha outra vez. Estudei o semblante irrereal das cidades quando as olhamos de cima: esse aspecto falso, de maquete e miniatura. Estradas, casas, terrenos, piscinas, carros minúsculos, motoristas que dirigiam para quem sabe onde. Vidas pequenas, insignificantes, distantes. Aterrissamos de repente. O avião avançou arranhando a pista. O cheiro do pão frio me seguiu até a única porta que desovava os passageiros, um atrás do outro. As poltronas pareciam um campo de batalha: travesseiros esquecidos, papéis amassados, copos de papel machucado com restos de suco e refrigerantes, o último bocejo impresso nas janelinhas.

Atravessei o túnel com o passaporte na mão, carregando minha identidade como se fosse uma bússola. O aeroporto exibia uma modernidade de país com dinheiro. Ao chegar ao controle de imigração, encontrei duas filas. Uma para os passageiros da União Europeia, outra para estrangeiros. Como quem leva coisas roubadas na bolsa de mão, me pus na dos europeus. Esperei a minha vez. Um oficial da Polícia Nacional verificou meu passaporte. Tinha a barba feita, uma aparência boa. Sua autoridade nunca poderia chegar a ser tão perigosa como a do cabo Gutiérrez em seu uniforme militar cheio de insígnias.

O trâmite de ser outra pessoa se complica quando há um balcão no meio. É como vender a angústia por peso. O passaporte espanhol, meu passaporte, não tinha nem um único carimbo em suas páginas. Estava completamente em branco. Isso deve ter chamado a atenção do policial, porque ele se deteve examinando cada página. Viu a data de emissão e minha fotografia de Aurora Peralta, o fechou e me devolveu. Até logo; e nada mais. Nesse pequeno habitáculo, graças a um papel timbrado, eu era espanhola. Talvez pela primeira e única vez, fui aquela a quem substituí.

Avancei com as pernas bambas. Percorri as galerias e as gargantas do aeroporto empurrando meu nome como se com ele iluminasse algo. Quando cheguei à esteira de bagagem, as correias giratórias cuspiam malas. As luzes fluorescentes do lugar pareciam uma incubadora na qual crescia, irregular, a mulher que se acomodava dentro de mim. Eu era minha mãe e minha filha. A obra e a graça de um desespero. Naquele dia, dei à luz a mim mesma. Me iluminei apertando os dentes e sem olhar para trás. Minha mala era o último esforço. Peguei-a pelas alças e caminhei para a saída.

— Maldito país: não vai me ver de novo nunca mais — disse em voz baixa.

Naquela manhã, pela primeira vez na vida, venci. Com o arpão cravado no ventre, mas venci.

Todo oceano é uma sala de cirurgia onde um bisturi afiado rasga quem se atreve a cruzá-lo.

Uma família esperava com balões e faixas. Primeiro pareciam eufóricos, e em poucos segundos eram dominados por uma expressão de decepção ao comprovar que nenhum dos que saíam pelas portas envidraçadas era o viajante que esperavam. Vi também homens que seguravam tablets com o nome de um passageiro e mulheres bastante maquiadas, vestidas como aeromoças, que aguardavam a chegada de grupos de turistas. Quis bater em todos. Não sei por que, mas queria machucar, ferir, arrasar. Ser um furacão. Uma força da natureza. Puxei minha mala até chegar a um banco vazio.

Chequei o endereço: rua Londres, número oito, Las Ventas. “É importante que você diga ao motorista de táxi que o endereço está dentro da M-30”, escreveu María José em nossa última troca de mensagens. Dez linhas com instruções e o desejo final de que eu fizesse uma boa viagem. Mas, depois de tudo, o que era uma boa viagem? A quem se deseja uma coisa dessas? A quem retorna ou a quem vai embora? À pessoa que se é ao sair ou à que chega sendo já outra, afinal?

O que aconteceria se eu não aparecesse, se me perdesse por Madri e fosse em busca da vida sem ter que pagar o preço de uma família que eu não conhecia? Por que tinha que me meter entre gente de quem eu nada sabia, quando podia, com meu novo sobrenome, me perder sem dar explicações? Senti medo, muito mais do que tive quando me desfiz do cadáver da mulher que agora me dava o nome.

Olhei para os meus sapatos, a única coisa de fato minha que eu usava. Qualquer pessoa que me visse teria pensado que eu era alguém do interior, alguém que jamais tinha subido em um avião ou utilizado um caixa automático. A roupa estampada e volumosa denunciava o disfarce do meu corpo. Desde que tinha assumido ser Aurora Peralta — vestir e me comportar como ela, recordar e até às vezes pensar como ela —, percebia a mim mesma como uma mulher não desejável, assustada e sem atributos.

Por onde uma pessoa começa a mentir? Pelo nome? Pelo gesto? Pelas lembranças? Talvez pelas palavras?

Dar voz à Aurora Peralta exigia liquidificá-la dentro de mim, assimilá-la até ficar parecida à ideia remota que tinha dela na minha cabeça. Ser Aurora Peralta impunha um luto de mim mesma. Deixar de ser. Perder existência e concedê-la à

sua versão que teria que tomar forma nos dias seguintes em minha voz, minhas recordações, em minha maneira de reagir e desejar, em minha fisionomia. Com que eu preencheria o primeiro encontro, os primeiros dias, isso que segue as instruções básicas de “aqui é o banheiro, a cafeteira funciona assim, a televisão se liga assado”? Que comentários eu ia fazer nos instantes depois da trégua de cortesia, das boas-vindas ao desconhecido? Podia lamentar a morte de uma mãe que não era a minha, mas como ia falar de sua doença e de sua morte? Cedo ou tarde o assunto surgiria. Que cara tinha que fazer quando alguma delas se referisse à casa, aquela sobre a qual tanto falaram Julia e Paquita nas cartas que trocaram nos últimos anos?

Dois dias antes da minha viagem, abri a carta da Previdência Social espanhola dirigida a Julia Peralta. A data de envio era recente e nela pedia-se uma renovação da prova de vida para assegurar o pagamento da pensão de viúva. Seis cartas do mesmo tipo permaneciam arquivadas, uma por ano, desde a morte de Julia. Estavam acompanhadas de uma documentação escrita na qual Aurora Peralta atestava ao consulado espanhol na cidade que sua mãe estava viva, mas que seus problemas de saúde a impediam de se apresentar pessoalmente. Um atestado médico, assinado pelo mesmo funcionário, fazia as vezes de prova. Aurora Peralta não teve tempo de responder a última carta; e embora eu tenha tido o cuidado de conseguir, por uma soma absurda, um documento parecido, não tive coragem de enviá-lo.

“Mamãe sempre diz que eu ganhei peso”, tinha escrito Aurora Peralta no registro mais recente de um diário que achei na gaveta da mesinha de cabeceira. Estava escondido, como se ela temesse que alguém fosse lê-lo. Era um caderno azul com as folhas amareladas, parecendo um lençol urinado. Estava cheio de anotações de pensamentos simples: rascunhos de uma adolescente que queimava de ressentimento à medida que se aproximava da juventude e que acabou por se apagar na resignação da idade adulta. Com apenas uma linha escrita a cada dia vivido, Aurora podia ter chegado aos oitenta anos e ainda lhe sobriariam folhas no caderno.

“Hoje estou triste.” “Ontem não jantei.” “Não quero ir ao restaurante.” “Mamãe é uma desvairada.” “Engordei outra vez.” “O humor de mamãe é insuportável.” “Hoje fui ao bingo.” “Não quero falar com ninguém.” “Detesto quando minha mãe me enche.” “Mamãe quis sair hoje, mas eu não.” “Discutimos.”

Mais que sentimentos, Aurora derramava o inventário de alguém que não

parecia nem mesmo obedecer, e sim apenas pastar. Em poucas ocasiões fazia alusão a algo que ultrapassava o universo da própria saúde, das brigas com a mãe ou do restaurante, onde era exigida cada vez com mais insistência.

“Não gosto desse lugar.” “Não quero ficar lá.” “Acho chato cozinhar.”

As anotações dos últimos anos desenhavam uma imagem ainda mais nebulosa de quem era ou do que queria Aurora Peralta. A única coisa que ela deixava claro era que não gostava do restaurante e muito menos de trabalhar com a mãe. “Hoje tive que fritar oitenta empanadas.” “Mamãe vai à sede do partido para cozinhar. Não quero ir. Não sou empregada.” Descrições de apenas duas ou três linhas, dotadas de certo desprezo pela forma serviçal que sua mãe tinha de ganhar a vida. Seu tédio era muito maior que a repulsa que sentia por aquele negócio.

A doença de Julia Peralta, que ela descrevia apenas como câncer, em seu diário ganhava características de uma pessoa. Um indivíduo com vontade própria. Algo como uma nova pessoa da família que se mudou para o apartamento onde elas viviam e a quem ela atribuía estados de humor. Tudo estava escrito de forma precária, quase teatral, feito uma criança que brinca com duas caixinhas de refresco fazendo vozes de objetos inanimados.

“Hoje o câncer foi mau com minha mãe, a deixou largada na cama. Fui eu que abri e fechei o restaurante; mal.” “O câncer ficou bravo, não pudemos abrir hoje. Clínica o dia todo, tenho pena da mamãe. Mas foi ela que quis ficar doente, porque fica enfiada o dia inteiro naquele forno. O lado bom é não ter que fritar nada.”

Poucos objetos se destacavam entre as coisas de Aurora que encontrei no quarto. Não parecia ler grande coisa. Na estante havia poucos livros, no máximo dois ou três romances de Isabel Allende e um exemplar de *Doña Bárbara*, o clássico nacional. Também não parecia escutar música. Gostava, isso sim, de recortar notícias de jornal e revistas. Tinha coleções desconexas. Uma receita de toucinho do céu, arroz-doce ou profiteroles ao lado do resumo diário das novelas que passavam na televisão. Era possível reconstruir o histórico dramático de uma década inteira com sua hemeroteca. Aurora devia sofrer com o desenlace de cada capítulo, porque sublinhava com caneta os resumos redigidos. Finais que me pareciam sempre iguais, mas que ela realçava como se fossem excepcionais.

Ao chegar na terceira pasta de recortes, fiquei paralisada. Aurora tinha guardada entre suas coisas a imagem do soldado morto na calçada, o mesmo que descobri no dia do meu aniversário de dez anos e que eu mesma conservei por

tanto tempo. Estendi a capa do jornal para rever a imagem desdobrada daquele rapaz com os olhos encharcados de sangue. Pela marca das dobraduras do jornal, entendi por que Aurora tinha guardado essa foto: pertencia à mesma folha dupla da capa, a que contém a primeira e a última páginas, onde costumavam riscar as resenhas de televisão. No extremo oposto do jornal, que informava sobre a primeira explosão social do país no qual nós duas crescemos, estava — devidamente sublinhado — o obituário da atriz Doris Wells, A Fera. Wells era nossa malvada favorita, a vilã elegante, a que submetia todos nós com suas sobranceiras ásperas e sua cabeleira dourada. Eu guardava a morte de um país, e ela, a de uma atriz de telenovela. Ambos eram uma ficção.

* * *

Sentia-me atordoada, pesada, incapaz de arrastar a bagagem até a porta do aeroporto. Quando levantei o olhar, encontrei grupos que repetiam as mesmas ações, só que realizadas por outros integrantes. Famílias ansiosas cujo rosto ia mudando: o sorriso diante do passageiro que pode ser, desta vez sim, o seu, e que se apagava de repente pela decepção, ah, não, esse não. Mas olha, olha, olha, esse sim! Espalhados nas laterais, os mesmos homens com tablets nas mãos, ainda que, na verdade, fossem outros. As mulheres, também muito maquiadas, mas também outras, que recebiam um grupo de japoneses. Tudo era igual e diferente, como uma lâmpada que se acende e se apaga. E eu ali, sentada no mesmo banco, sem mover um músculo e me perguntando o que fazer com meu golpe de mestre, como se fosse uma granada.

As transfusões de Aurora Peralta que corriam em minhas veias eram insuficientes. Para seguir adiante com essa história, eu tinha que dar todo o sangue. Desembotar. O fato de Aurora ter sido uma infeliz não me obrigava a sê-lo também. Se tinha chegado tão longe, não ia desmoronar agora.

Caminhei até o ponto de táxi.

— Para a rua Londres, número oito, por favor — disse ao motorista depois de fechar a porta.

A Belina branca arrancou com toda força e se perdeu na M-30, enquanto a voz de um homem dava a hora no rádio: “Nove horas agora, oito nas Canárias.”

Atravessei uma enorme avenida com edifícios envidraçados de um lado e do

outro. O céu parecia limpíssimo, como uma grande janela. Repassei a biografia da minha nova família. María José trabalhava como enfermeira em um posto de saúde municipal. Depois de seu divórcio, seu filho e ela se mudaram para um apartamento alugado a algumas quadras da casa de Francisca. Era no quinto andar e dava para a rua, bem iluminado. “Você vai gostar”, afirmou em seus últimos e-mails. Francisca, sua mãe, vivia na antiga casa familiar, entre as ruas Cardenal Belluga e Julio Camba, bem perto da praça América Española, um lugar que aprendi a amar, por causa das três oliveiras plantadas em uma rotatória e que jamais mudavam de aspecto, a única coisa firme naquela vida de quatro estações. Francisca morava sozinha, mas uma mulher boliviana cuidava dela. A lucidez de Francisca, pelo que entendi, vai e vem, em intervalos. “Você logo verá”, escreveu María José. “Sim, logo verei”, disse a mim mesma em voz baixa enquanto os edifícios, ao contrário, eram um mais alto e moderno que o outro.

O taxista virou à direita na ponte de Ventas e cruzou por trás da arena de touros, um lugar onde morriam animais e homens: a mesma liturgia da minha cidade celebrada qual uma ópera. Comprar um assento para ver morrer. Para mim, que coisa, saía de graça.

Achei o número oito da rua Londres um prédio bonito. A porta estava aberta. Um homem de pele curtida e rachada varria uma escada que para mim estava impecável. Vestia um macacão azul-marinho e tinha um sorriso de fumante, cheio de manchas escuras. Largou a vassoura e me ajudou a subir a bagagem.

— Vou ao quinto andar.

— Ah, sim... no da María José. Ela me avisou que esperava por alguém. Quer que eu a acompanhe?

— Não, obrigada — disse, resoluta.

Quando as portas do elevador se fecharam, me virei para o espelho. Minha fisionomia era lamentável. Estava esgotada, envelhecida, amarga. Entre a mulher que eu era e a que me olhava de volta havia uma longa fila de espectros, versões lavadas de um documento original. Tinha perdido muito peso. Parecia mais velha, antiquada, como se em vez de vir de outro país, viesse de outro tempo. Assim devia ser o aspecto da mãe de Aurora Peralta quando chegou à minha cidade. Mas eu estava viva. Ela, não mais.

Viver, um milagre que ainda não consigo entender e que morde com a dentada da culpa. Sobreviver é parte do horror que viaja com quem escapa. Uma animália que tenta nos derrotar quando nos vê saudáveis, para nos fazer saber que um outro merecia seguir a vida, mais do que você.

Parei diante de uma porta de madeira identificada com a letra D. Endireitei as costas e toquei a campainha. Ouvi passos e o rangido da fechadura ao abrir.

— Você é...?

— Sim, sou eu: Aurora.

Eram dez e meia da manhã. Nove e meia nas Canárias.

Em Caracas, sempre seria noite.

Esta é uma história de ficção. Alguns episódios e personagens do romance são inspirados em fatos reais, mas não atendem à exigência dos eventos. Desprendem-se da realidade com uma vocação literária, não de testemunho.

Agradecimentos

À minha irmã Cristina, a poeta que me ensinou a ler dentro de mim mesma e viveu como suas cada uma destas páginas.

À minha mãe, por sua verdade.

Ao meu pai, o *Gran Gran Capitán*, pela imensidão que ocupam seus olhos em minha vida.

Ao meu irmão Juan Carlos, por me ensinar que existia um mar e que eu podia atravessá-lo quando quisesse.

Ao meu irmão Carlos José, por seu sorriso desconcertante em meio à tormenta.

A María Aponte Borgo, a única e verdadeira escritora.

A José e a Eulalia Sainz. Agora os compreendo.

Às minhas mulheres: as que escrevem e as que não escrevem.

A Óscar: sem você, nenhum romance existiria. Nem este nem os que dormem em uma gaveta.

A Emilio, pelo empurrão para *A estrada*.

A Marina Penalva, por saber ler de maneira profunda esta história. E sobretudo por acreditar nela.

A Haydn, Mahler, Verdi e Callas.

Aos cantos das *piloneras* que escutei de Soledad Bravo, aos tambores de São João e ao polo margaritenho “La embarazada del viento”.

À minha terra, sempre rachada. Dividida em ambos os lados do oceano.

Sobre a autora



www.jeosm.com

Karina Sainz Borgo nasceu em Caracas em 1982. Desde 2006 vive e trabalha em Madri. Trabalhou no jornal El Mundo, é jornalista especializada em cultura no jornal Vozpopuli.com e mantém o blog Crónicas Barbitúricas. *Noite em Caracas* é seu primeiro romance e já teve os direitos de publicação vendidos para 23 países.

[@karinasainz](https://www.instagram.com/karinasainz)

Leia também



As coisas que perdemos no fogo
Mariana Enriquez



Destinos e fúrias
Lauren Groff